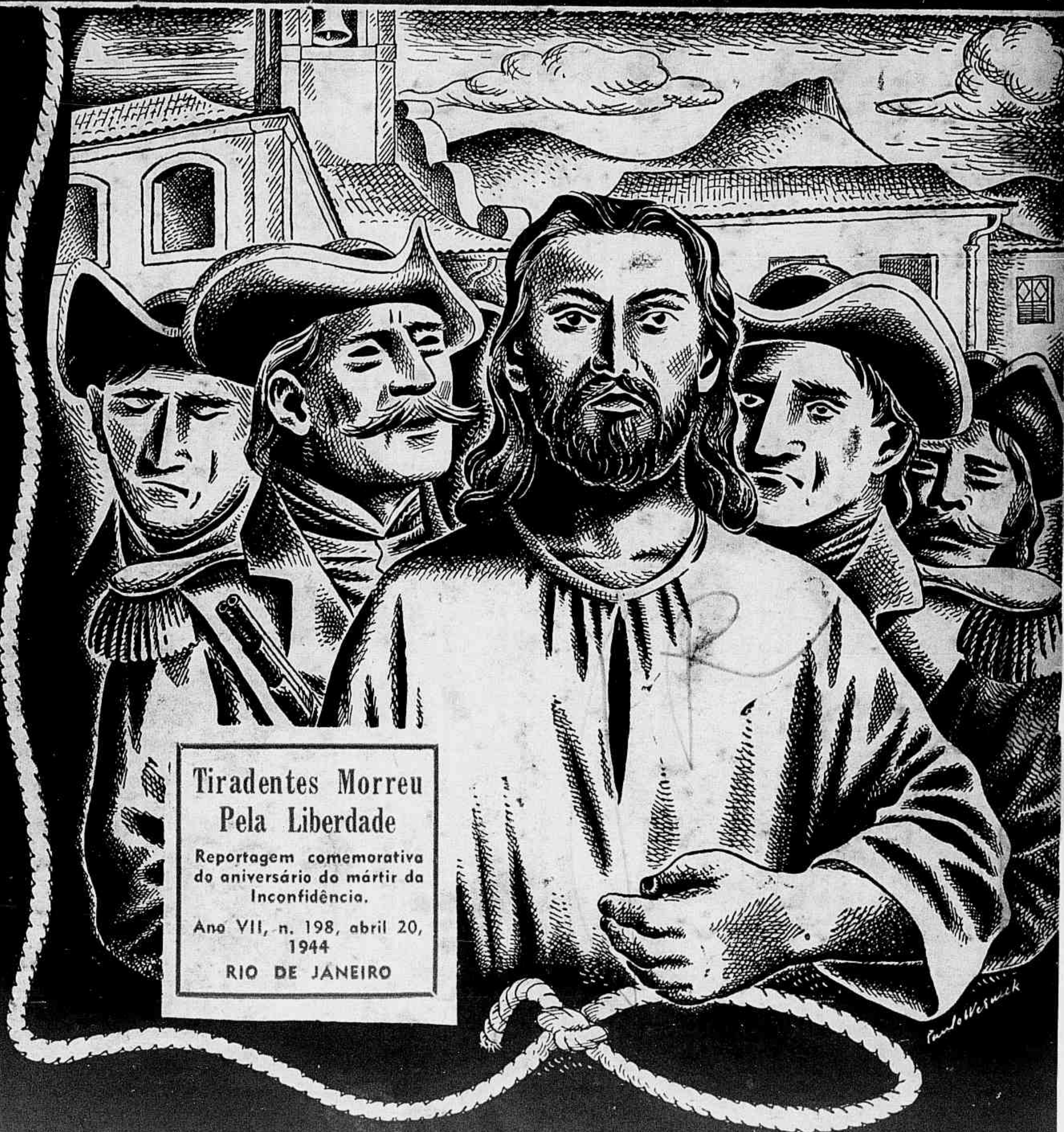


DIRETRIZES



**Tiradentes Morreu
Pela Liberdade**

Reportagem comemorativa
do aniversário do mártir da
Inconfidência.

Ano VII, n. 198, abril 20,
1944

RIO DE JANEIRO

Tudo de um só

DIRETRIZES

UM SEMANARIO A SERVIÇO DA LIBERDADE

O PASTOR TUCKER, HEROI DO BRASIL

Em 57 anos de apostolado, assistiu e viveu alguns dos momentos culminantes da historia do Brasil.

Reportagem por
Francisco de Assis Barbosa



POR volta de 1885, a comunidade norte-americana do Rio de Janeiro pediu aos Estados Unidos um pastor evangélico. Precisavam de um pastor que fosse moço e solteiro. Naquê tempo, a comunidade (umas cem pessoas ao todo não podia sustentar um pastor casado e com filhos. Daí a exigência. No dia 4 de julho do ano seguinte chegava ao Brasil o reverendo Hugh Clarence Tucker, pastor evangélico, moço e solteiro que assumia, perante a comunidade, o compromisso de não se casar dentro de dois anos.

— Aqui cheguei no dia em que se comemora a independência norte-americana — conta ao repórter o velho Tucker. Um bonito dia!

O velho tem uma grande cabeça, uns olhos miúdos e bons, um riso franco. Eis o reverendo H. C. Tucker que há cinquenta e sete anos está no Brasil, em missão evangélica.

— Quantos anos tem o sr. ?
— Estou com 86. Si durar até 4 de outubro, terei 87 completos.

E sorri. Tenho a impressão de que Tucker conquistou a sua vitória graças a esse jeito simples, bonachão, sempre sorrindo, sempre de bom humor. Um homem assim resiste a tudo e pôde viver mais de cem anos. É como me parece o patriarca da Igreja E-

vangélica na América Latina: firme como uma árvore centenária.

— Vivo no Brasil há mais de meio século. A terra é boa. Vim para ficar dois dois anos, acabei ficando.

H. C. Tucker me conta coisas da sua vida. Nasceu em Nashville, em Tennessee, numa pequena fazenda. Sua família era da roça, gente modesta. Hugh foi o quarto rebento duma prole de onze. Graduou-se em religião na Universidade de Vanderbilt e velu para o Brasil. Tucker foi o primeiro pastor protestante da colônia norte-americana do Rio de Janeiro, de todo o Brasil.

— Quando cheguei, a atmosfera política estava carregada. Era em plena campanha abolicionista. Sentia-se, desde então, um forte sentimento republicano. O senhor precisava ler os jornais daquele tempo! Entretanto, não pensava que a Abolição e a República viessem tão depressa. Lembro-me que o cônsul Andrews escreveu um livro, por volta de 1887, dizendo que o Brasil durante mu-

tos anos ainda beberia café colhido por escravos. A monarquia parecia eterna. Mas o cônsul e eu muito nos enganávamos. É que não conhecíamos a fibra do povo brasileiro. Quando o povo quer, não há quem o contenda. A escravidão desapareceu. E, pouco tempo depois, triunfava o movimento republicano.

O velho Tucker conta-me o que mais o impressionou, ao chegar: o primeiro ministro do Império era mulato, o presidente da Câmara dos Deputados era mulato, o presidente do Senado era mulato. Negro retinto, o maior jornalista do tempo: José do Patrocínio. E o Brasil vivia sob o regime da escravidão!

— Nos Estados Unidos, — observa — o negro já mais atinge tais posições.

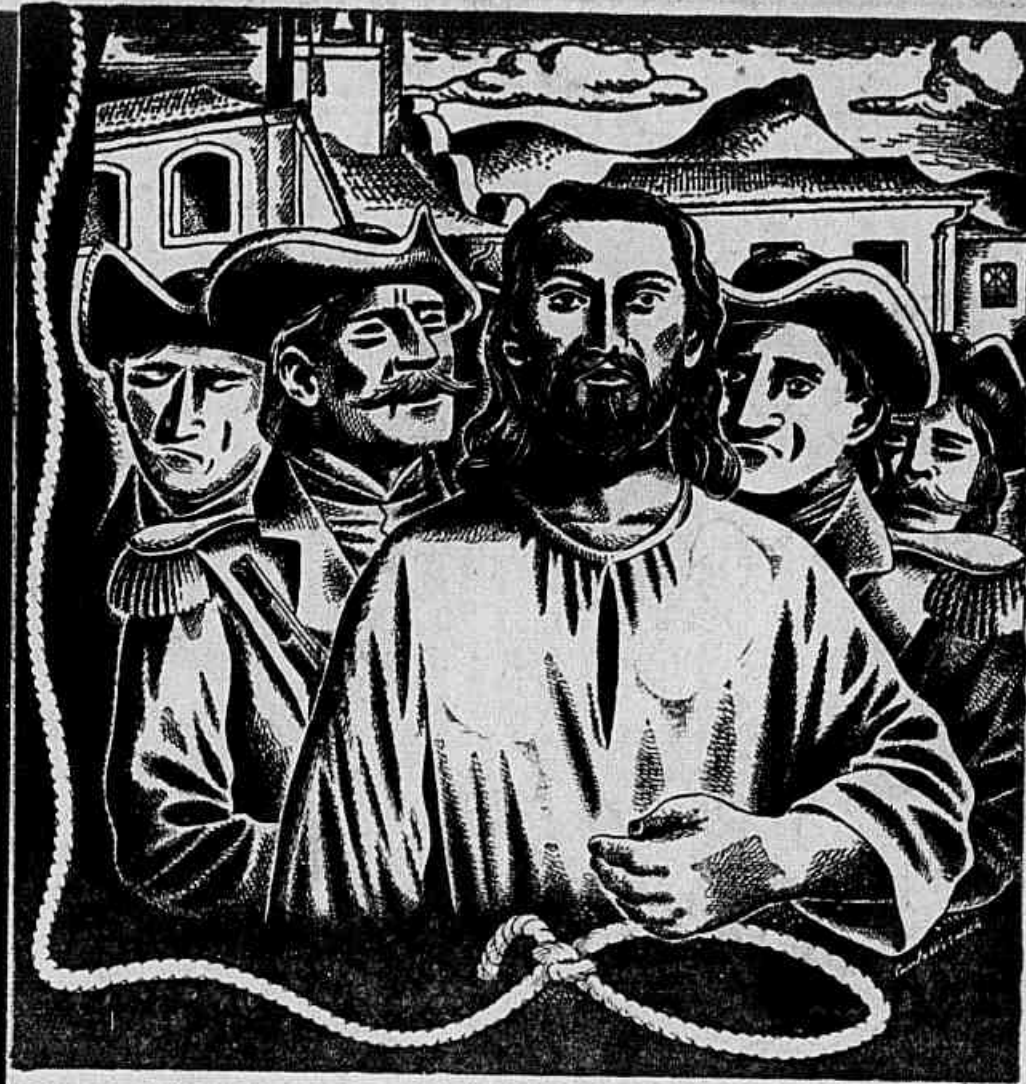
...

Em 1888, H. C. Tucker recebeu um convite da Sociedade Bíblica de Nova York para distribuir, no território brasileiro, gratuitamente, as escrituras sagradas. Aceitou a incumbência. E durante cinco anos percorreu todo o país, do Acre à fronteira com o Uruguai, do Rio de Janeiro aos confins de Mato Grosso.

Tucker já distribuiu . . . 2.500.000 bíblias em português, italiano, alemão, polonês, inglês e árabe. Conta-me, então, uma coisa interessante:

— A tradução portuguesa, feita nos Estados Unidos, não me agradava. Resolvi, por isso, nomear uma comissão revisora, composta por quatro norte-americanos e três brasileiros, os meus caros amigos Eduardo Carlos Pereira, Antônio Trajano e Hipólito de Oliveira Campos. A

(Continua na 2.ª pág.)



TIRADENTES MORREU PELA LIBERDADE

Grandeza e Atualidade do Protomartir da Independência

FOI na denúncia de João José Nunes Carneiro, feita em carta ao vice-rei Luiz de Vasconcelos, datada de 10 de maio de 1789, que a justiça reinol encontrou os mais fortes elementos para condenar à força o Tiradentes. Carneiro, que a escreveu na presença do ouvidor Marcelino Pereira Cleto, era ajudante do regimento de artilharia sediado no Rio de Janeiro. Se compararmos a sua denúncia com a de Joaquim Silverio dos Reis, poderemos facilmente levantar o véu dessa farça reacionária que levou ao patíbulo o grande martir da nossa independência. O documento de Joaquim Silverio é um amontoado de sandices, escrito evidentemente por um individuo semi-analfabeto, de inteligência primária e vistas curtas, cuja única preocupação era obter um prêmio "pela sua fidelidade".

Tudo o que pôde articular contra Silva Xavier foi o seguinte: "É verdade que encontrei este Alferes vindo o dito para esta cidade no sitio chamado o Engenho do Campo porém a situação do encontro não deu lugar a que se alargasse na conversa só me disse que se levava dinheiro para a Fazenda Real que não fosse tolo que não o metesse, e na despedida disse em voz alta que muito bem presenciaram dois Oficiais Militares que iam comigo: cá vou trabalhar para si".

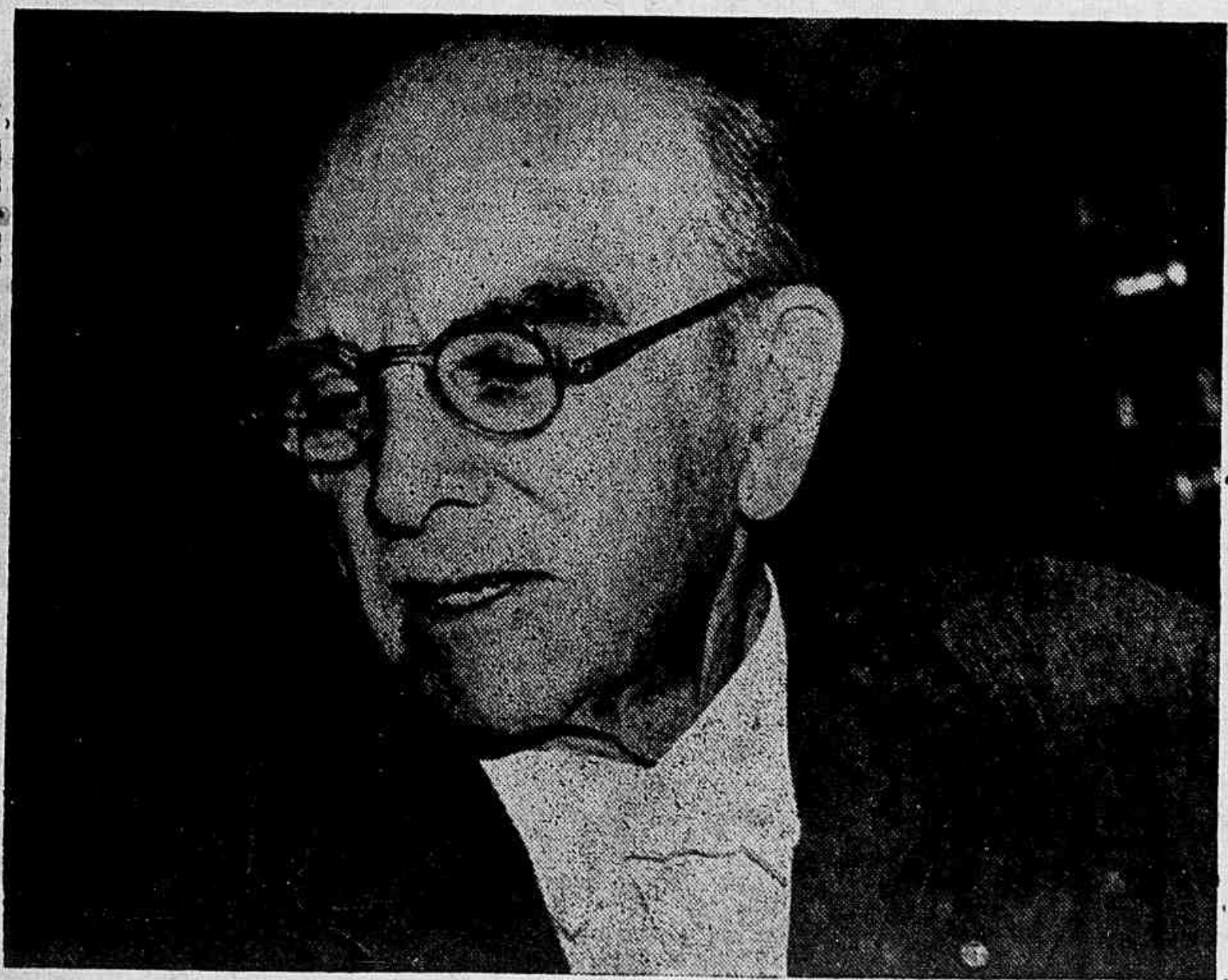
Como se vê um policial réles, um vulgar espião. Carneiro, ao contrário, era um esbirro arguto e finório.

Prova-o a sua denúncia: "... e pedindo-me conversa mais particular o encaminhei para o meu único quarto da Cama; sentamo-nos, e perguntou pela minha moléstia; relatei-lhe o meu estado de saúde, e o uso dos remédios e a pouca esperança de melhora; disse-me então:

Vamos para Minas, que logo sára com áres benéficos e diferentes; dei-lhe as minhas razões de impossibilidade; e quis tentar-me pela ambição, dizendo-me que a situação presente dos povos de Minas era de desgraça, mas se eles tivessem a resolução dos Americanos Ingleses, ou cada um o seu ânimo podiam ser felizes, e terem Tropas bem pagas, e todo o necessário para a comodidade da vida, porque o país não só era fértil de ouro, e pedras preciosas, mas também de todo o necessário, que quizesse a indústria para a qual iriam homens inteligentes; e que bom seria se o Rio, e São Paulo se dessem as mãos, e quizessem a liberdade.

Em fiquei absorto com a proposição, e revestindo-me da arte que pude adquirir demonstrei-lhe como pude a impossibilidade, o crime, a incontigência, os falsos principios, etc., mas sempre em tom de perceber se a conversa era só desabafo de preocupação, ou se tinha principios certos". Era o que servia a Luiz de Vosconcelos.

(Continua na pág. 2)



O pastor Tucker é um homem sinceramente dedicado à sua missão e pode, sem favor, ser considerado um grande amigo do Brasil

TIRADENTES MORREU PELA LIBERDADE

(Continuação da 1.ª pag.)

Pouco importava ao vice-rei que Tiradentes, como "ouvira dizer Joaquim Silverio, andasse ameaçando cortar-lhe a cabeça.

O que interessava fundamentalmente a Corôa e a ele, como seu mais alto preposto na colônia, eram aquelas coisas que Carneiro conseguira arrancar com habilidade da boa fé do chefe da conjura.

O Brasil independente, seguindo o exemplo dos Americanos Ingleses, o Brasil com liberdade e indústria própria, deixando de mandar o seu ouro para a metrópole e explorando-o unicamente em seu benefício — eis o perigo! O grande mal não estava nos "desabafos de preocupação" de Tiradentes: estava nos seus "princípios certos". Pois não bastava à corte em Lisboa o desassoço em que vivia por causa das malditas idéias dos pedreiros-livres que agitavam a Europa, fazendo os reis tremerem nos seus tronos? Já essas idéias do diabo não haviam contaminado os povos das mais remotas regiões do Império dos Braganças? Em Gôa, um ano antes, não se descobria uma conspiração que tinha por fim "subtrair o Estado da Índia ao domínio português e instaurar a forma republicana"? Quinze réus, entre eles os padres José Antonio Gonçalves e Francisco do Couto, não haviam sido ali condenados à morte e executados a 13 de Dezembro de 1788?

E' interessante conhecer o estado de espirito da casta dirigente lusitana, naquele tumultuoso fim de século. Eis como o descreve Caetano Beirão, o ultramarino autor da história de D. Maria I: "A propaganda democratica manifestava em Portugal, apesar da vigilância de Manique e da actividade, se bem que atenuada (sic), da Santa Inquisição". E logo adiante, naturalmente para provar a benignidade dessa repressão "atenuada": "A Mesa Censoria mandou apreender livros que anteriormente tinham podido circular, como Pastor Fido, de Guarini, as poesias do abade de Jazente e a restauração da Disciplina, do padre Francisco Alvares Vitorio; o intendente (Pina Manique) multiplicou a sua actividade, discutando a entrada de estrangeiros, vigiando os que aqui já se encontravam, vasculhando a teia maçônica que se procurava estender na sombra, perseguindo os proprios nacionaes que a policia suspeitava espalharem a má semente; os prelados eram chamados a cooperar com o poder civil, convidados a intensificar o ensino da doutrina, recomendando aos parocos os cuidados da catequese e exortando os diocesanos à sua fidelidade ao rei; e o Santo Officio, já sem fogueiras nem torturas, ameaçava excomungar todos aqueles que "comprassem ou conservassem livros ou escritos matista, apostata, impio, libertino, se perniciosos, de qualquer hereje, dogmador de qualquer erro ou danada seita ou superstição".

Por aí é fácil calcular o sentimento de que devia ter sido tomado Luiz de Vasconcellos, ao saber que no Brasil havia homens "com princípios certos" que se propunham fazer a independência do país, dar liberdade ao povo, seguir, enfim, o exemplo dos amaldiçoados Americanos Ingleses, transplantando para cá as heréticas idéias propagadas pelos maçons de França. Que diria dele o zeloso Manique, que diriam os ministros de Sua Majestade, que diria o Tribunal do Santo Officio, que diria a rainha, se comparecesse ante as suas veneráveis pessoas com a descoberta de uma conspiratassinha sem importância, cujo único fim era cortar-lhe a vice-real cabeça por simples e inocentes "desabafos de preocupação"? O papel sujo de Joaquim Silverio de nada lhe valia. E era preciso dar à conjura um caráter altamente político, pintá-la com as mais negras cores e, sobretudo, mostrar aos olhos de Lisboa que no Brasil também se estava vigilante contra a praga da "maléfica democracia". Para isso, serviu-lhe a denuncia de Nunes Carneiro. Ela, sim, desvendava os sinistros propósitos daqueles suditos ingratos, que tão ousadamente se rebelavam contra a benigna opressão lusitana e, indo mais longe, sonhavam fazer do Brasil uma República liberal, com Constituição, leis, liberdades e franquias, todas essas invenções diabólicas dos inimigos do Trono e do Al-

tar. Era preciso provar — um susto em d. Maria era sempre um meio de valorizar os serviços que lhe estava prestando — que aqui também havia gente que lia o Pastor Fido de Guarini e até coisa pior, mas também havia quem, com braço forte, velasse pelos feudos da soberana, como em Lisboa velava, de olhos sempre abertos, o infatigável Manique. E foi assim que se fez o processo de Tiradentes.

Não vamos insistir em detalhes históricos, de todos conhecidos. Vamos simplesmente focalisar alguns aspectos da personalidade admirável do nosso grande martir. Que revolucionário foi ele! Como soube assimilar o espirito de sua época, captando na sua longinqua, segregada e obscura Minas Gerais as novas idéias que estavam convulsionando o mundo! Em nenhum dos inconfidentes se encontra uma noção tão clara do que se devia fazer do que nesse modesto alferes sem veleidades de cultura, nem outra ambição senão a de servir ao seu povo e ao seu país. Os intelectuais do movimento — e havia entre eles homens de notável saber como Claudio, Gonzaga e Alvarenga — falavam em liberdade. Tiradentes falava em liberdade e industria. Os outros tinham uma concepção puramente idealista da luta pela liberdade: para eles bastava proclamar a separação e dar leis ao país. Tiradentes, porém, sabia que isso não era o bastante. Sabia que a liberdade política sem a liberdade econômica não passa de um sonho, de uma romântica utopia. O programa da revolução tinha, portanto, de basear-se na harmonia desses dois princípios, tinha de ser objetivo, prático, realista. A independência do Brasil seria simplesmente formal se fugisse à solução de seus problemas econômicos. Num país de latifundios e senhores de escravos e num tempo em que se quebravam os poucos e rústicos teares domésticos que então existiam, Tiradentes tinha a visão do que a industria representava para nós como fator não somente de progresso técnico, mas também de libertação efetiva. Desse ponto de vista, ele se adiantou — e muito — aos "fathers" da independência norteamericana. Suas idéias de Governo eram mais avançadas, mais lúcidas, surpreendentes até em quem não podia dispor de copia informaçao sobre o que se passava alem das fronteiras de seu país e que sobre o assunto tivera apenas a que lhe dera, ao voltar da Europa, o seu companheiro de conjura, o estudante Maciel. Isso demonstra a rapidez com que funcionava o seu cerebro prodigioso.

Ainda hoje, procura-se reduzir Tiradentes as proporções de um homem generoso, patriota devotado, fanático da causa a que "sacrificou a sua vida, mas intelectualmente mediocre e limitado. É uma injustiça, porque é uma inverdade. Silva Xavier de certo era incapaz de escrever doces versos, como Gonzaga. De certo, não tinha a erudição de Claudio. Mas, nennum deles possuía a sua mentalidade política, a sua visão, a sua capacidade de comando. Nem é crível que os seus camaradas de luta — bachareis, eclesiásticos, estudantes, oficiais superiores — se deixassem influir e liderar por um indivíduo de inteligência nula e apagada. Esse é um ponto interessante de trisar porque, infelizmente, a campanha de silêncio que se fez em torno do herói durante todo o Império ainda continúa sob outras formas, embora veladas. Ontem, ele era esquecido, de caso pensado, pelos historiadores oficiais. Hoje, é apresentado ao público com reservas e restrições que não se justificam e são inteiramente falsas. Quem lê a "História Secreta do Brasil", de Gustavo Barroso, os trabalhos do patriarvovista Pagan, do fascista Ribeiro Lessa e outros que tais fica pasmo de ver a desfaçatez com que estão fazendo a "revisão" dos nossos estudos históricos. Todos eles — Barroso sobretudo — só têm uma preocupação: denegrir os grandes homens que lutaram, no passado, pela nossa liberdade e o nosso progresso, chegando, para isso, ao cúmulo de tentar a "reabilitação" do dominio colonial português, de exaltar d. Maria, Luiz de Vasconcellos, o conde dos Arcos "et caterva"! Para Barroso, a nos-

(Continua da pag. 26)



Refere-se o pastor Tucker aos episódios de seu longo sacerdócio como um velho e sincero amigo de nossa gente

O PASTOR TUCKER, HEROI DO BRASIL

(Continuação da 1.ª pag.)

tradução ficou, afinal, boa. Mas ainda assim, eu a queria ótima, perfeita. Havia uns trechos que não estavam bem. Só mesmo um escritor seria capaz de dar vida àquelas palavras. Não tive dúvidas. Procurei várias vezes Machado de Assis para pedir-lhe a sua ajuda. O grande romancista sempre me recebia com uma enorme boa vontade, na sua casa de Cosme Velho, ou na sua repartição, a Secretaria da Agricultura. Machado de Assis era muito atencioso, muito delicado. O mesmo direi de Rui Barbosa, a quem também solicitei o seu parecer sobre a tradução da nossa Biblia.

Como quem vai contar um segredo, pega-me no braço e abaixando a voz: — Eu tinha instruções para dar a Biblia. Mas logo verifiquei que o livro dado não oferece o mesmo interesse que livro comprado. Passei então a vender os livros, cobrando uma pequena quantia. O povo pagava e assim tinha outro interesse.

Tucker gosta de falar dos homens illustres que conheceu:

— Muitos deles — diz — estão hoje nas cédulas de 200 cruzeiros. Conheci o Imperador. Conversei com todos os presidentes da República. Fui amigo de Prudente de Moraes. Fui amigo de Saldanha Marinho, do visconde Nogueira da Gama, do barão Homem de Melo. O mais constante dos meus amigos brasileiros morreu há pouco: era o ministro Rodrigo Otávio. Mas não pense o sr. que eu só fiz amigos entre os grandes. O povo também é meu amigo. Os meus melhores e mais caros amigos são gente do povo. Foram eles (principalmente os homens do campo, pequenos agricultores, roceiros, trabalhadores humildes) que me fizeram compreender e amar o Brasil, minha segunda pátria.

E, referindo-se à condecoração que acaba de receber do governo, o velho Tucker me diz, com uma sinceridade transparente nos olhos miúdos e ingênuos:

— O dr. Oswaldo Aranha, ao colocar-me este distintivo (e mostra-me a lapela com a roseta de Oficial da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul).

falou-me de um modo que me tocou o coração. Disse o chanceler que me entregava aquela comenda não pelo que eu tivesse feito pelo país, mas pelo povo brasileiro. Quase que chorei.

O chanceler tem razão. O pastor Tucker simboliza toda a atividade dos missionários protestantes no Brasil, que é toda uma história para ser escrita. Além de hospitais, orfanatos, escolas, colégios como o Bennett, no Rio, o Mackenzie, em São Paulo, o Granbery, de Juiz de Fora, e muitos outros. O velho Tucker faz questão de citar mais os seguintes: o Colégio Batista, no Rio de Janeiro, e o Colégio Piracicabano, em Piracicaba. Brevemente será inaugurado em Belo Horizonte, mais um o Isabell Hendick, num prédio muito bonito. E outro se levantará em Porto Alegre, o Colégio Americano, num prédio ainda mais bonito.

— Minha esposa — revela-me — é filha do Bispo Granbery, que fora meu mestre na Universidade de Vanderbilt.

Veio para o Brasil com passagem de ida e volta e não a usou nunca, pois foi ser professora em Piracicaba, onde ensinou as primeiras letras aos filhos de Prudente de Moraes. Conhecia-a mais tarde, quando se transferiu para o Rio. Casamo-nos em 1891. Somos um casal muito feliz. Uma boa esposa a minha.

Mrs. Tucker muito tem auxiliado ao seu marido. Foi ela quem iniciou a campanha contra a febre amarela, de uma forma muito curiosa, segundo o depoimento de H. C. Tucker. — A febre amarela grassava no Rio de Janeiro. Minha esposa e eu fazíamos o possível, acudindo os doentes. Mas de nada adiantavam os esforços de pessoas que só tinham boa vontade, nada mais. Em 1901, fomos aos Estados Unidos. Ficamos na casa de minha sogra. Naquela ocasião, agitava o Congresso Médico de Havana a solução do problema da febre amarela. Reed era a grande figura do Congresso. Aconteceu que, por coincidência,

(Continúa na pag. 25)



TIRADENTES E A REVOLUÇÃO

As forças que levaram Tiradentes ao patíbulo foram historicamente as mesmas que hoje tentam estrangular a liberdade. Dona Maria I, a louca, e Adolfo Hitler, nascidos em séculos diferentes, parecem gêmeos. Representam ambos a reação

mais furibunda. Ambos encarnam o ódio mais feroz ao progresso social e à liberdade dos povos. É por isso que merece, este ano, maior realce a data do sacrifício de Tiradentes, o nosso mais alto herói popular. Ele simbolizou, em sua época, a Revolução. Daí, o prestígio invencível de sua figura, através de século e meio, entre as massas populares do Brasil.

A emancipação política de nossa pátria foi uma consequência de seu desenvolvimento econômico. O regime colonial asfixiava as forças produtoras da nação que surgia. Ao lado da extorsão escandalosa das rendas brasileiras, Portugal exercia o monopólio comercial e impedia a fundação de indústrias na colônia. Essas as razões mais profundas da luta pela independência. Esta não resultou, como insinuam os compêndios escolares, de um ato momentâneo do nosso feroz Pedro I. Foi, ao contrário, o termo de um demorado processo de diferenciação entre os interesses nacionais e os da monarquia feudal portuguesa. Já em 1792, Tiradentes representava, pelo ideal e a ação, o partido brasileiro, uma nação que nascia, forças que não mais podiam ser aprisionadas. Encarnava a liberdade, pela qual ele lutou "com o fogo de um Quixote".

*

Aos parasitas feudais de Lisboa inquietava o nosso desenvolvimento econômico e social. Mas este se processava contra os desejos do feudalismo lusitano que tudo fazia para que até ao Brasil não chegassem as influências do capitalismo revolucionário. No século da Revolução Francesa e da Independência Americana, Portugal presumia eterna a ordem de coisas que nos impunha. Proibia a abertura de escolas e de estradas, por serem fatores de civilização. Mandava destruir as fábricas de tecidos e demais indústrias que se iam estabelecendo entre nós. Impedia o comércio livre. Fazia desaparecer a única tentativa de arte tipográfica existente no Rio de Janeiro. Punia com rancor os que fossem encontrados a ler livros que não as "Horas Marianas" ou alguns de clássicos portugueses. Esquartejava os heróis que sonhavam com a emancipação e a liberdade. E, ao mesmo tempo, extorquia o nosso ouro, com o qual o parasitismo feudal lisboeta pagava as manufaturas que comprava à Inglaterra. Contra essa ordem de coisas — a mesma "ordem nova" que o nazi-fascismo, com a ajuda de alguns miseráveis quinta-colunas, pretendia nos impôr — uniram-se militares, comerciantes, agricultores, mineradores, advogados, sacerdotes, artistas, letrados, homens e mulheres do povo. Entre eles, Tiradentes foi o primeiro, porque tinha as qualidades de herói e todos sabiam que "não lhe dava morrer na ação, contanto que ela se faça". A Inconfidência faltou, porém, a receptibilidade nacional para levar avante a revolução. O Brasil não estava, então ainda maduro para a luta pela independência. Entretanto, trinta anos depois, com o estímulo aliás de fatores exteriores diversos, a idéia "abstrata" do alferes esquartejado tornou-se uma realidade. Estava encerrado o ciclo colonial de nossa pátria.

*

Ardente como o ódio que votava à opressão feudal lusitana, afoito como pode ser um filho do povo num país de mil aventuras, Tiradentes foi o precursor de nossa independência. Os pedaços de seu corpo pregados em estacas nos caminhos de Minas Gerais não amedrontaram ninguém. A sua cabeça exibida num poste, em Vila Rica, foi como uma bandeira, em torno da qual, três décadas após, se reuniram os patriotas para a Revolução. De nada valeu à reação feudal, tão semelhante à reação fascista, a ignorância mantida a ferro e fogo, as rapinas, os encarceramentos, os pelourinhos, os açoites, os enforcamentos, os esquartejamentos, os degredos... Tudo foi como uma miragem... de força. No final, venceu a liberdade.



Reunidos em torno de uma mesa, jovens de vinte anos estudam os problemas do Brasil com verdadeira coragem política e amplo sentido social

VANGUARDEIROS DAS ASPIRAÇÕES DEMOCRÁTICAS DO BRASIL

Da terra de Castro Alves e Ruy Barbosa chega-nos mais um palpante depoimento da nova geração brasileira. A exemplo dos estudantes de Minas Gerais, reúnem-se na Bahia representantes de todos os seus diretórios acadêmicos e abordam os principais problemas do Brasil e do mundo, trazendo para a sua solução as suas idéias sadias, honestas e corajosas, idéias defendidas em todas as ocasiões por esses verdadeiros vanguardeiros das aspirações democráticas do nosso povo.

DIRETRIZES prossegue assim nesta série de grandes reportagens estudantis, cuja importância não escapa, por certo, a todos aqueles que se preocupam com o progresso político e social do Brasil.

O estudante bahiano nunca se esquece de Castro Alves. Nunca se esquece do moço poeta que foi a voz mais alta de um povo em luta pela liberdade e pela conquista de um mundo justo e melhor; do abolicionista que continua a ser, entre nós, o porta-bandeira de todos os que se batem contra qualquer forma ou disfarce de escravidão. Em nenhum momento o exemplo do batalhador da abolição foi traído ou renegado pelos universitários da Bahia. Eles podem orgulhar-se de haverem seguido, sempre, um caminho justo e limpo, com honestidade, coragem e dedicação ao povo brasileiro. O caminho que, no passado, seguiu Castro Alves. Ainda mesmo quando quasi todas as vozes silenciavam, nos momentos mais confusos da vida nacional, estes últimos anos sempre se levantou a voz dos estudantes bahianos, clamando pelas causas honestas, pelos interesses do povo, quebrando o marasmo comodista dos que tiravam proveito da situação. E nestas ocasiões revelaram uma elevada consciência patriótica e uma larga, corajosa e realística visão dos problemas nacionais e humanos. Procuraram — as velhas raposas a serviço de interesses escusos — desmoralizar as campanhas dos estudantes, acusando-as de "afoitezas de garotos" ou de "patuscadas de moléques", quando não usavam de expedientes policiais, acenando com fantasmas encarapuçados, agindo à ilharga da classe. Gritavam e ameaçavam — "Ponham-se ao lado; não interferiram nos acontecimentos!" Mas nada impediu que os estudantes continuassem firmes nos seus postos de luta, fieis ao que consideram a sua missão na época em que vive-

mos. Hoje todas as acusações que se levantaram contra eles ruíram por terra, diante da clareza de suas atitudes, da justeza de suas campanhas, do empenho decisivo que determinaram na vida política da nação. Houve um motivo preponderante para o êxito dessas campanhas, é que elas vinham ao encontro das aspirações do próprio povo do Brasil e, por isso mesmo, sempre contaram com o apoio e a participação do povo. Os inimigos dos movimentos da classe estudantil, que os olham com desconfiança e medo e que são os verdadeiros inimigos do povo, esqueçam este fato. Procuraram combater os estudantes como se combatessem um partido ou um grupo político. Manobram por todos os lados, atacaram em todos os flancos, mas não conseguiram, como quiseram, criar nas camadas populares sentimentos de desconfiança e hostilidade à classe estudantil. Porque os estudantes nunca se movimentaram segundo os interesses de grupos ou facções políticas, mas, tão somente, de acordo com os interesses do povo. De acordo com os princípios mais caros às massas populares do Brasil. Essa é a orientação seguida pela juventude bahiana. Com essa orientação os estudantes realizaram campanhas memoráveis, nas quais jovens de vinte anos fizeram pelo povo brasileiro o que não fizeram ou não quiseram fazer cidadãos respeitáveis e responsáveis. Esta é uma história que deve ser contada, história que honra uma classe e que nos trás viva confiança nos destinos do Brasil.

BREVE HISTÓRIA DE JOVENS DE 20 ANOS

Vem de longe a tradição de luta anti-fascista dos estu-

dantes. Ela data, no Brasil, do momento mesmo em que aqui se esboçaram as primeiras organizações reacionárias anti-democráticas. Com o surto da Fação Integralista Brasileira a classe estudantil constituiu, ao lado das organizações políticas populares, a vanguarda combatente das forças democráticas.

Esta posição de vanguarda os estudantes detiveram-na quase sozinhos e com determinação até os fins de 1942 quando começaram a surgir no Brasil, as diversas sociedades patrióticas.

A rutura de relações diplomáticas entre o Brasil e o Eixo provocou a fúria dos dirigentes nazi-fascistas, que contavam com a influência e a dominação dos grupos fascizantes do país, para impedir-nos de assumir uma viril atitude de repulsa aos seus desejos imperialistas. Teve início, então, os ataques dos corsários eixistas à nossa navegação.

Da Bahia partiu o primeiro grito de protesto à sanha nazista, quando, a 12 de março de 1942, por motivo do afundamento de barcos de nossa frota mercante pelos submarinos alemães e italianos, os estudantes movimentaram o povo clamando para que o governo tomasse medidas concretas contra os países agressores, contra a quinta-coluna que trabalhava, ainda mais ou menos abertamente, entre nós.

Eram formidáveis as dificuldades que os jovens universitários tinham de enfrentar para saírem à rua e unirem-se ao povo numa manifestação anti-fascista. No álbum de recortes da União dos Estudantes da Bahia vejo num dos jornais do dia, um instantâneo apanhado na ocasião em que se realizava um comício em frente à Faculdade de Direito. Diversas acusações foram assacadas aos dirigentes estudantis, que tiveram de prestar longas e fatigantes declarações. Dessa primeira manifestação popular que houve no Brasil contra os atentados nazistas à nossa soberania, surgiram nas escolas, as primeiras comissões de defesa nacional e pouco depois a Comissão Central Estudantil Pela Defesa Nacional e Pro-Ata-dos, que representou um papel decisivo nas lutas que aqui se travaram pela participação ativa do Brasil na guerra, ao lado das Nações Unidas. Em 14 de abril desse mesmo ano, os estudantes voltaram outra vez, à rua, comemorando o Dia Pan-Americano, com uma passeata cívica e um comício monstro diante da estátua de Rio Branco, reafirmando os sentimentos democráticos do povo brasileiro e a necessidade de se reforçar a frente continental contra as maquinacões desagregadoras da quinta-coluna nazi-integralista.

(Continua na pág. 20)

TOPICOS DE DIRETRIZES

EM FAVOR DE PEDRO MOTA LIMA

Algumas centenas de jornalistas profissionais assinaram uma petição dirigida ao presidente da República solicitando indulto para Pedro Mota Lima, que é uma das figuras mais dignas e ilustres da imprensa brasileira. Assinaram também e entregaram, pessoalmente, a aludida petição a s. excia., durante a sua visita de sábado último à Associação Brasileira de Imprensa, os srs. Herbert Moses, presidente da mesma Associação, e André Carrazoni, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais. Correspondente, reporter, redator e diretor de vários jornais do país, além de romancista laureado, Pedro Mota Lima é atualmente o único jornalista em cumprimento de pena entre nós por delito profissional.

O caso aqui não é de liberdade de imprensa. É o da liberdade individual de um profissional da imprensa, condenado à reclusão, portanto sem defesa regular, quando se achava ausente do país. Combatente anti-fascista da primeira hora, desde que o governo do Brasil declarou guerra ao Eixo, Pedro Mota Lima, regressou ao país e, no recinto mesmo da Associação Brasileira de Imprensa, assistido pelo seu presidente Herbert Moses e acompanhado de alguns confrades e companheiros de luta, entregou-se às autoridades, que decidiram sobre a maneira pela qual ele melhor poderia servir à pátria. O gesto honrado, corajoso e exemplar do lutador anti-fascista impressionou então vivamente todos os seus confrades, entre os quais ele sempre desfrutou e desfruta o melhor conceito e admiração, quer como intelectual, quer como cidadão, quer como companheiro.

Agora, passado mais de um ano, achando-se ainda recolhido ao presidio da Ilha Grande, Pedro Mota Lima é lembrado por aqueles mesmos confrades, cuja sensibilidade cívica ele tocou com o seu gesto de alta renúncia e claro patriotismo ao regressar ao Brasil.

O povo a quem o jornalista destemido tem servido ininterruptamente, por sua vez, jamais o esquece, e nos comentários de rua acerca da petição em apreço sentimos que ele está de acordo com a iniciativa dos jornalistas.

SAL E HUMOUR

O presidente do Instituto Nacional do Sal recebeu recentemente de Tuiuti, em Minas Gerais, o seguinte telegrama:

— "Tuiuti — Hoje dormi sem jantar falta de sal. (a) ANTONIO SOUZA". Sem comentário ..

BANCOS DE SOBRA

Em recente decreto-lei o governo adiantou mais um passo para a organização do sistema bancário brasileiro. As nossas deficiências no setor do crédito são de dois tipos. Faltam-nos por um lado o Banco Central, um banco especializado para as indústrias e um sólido aparelhamento de crédito agrícola. Por outro lado é a legislação bancária existente que precisa de emendas e acréscimos.

O progresso a que nos referimos foi realizado neste último setor. Os bancos continuam os mesmos, tanto os oficiais como os particulares, mas o montante dos capitais sociais com que podem funcionar passam agora a ser regulados. Não serão autorizados a funcionar "sem a realização do capital mínimo previsto para sua categoria e área de operações". O decreto-lei em questão menciona o valor do capital exigido para os estabelecimentos de crédito

que podem abrir filiais em todo território nacional, em determinadas regiões e em áreas apenas municipais.

O novo diploma legal refere-se, como citamos, ao "capital mínimo previsto" que deve variar segundo a categoria do banco. Mas não define ou especifica as categorias. É de esperar que as instruções que o ministro da Fazenda ficou autorizado a expedir tragam esses detalhes.

Esperavam-se especificações segundo os ramos de crédito ou de atividade econômica (comercial, industrial, agrícola, etc.) a que os bancos pretendam dedicar-se. Mas tudo indica que, com a nova lei, o Governo, procura soluções imediatas para o problema da "proliferação dos bancos", surgido como consequência da inflação.

Todavia, repetimos, é um passo para a frente na integração de um verdadeiro corpo de leis bancárias. E há outra novidade. A fiscalização bancária que se achava a cargo da Diretoria de Rendas Internas do Ministério da Fazenda passa para a Caixa de Mobilização Bancária. Os bancos são agora fiscalizados por três aparelhos. A Diretoria das Rendas Internas fica, de ora em diante, apenas com a parte relativa "aos interesses do fisco", e as operações de câmbio são fiscalizadas pela carteira cambial do Banco do Brasil.

Desse modo transferiu-se para um aparelho especial — a Caixa de Mobilização Bancária — mais um ramo da fiscalização do crédito. Praticamente só ficou fora do Banco do Brasil o que se relaciona com o fisco ou seja, ao que nos parece, a parte tributária.

DIRETRIZES recebe com satisfação a nova providência do Governo não só pela lacuna que vem cobrir como porque vem ao encontro de pontos de vista que há meses passados debatemos em vários editoriais.

Fazemos votos para que o sr. Souza Costa não deixe seus técnicos serem desviados para institutos particulares de tendência corporativa. Como o demonstra a feliz iniciativa que o titular da Fazenda acaba de tomar, o serviço público exige todo o esforço desses técnicos. Vai-se ver agora se há ou não bancos de sobra. Depois virão o crédito seletivo e outras medidas orientadoras da justa aplicação dos capitais nacionais. É o que desejamos.

A UNIÃO DEMOCRATICA PARA O ESFORÇO DE GUERRA



Coronel Juarez Távora pronunciou o seguinte discurso, por ocasião de sua posse de presidente do Departamento Militar da Liga de Defesa Nacional:

Cumprindo esse dever preliminar, permiti-me que ocupe alguns minutos de vossa atenção, para focalizar a atitude da Liga da Defesa Nacional e ao seu Departamento Militar, na atual emergência que atravessa o país.

Fundada em 1916 — em pleno desenrolar da primeira grande conflagração mundial, que acabaria envolvendo o Brasil na sua voragem, como sucedeu com a atual — a Liga da Defesa Nacional fixou, como seu destino, congregar, dentro das leis vigentes do país, sem distinções de ordem política, religiosa ou filosófica, os sentimentos patrióticos dos brasileiros de todas as classes.

E inscreveu em seus Estatutos, entre outras, as seguintes finalidades a atingir:

- Manter, em todo o Brasil, a idéia de coesão e integridade nacional;
- Interessar-se por todas as questões que importarem a prosperidade, à segurança e à dignidade do país;
- Apoiar, pela persuasão e pelo exemplo, a execução das leis de preparo e organização militar.

Fiel ao seu destino, e seguindo os rumos prescritos para alcançá-lo, a Liga vem prestando às autoridades constituídas da República, na atual emergência de guerra, que aflige o Brasil, um apelo desinteressado, leal e decidido, que não desmerece o seu passado.

Para melhor realizá-lo, desdobrou, recentemente, sua Secretaria Geral em vários Departamentos, compreendendo, cada um determinado setor de sua atividade, e, entre eles, o Departamento Militar, cuja Diretoria, por nimia gentileza das autoridades superiores da Liga, acaba de empossar-se nesta solenidade.

Duas preocupações fundamentais absorvem, neste momento, as atividades da Liga da Defesa Nacional e o seu Departamento Militar:

- a união nacional, em prol da intensificação do esforço de guerra do país, e
- a concretização desse esforço, na pronta e eficiente pre-

O Aniversario do Presidente

Três dias antes de seu aniversário natalício, o sr. Getúlio Vargas presidiu a homenagem que a Associação Brasileira de Imprensa resolveu prestar ao sr. Oswaldo Aranha, que a beneficiou quando ministro da Fazenda, e ao dr. Pedro Ernesto, que também lhe prestou serviços inestimáveis em sua passagem pela Prefeitura do Distrito Federal. Após a cerimônia, foi o presidente da República recebido por algumas centenas de jornalistas no salão em que teve lugar o almoço em sua honra.

Depois de falarem o nosso velho e ilustre confrade do "Jornal do Comércio", sr. João Mello, na primeira cerimônia, e o sr. Herbert Moses, durante o almoço, o sr. Getúlio Vargas proferiu um discurso, que teve a maior repercussão. Já foi ele publicado em todos os jornais com o maior destaque e, em alguns, comentado com vivacidade e amplitude. Os comentários principais, giraram, porém, em torno de um único ponto da oração. O sr. J. E. de Macedo Soares chegou a escrever isto: "Todo o discurso do sr. Getúlio Vargas procurava com discreta medida o momento de fazer a grave declaração que o motivava".

A declaração aludida foi a seguinte: — "Quando gosarmos outra vez os inegáveis benefícios da paz, completaremos os órgãos institucionais que ainda não se acham funcionando. O povo, pelos meios mais amplos e livres, poderá, então, sem temores de qualquer espécie, manifestar-se e escolher seus dirigentes e representantes, dentro da ordem e da lei. Honrados os compromissos de guerra, reposto no seu ritmo normal de vida, o Brasil há de ser governado segundo as exigências da consciência nacional, para maior orgulho dos seus filhos e maior glória de uma pátria tão grande e tão digna".

Entre os jornalistas que ouviram a declaração do sr. Getúlio Vargas achavam-se elementos das mais diferentes tendências e correntes políticas, centro-liberal, esquerda e direita e suas nuances. Todos, porém foram unânimes no aplauso caloroso às palavras do presidente, o que significa que todos desejam e anseiam por uma paz baseada na ordem democrática, em cuja defesa aliás fomos levados à guerra contra o fascismo. É este também o sentimento genuíno da nação, a que o sr. Getúlio Vargas deu um testemunho de lealdade histórico. Os nossos confrades do "Correio da Manhã" chegaram a dizer, em seu artigo de fundo: "A declaração do sr. Getúlio Vargas, feita perante uma assembléia de legítimos representantes da imprensa, teve, no ato em que foi enunciada, a virtude de elevar os seus ouvintes. As palmas frenéticas, partidas de quem recebera, em primeira mão, a promessa da aspiração desejada, traduzem sem dúvida o sentimento da imprensa no tocante à verdadeira política que convém ao Brasil. Mas fora daquele ambiente, já significativo pela natureza das pessoas que o compõem, afeitas ao mister de sondar a opinião pública e facilmente convidadas a aprofundar o pensamento presidencial, terão as palavras do presidente no seio amplo da nação a mais enternecida acolhida."

É interessante ainda acentuar que o sr. Getúlio Vargas, em sua tão importante declaração, se referiu assim ao povo. — "O povo — disse o presidente — pelos meios mais amplos e livres, poderá manifestar-se e escolher seus dirigentes e representantes". Ejetivamente, democracia é um regime do povo, um governo eleito pelo povo, a vigência da soberania popular. O sr. Maurício de Medeiros, amigo íntimo do sr. Marcondes Filho, ministro do Trabalho e interino da Justiça, também comentou esse fato, em sua brilhante coluna do "Diário Carioca", observando que o sr. Getúlio Vargas "não disse — as classes — nem mesmo de nenhuma dessas formas sofisticadas com que os corporativistas, pretendendo retornar ao sistema medieval das corporações de ofício, procuram confundir "povo" com "classes". E o sr. Maurício de Medeiros tem razão. Mão grado a lógica formal do nosso ilustre confrade e mestre na arte política, sr. Costa Rego.

Quando o povo é chamado a escolher os seus governantes, o governo é de representação popular e não corporativa. Até mestre Acácio sabe disto. E claramente o que o presidente disse foi: — "O povo poderá manifestar-se e escolher seus dirigentes e representantes". E isto pelos "meios amplos e livres".

A sensacional declaração do Presidente, às vésperas de seu natalício, serviu, além do mais, para que a data íntima, que já se tornou praxe cívica comemorar, esteja sendo, ao momento em que imprimimos este número de nossa revista, festejado, em todo o país, com o maior entusiasmo.

Quanto ao mais "o que urge é a vitória na guerra". Vamos lutar mais fundo para que a paz e seus benefícios nos cheguem mais depressa.

paração do Corpo Expedicionário, que o governo brasileiro está empenhado em mandar à Europa.

UNIÃO E DEMOCRACIA

A Liga bate-se pela união nacional, pela congregação dos sentimentos patrióticos de todos os brasileiros. É o lema do seu programa de ação. E, neste momento, mais do que em qualquer outro, tem cabimento o empenho posto em realizá-lo.

O país está em guerra. Nenhum brasileiro deve ignorar que estão em jogo os seus destinos; que, da boa ou má fortuna com que levarmos a cabo esta guerra, decorrerão bens ou desgraças futuras, que recairão, por igual, sobre todos os brasileiros.

É natural, portanto, que nos unamos todos, nesta hora, realizando uma soma máxima de vontades e de esforços, para que não nos tornemos responsáveis, por omissão do dever, pelos males que poderão vir a afligir-nos todos, amanhã.

Não val nesse apelo da Liga qualquer intenção de pleitear unanimidade política, em torno do governo.

A Liga não deve nem quer tomar conhecimento de competições políticas internas, ou interesses de classes, que nos dividam. Sua ação se sobrepõe a essas controvérsias.

Pessoalmente devo esclarecer que repugnam, como anomalias sociais, tais unanimidades políticas. Penso que elas são, via de regra, fruto de violência contra direitos fundamentais de livre determinação dos indivíduos, e constituem — ao invés de uma garantia — uma grave ameaça à saúde de qualquer regime democrático, porque, pressupondo a ausência de crítica responsável, podem criar ambiente propício à corrupção administrativa e à incapacidade do próprio regime para aperfeiçoar-se.

Não insisto, no entretanto, nesse ponto, porque não estão em jogo, neste momento, o governo e seus partidários — mas os destinos do Brasil e a sorte de todos os brasileiros.

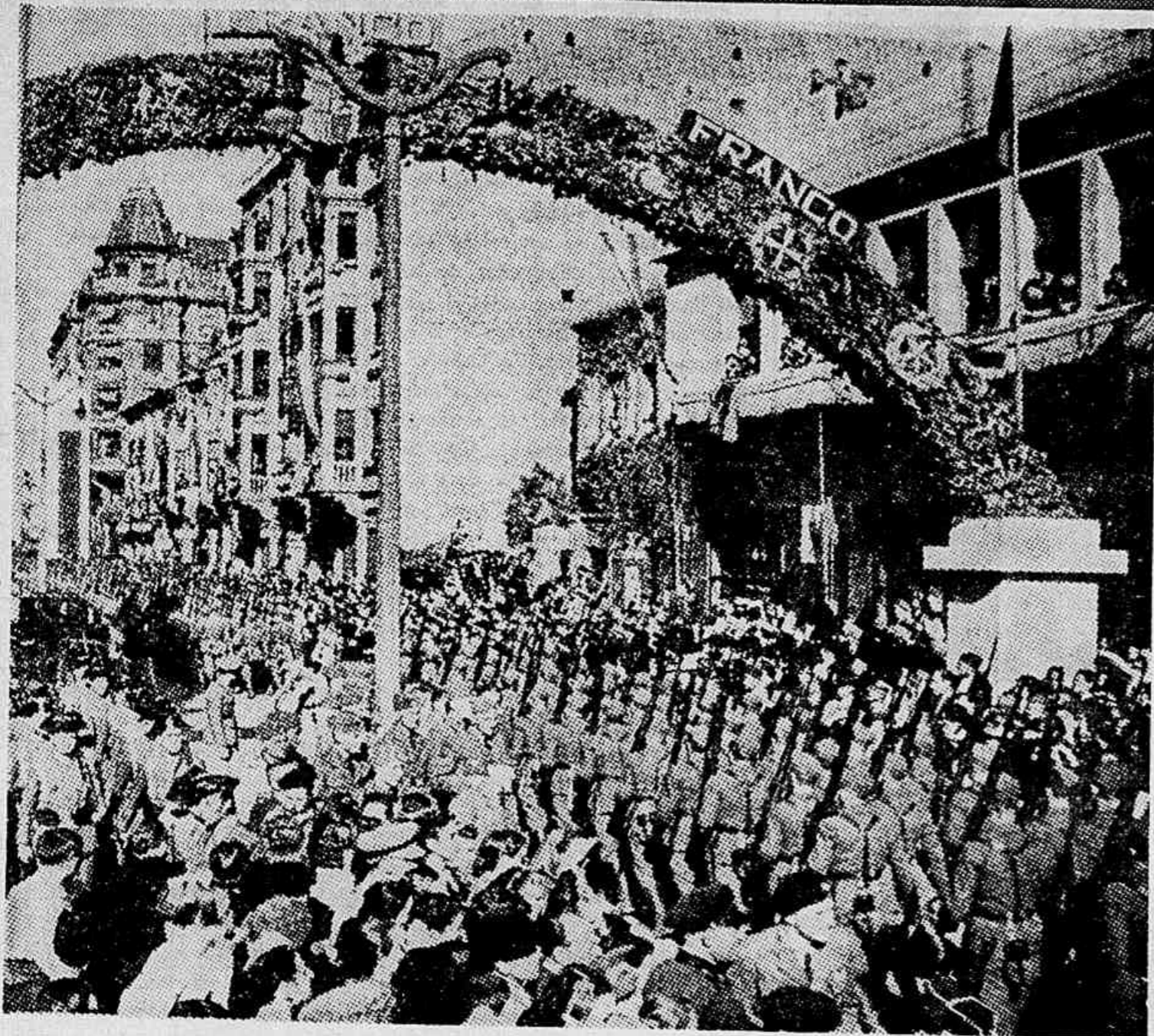
É certo que não provocamos o atual conflito. A ele fomos arrastados por circunstâncias extranhas a nossos propósitos.

Quando, após as decisões da 3.ª Reunião de Consulta dos Ministros de Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, realizada nesta Capital, em meados de 1942, rompemos relações diplomáticas com os países do "eixo", em consequência do ataque japonês à base naval americana de Pearl Harbour, no arquipélago de Hawaí — fizemo-lo por dever de honra, cum-

(Continúa na pág. 24)

SUPLEMENTO INTERNACIONAL

UMA SEMANA NOS FRONTS DO MUNDO



Soldados alemães desfilam nas ruas de Madrid, depois de terem derrubado o governo legítimo da Espanha

A AMÉRICA AMEAÇADA PELA "HISPANIDAD"

A guerra infelizmente já não está longe de nós. Está bem perto, está em nosso continente", afirmou Lombardo Toledano quando de passagem pelo Brasil. E denunciou, citando fatos, as atividades dos falangistas e "hispanistas" de Franco, de comum acordo com os dirigentes desse grupo de "nações neutras" (Portugal, Espanha, Argentina e outras), ainda agora apontadas oficialmente pelo secretário do Foreign Office britânico, sr. Anthony Eden, como fornecedores de matérias primas à Alemanha e responsáveis pelo prolongamento da resistência dos exércitos de Hitler e pelo maior sacrifício de vidas dos combatentes empenhados no esmagamento do fascismo. (É bom não esquecer que esse sacrifício de vidas, já agora, às vésperas do embarque de nosso Corpo Expedicionário, vai atingir em maior escala os marinheiros, aviadores e soldados de nossa pátria.

Por tudo isso consideramos de grande oportunidade o presente estudo de Bailey W. Diffie sobre a ideologia da "hispanidad", que aqui publicamos quase na íntegra e para o qual pedimos especial atenção de nossos leitores. Trata-se de um dos mais completos documentos já divulgados sobre o assunto. Bailey W. Diffie é um profundo conhecedor do movimento falangista e não ignora sua influência na América Latina.

Publicamos o trabalho de Diffie em primeira mão no Brasil num momento em que o fascismo internacional, através da falange espanhola, concentra suas baterias no Hemisfério Ocidental, visando transformar a América num

A ideologia da "hispanidad", que aqui denunciamos através da opinião autorizada de Bailey W. Diffie, redator da "The Hispanian American Historical Review", tradicional publicação dos Estados Unidos que reúne em seu corpo de redação nomes dos mais autorizados escritores, é uma forma desbragada de fascismo e uma tentativa de reagrupamento das forças inimigas da democracia e do progresso. Destina-se a substituir o nazifascismo agora ameaçado pelos exércitos das Nações Unidas. Por isso o povo precisa saber o que é "hispanidad".

dos últimos baluartes totalitários, numa espécie de segunda linha de defesa "préviamente estabelecida" pelo estado maior dos inimigos da democracia e da liberdade.

Confirmando as denúncias contra essas manobras do inimigo, aí estão a intensa preparação ideológica baseada na "hispanidad", os golpes armados da Argentina e da Bolívia e as tentativas subversivas do Chile, do Peru, da Colômbia e de Salvador. Como se isso não bastasse, a mentalidade "salvadora" da ideologia de "hispanidad" cria ambiente para atentados pessoais, como no caso do presidente Avila Camacho, alvejado por um criminoso que pretendia, através de assassinios, encontrar o caminho de "um mundo melhor".

É o seguinte o estudo de B. W. Diffie sobre a nova modalidade fascista que ensaia os primeiros passos no momento em que o hitlerismo caminha para a sepultura.

O "CONSEJO DE LA HISPANIDAD"

Em 1940, o general Franco estabeleceu o "Consejo de la Hispanidad". Sua criação fixou uma das mais importantes pe-

dras angulares da história espanhola. O "Consejo" é um produto histórico. A Espanha voltou-se para a sua própria Idade Média. O atual regime procura re-criar o antigo Estado semi-teocrático que atingiu o seu ponto mais alto sob Carlos V e Felipe II modernizando-o com a técnica do fascismo. Os falangistas chamam a Espanha Medieval de teocracia e estendem a Idade Média espanhola até o século dezesseis. O "Consejo" quer o restabelecimento do Império espanhol de Carlos V e Felipe II.

O Pan-Hispanismo, usualmente conhecido pelos espanhóis como Hispanismo existe há muito tempo. Seu objetivo primário foi a restauração, em certo grau, da unidade perdida quando as nações hispano-americanas se tornaram livres. Hispanidad, termo popularizado depois de 1931, é o tipo particular do Hispanismo, advogado pela Falange espanhola. A ideologia da Hispanidad difere radicalmente da ideologia do Hispanismo, que foi, em grande parte, um movimento liberal baseado nos princípios do Esclarecimento. Exceções a esta regra podem ser apontadas. A fusão da Espanha com suas antigas colônias, naturalmente numa base cultural, mas também política e econômica, é pedida.

NEUTROS INCERTOS, INIMIGOS POTENCIAIS

Os Estados Unidos e a Inglaterra passaram a exercer uma forte pressão sobre os países que, ocultos de baixo da capa da neutralidade, estão, de fato, prestando ao Eixo uma ajuda efetiva. As notas enviadas na última semana à Suécia e à Turquia, as advertências anteriormente feitas ao Eire e as declarações do sr. Cordell Hull relativas a Portugal e Espanha são uma prova de que os Aliados, encarando, enfim, a situação com mais realismo, se mostram dispostos a reagir contra a influência muniquista, que os tem impedido de responder com a rapidez necessária aos acontecimentos, prejudicando, inclusive, a marcha das operações militares.

Convenceram-se, afinal, Londres e Washington de que neutros incertos não são no fundo senão inimigos potenciais como disse muito bem Walter Lippmann.

Aqueles países não se limitam, com efeito — o que por si só seria bastante para justificar medidas contra eles — a suprir a Alemanha de matérias primas estratégicas e a servir de entrepostos para o abastecimento do Reich, como constituem focos perigosos de espionagem.

O sr. De Valera argumenta, para explicar a posição do Eire, que o seu governo nada mais faz do que seguir o exemplo da Rússia e dos Estados Unidos, que só se juntaram ao Império Britânico na luta contra Hitler depois que foram atacados pelos nazis e os militaristas japoneses! Esse argumento cínico, que a imprensa bem-pensante de Nova York acolheu com visível satisfação, achando-o razoável, embora isso pareça incrível é no entanto, redondamente falso. O sr. De Valera se esquece de que, antes de entrarem na guerra, tanto a Rússia como os Estados Unidos jamais toleraram a existência da quinta-coluna. A neutralidade de ambos era, pois, uma coisa real, e não uma farsa, e não oferecia, pois, nenhum perigo aos beligerantes democráticos, o que não acontece na Irlanda do Sul, onde os espias alemães e nipões gozam, por assim dizer, de um verdadeiro "bill" de indentidade. Nenhum deles permitiu, como fez a Suécia, a passagem de tropas germânicas pelo seu território, nenhum deles tolerou, como é o caso da Turquia, as atividades dos von Papen, chefe notório e ostensivo da rede de espionagem nazista no Oriente Próximo. Nenhum deles mandou tropas para combater ao lado dos hitleristas, como o fez o general Franco. Nenhum deles permitiu que a Gestapo se instalasse em sua capital, como é o caso da "neutralidade" salazarista.

Por outro lado, ninguém ignora o trabalho de sapa que sendo feito no continente americano pelos falangistas espanhóis, contra os Estados Unidos e contra, sobretudo, a cooperação de nossas repúblicas no esforço de guerra dos Aliados. Os casos da Bolívia e da Argentina, o que ora se passa no Chile e no Paraguai, as últimas ocorrências da Colômbia, o recente "complot" fascista-clerical descoberto no México e que culminou na tentativa de assassinato do presidente Avila Camacho — são fatos diante dos quais não se pode cruzar impunemente os braços. A verdade, pois, é que os neutros incertos estão servindo claramente de trampolim à ação dos agentes provocadores de Hitler e seus comparsas. Eles são, portanto, inimigos potenciais e como inimigos têm de ser tratados. Sob pena de, mais tarde, termos de nos arrepender amargamente da complacência com que os tratamos. Na guerra como na guerra. Ou se faz política de guerra, ou se dá a Hitler chance para manobras, cujas consequências não são difíceis de prever.



Mas a importância daqueles que predizem esta fusão, numa volta às tradições do século décimo sexto espanhol não é muito grande em comparação com a dos advogados de um Pan-Hispanismo cultural baseado nas tradições liberais da Espanha. O hispanismo é anti-ianque e anti-pan-americano, é claro, mas funda a sua opinião no argumento de que os Estados Unidos são um potência imperialista. Rafael Altamira, historiador e jurista espanhol, escreveu em 1917: "A Espanha é católica; mas a despeito de um pequeno grupo de fanáticos aqui existente (como em outros lugares) a Espanha é tolerante... e também "liberal", profundamente liberal".

A Hispanidad, por outro lado, apela para o mundo hispânico baseando-se na tradição espanhola católico-romana, à qual foi acrescentada a ideologia do moderno fascismo.

A FILOSOFIA DA FALANGE

Os advogados da Hispanidad eram os vencedores da revolta contra a República Espanhola, em 1936-39. Muitos, hoje, ocupam altos postos no governo de Franco, sendo os filósofos oficiais da Falange e da Hispanidad. Seus escritos formam o corpo da ideologia do "Nuevo-

Estado". Para compreender o significado da Hispanidad em relação à América, deve primeiro compreender a cultura que esses mesmos homens desejam ver prevalecendo sobre o mundo. Geralmente falando, desejam o fascismo, mas um fascismo espanhol, que tenha seu caráter próprio e sua significação particular para nós. A Falange Espanhola é um instrumento de ação; a Hispanidad, o produto de exportação, consignado à América Hispânica e ao mundo. A filosofia da Falange é a chave da Hispanidad; abrange um conceito da vida que hoje se opõe àquele que o mundo democrático desposa.

Embora essa filosofia se baseie profundamente na tradição espanhola, grande parte da sua moderna formulação tem sido tomada ao totalitarismo italiano e alemão. Seus principais expoentes tem sido homens que admiraram Hitler e Mussolini. Onesimo Redondo e José Antonio Primo de Rivera são exemplos. Outros, entretanto, tem grande cotação como filósofos da Falange. Entre eles, os mais proeminentes são Serrano Sumner, Ramiro de Maeztu, Maria de Maeztu, Sainz Rodriguez, Ernesto de Gimenez, José Maria Peman e José Permartin.

A ambição dos falangistas não (Continua na pág. seguinte).



Bispos recentemente nomeados na Espanha, visitam Franco e palestra animadamente com o caudillo

A América ameaçada pela "Hispanidad"

é de nenhum modo limitada. Almejam o domínio do mundo, tanto pelas armas como pela inteligência e procuram conseguir isto por meio de uma completa reinterpretação da história.

Resumindo, sua tese histórica é a seguinte: A Idade Média foi um grande período de desenvolvimento intelectual e espiritual do homem, porque havia "unidade" em toda a Cristandade. A Espanha representou isso melhor sob Carlos V, que combinou a força material da Alemanha com a força espiritual da Espanha no Santo Império Romano. A unidade foi rompida pelo Renascimento com a sua influência paganizadora e pela reforma protestante, também pagã. Entre os teóricos do falangismo que mais se destacaram no desenvolvimento desta tese situam-se José Permartin, ativo membro da Acción Política, cuja posição como diretor da educação secundária e universitária sob Franco, lhe dá maior prestígio como mentor intelectual do "Nuevo Estado".

Seu livro, "Que es Lo Nuevo" é encarado como expressão oficial da filosofia falangista. Afonso Junco, escritor mexicano, advogado do falangismo, está ao lado de Pamartin, e diz que embora a Espanha não pudesse escapar inteiramente aos "males" do Renascimento e da Reforma, permaneceu fiel às "verdades fundamentais", mais do que qualquer outra nação.

A Espanha, depreende-se disto, está em posição de regeitar tudo o que é moderno, pois tudo o que há de bom e moderno já foi adotado como parte integrante da Espanha antes da Renascença. Ernesto Gimenez Caballero, proeminente falangista e membro do Consejo Nacional, em seu Genio de Espanha, coloca-se ao lado de Pamartin, a favor do regresso da Espanha à Idade Média.

Um ataque mais direto ao mundo moderno é feito por Maria de Maeztu em sua "História de la cultura européa". Maria de Maeztu, mulher de Ramiro de Maeztu, é uma das vozes mais autênticas do pensamento falangista espanhol. Vivemos num mundo insano, é a sua tese. Para essa insanidade contribuiu não pouco o fato de que, desde a Renascença, e ainda mais depois da filosofia cartesiana do

século desesete, o triunfo do relativismo, lentamente minou os alicerces da Verdade". Ela prega a Verdade Absoluta, condena a Renascença, a Reforma, a Revolução Francesa e exalta a luta que se desenvolve contra a democracia.

Tremendas invectivas são lançadas contra os Estados Unidos. "A Voz da España", de San Sebastián, disse, em dezembro de 1938: "Com um cinismo que quebra todos os records mundiais, (que felicidade para a terra dos records) os Estados Unidos da América constituíram-se defensores dos valores morais do ocidente". Depois de um ataque desabrido, o jornal conclui: "E' este o país que pode defender a cultura e os valores do Ocidente? De que Ocidente?" A campanha contra os EE. UU. é conduzida por numerosas revistas e jornais na Espanha, na América Hispânica e mesmo nos Estados Unidos. Significativa, em virtude de seu caráter oficial, como órgão da Hispanidad, é a "Revista de las Indias", uma publicação que começou a vida plagiando o título da venerável "Revista de las Indias", colombiana. Em todos os números aparece uma seção intitulada "Crónica del Mundo Hispánico", escrita, até a sua morte em 1942, por Carlos Pereyra. Pereyra fez dessa seção uma constante diatribe contra os Estados Unidos em particular e a democracia em geral. O tom dos ataques da Hispanidad pode ser avaliado pelo seguinte exemplo típico: "Roosevelt, um judeu rodeia-se também de judeus e forma o Brain Trust". Há outros judeus em torno de Roosevelt, prefeitos, juizes, líderes trabalhistas e discriminados na revista.

Do outro lado da medalha da Hispanidad, há admiração pela Alemanha, a Itália e o Japão. Gimenez Caballero, por exemplo, declara que, antes da primeira Guerra Mundial, e durante ela, "a Espanha Católica e tradicionalista favoreceu indistintamente o Germanismo. "El Correo Espanol" exclamava, a 15 de outubro de 1938: "Oh, Alemanha! Nossa irmã no melhor destino espanhol: o destino imperial!" E saudando a Alemanha, o mesmo jornal continuava: "No dia do teu triunfo em face de todas as sociedades secretas, nós te aplaudimos, não

com as unhas crispadas dos Maçons Livres, mas com as nossas mãos abertas, nossos braços erguidos, enquanto gritamos com a voz forte de irmãos: Heil Hitler!" Gusman Valdivia e José Vasconcelos, do México, Vasconcelos, que em tempos se distinguiu por suas idéias liberais, quando servia como ministro da Educação, observa: "Ninguém, mais do que eu, detesta a ditadura, mas o despotismo vulgar é uma coisa, sendo coisa diferente o gênio de organização que elevou a Itália ao nível de uma potência de primeiro plano em poucos anos. Quem quer que não se orgulhe desta Nova Itália não é digno de pertencer à civilização latina... Nenhum descendente de espanhol, que não seja um bastardo, pode deixar de alegrar-se por ver que o Mediterrâneo está a ponto de tornar-se novamente um mar latino... e as línguas românicas a ponto de dominarem o mundo... e a nossa América prestes a se tornar de novo espanhola".

A ANARQUIA E A DEMOCRACIA

Contra a democracia, Eduardo Aunós Perez, membro do "Consejo de Hispanidad", assegura que "a anarquia é a consequência desse mesmo sistema (democrático), e podemos dizer que é o resultado natural da sua evolução, sendo a sua essência uma falta absoluta de governo". Fé, órgão oficial da Falange, ataca o estado liberal-democrático como impotente, fracasado, sem prestígio algum, arrastando as nações à derrota completa.

A Falange prega a desigualdade como aspecto natural da sociedade humana. Alfonso Junco disse que a "única democracia que triunfará no mundo e está de acordo com a realidade humana consiste em seu caráter individual e na desigualdade. Em sua obra "Eslavitud y libertad", Concha Espina novelista espanhola que identifica a escravidão com a República Espanhola, e a liberdade com a Falange, refere-se a pessoas que apoiam a República como "pobres ignorantes envenenados pela absurda doutrina da igualdade". Ramiro de Maeztu, até a sua execução, no começo da revolta contra a República, em 1936, tido como o principal expoente da "Hispanidad" dedica muito de seus artigos para provar que os homens são, por natureza, desiguais e incapazes de se governarem por si mesmos. Os homens são iguais, disse ele, somente na "liberdade metafísica" ou liberdade de espírito,

VATUTIN -- O RELAMPAGO



Os vitoriosos exércitos da democracia estão de luto. Há pouco menos de uma semana faleceu num hospital de Kiev, depois de uma operação de urgência, o general Nikolai Vatutin. Este triste e imprevisível acontecimento foi comunicado a todos os povos

da União Soviética num comunicado especial e conjunto do Conselho dos Comissários do Povo, do Comissariado da Defesa Nacional e do Comité Central do Partido Comunista e mais tarde, no dia do seu enterro, numa ordem do dia do marechal Stálin. O seu enterro realizou-se terça-feira e a ele compareceram delegações vindas de avião de todos os recantos da imensa terra russa e das outras longínquas terras a ela associadas ideologicamente e embaixadas militares dos altos comandos. Nos Estados Unidos, nos domínios de Argel, na Inglaterra, no Urugual, no México, em Cuba, etc., foi reverenciada sua memória em imponentes funerais simbólicos. E em Kiev, a cidade que ele libertou do invasor, terá ele um dos mais belos monumentos da Europa.

Nikolai Vatutin, general do exército, era ucraniano e ia fazer 3 anos de idade. Sua morte não podia ter sido mais injusta, porque o surpreendeu no momento em que ele ia atingir o marechalato e seus exércitos, mil vezes cobertos de glórias na sua magnífica ofensiva, bem depressa se aproximavam do coração da fortaleza européa do nazismo.

A carreira militar do jovem herói desaparecido foi rápida e empolgante. Tinha Vatutin 17 anos quando a Rússia foi sacudida pela revolução socialista que Lenin liderava. Filho do povo da Ucrânia, ele foi dos primeiros a pegar em armas para juntar-se aos guerrilheiros de Budienny, de Voroshilov e de Tchepaiev, que saíam pelas estepes em perseguição dos generais do tzarismo. Dessas guerrilhas foi que nasceu meses depois, organizado por Lenin, Stálin e Frunze, esse moderno e potente exército soviético de hoje, vencedor da Wehrmacht nas batalhas maiores do século: a de Moscú em dezembro de 1941 e a de Stalingrado-Voronezh, em janeiro de 1943.

Coronel em 1939, aos 38 anos, era então Vatutin chefe do estado-maior de Timoshenko. A invasão alemã já o encontrou major-general, comandante de uma guarnição na Ucrânia. Hitler estava no apogeu do seu poderio militar e a União Soviética ainda não tinha decretado a sua mobilização. Contra as legiões numerosas do nazismo Vatutin não podia operar mais que algumas poucas divisões, que eram ótimas, sem dúvida, mas que não possuíam a experiência das que tinham feito a campanha da França, da Bélgica, da Grécia e da Iugoslávia. Sua missão não era pois atacar; era contemporizar para dar tempo a uma preparação melhor da retaguarda e para a transferência para os Urais de grandes fábricas e "stocks" de víveres e combustíveis. E ele a executou tão bem que foi por isso promovido a tenente-general. A batalha de Voronezh, paralela à de Stalingrado, lhe valeu as estrelas de coronel-general, e os seus triunfos mais recentes, com a reconquista de Kiev, as de general-de-exército.

Vatutin, um dos mais facinantes heróis desta guerra, morreu sem assistir à derrocada final das hostes de Hitler. Mas os seus soldados, seus valentes compatriotas e todo o mundo democrático de certo o relembra nesse dia histórico.

mas "essa é a única liberdade compatível com a igualdade", sendo qualquer outro tipo de igualdade um absurdo. O livro "Defensa de la Hispanidad", desse autor falangista, foi editado, pela primeira vez, na Espanha e reeditada em Buenos Aires em 1941, exercendo grande influência para a popularização da palavra Hispanidad.

A instrução popular é também considerada com um mal da era moderna, como o seria por homens que desprezam o gênero humano. A atitude da Falange e da Hispanidad faz parte do desprezo geral que tem pelo povo. Nenhuma das impressões de quem lê a literatura da Falange é tão forte quanto esta: consideram a maioria dos seres humanos como sendo a escória da terra. A frase de Hume afirmando que a vida do homem é "solitária, pobre, brutal e curta", parece doce depois de algumas horas passadas em comunhão com os escritos de Gimenez Caballero, Ramiro de Maeztu e outros filósofos da Falange.

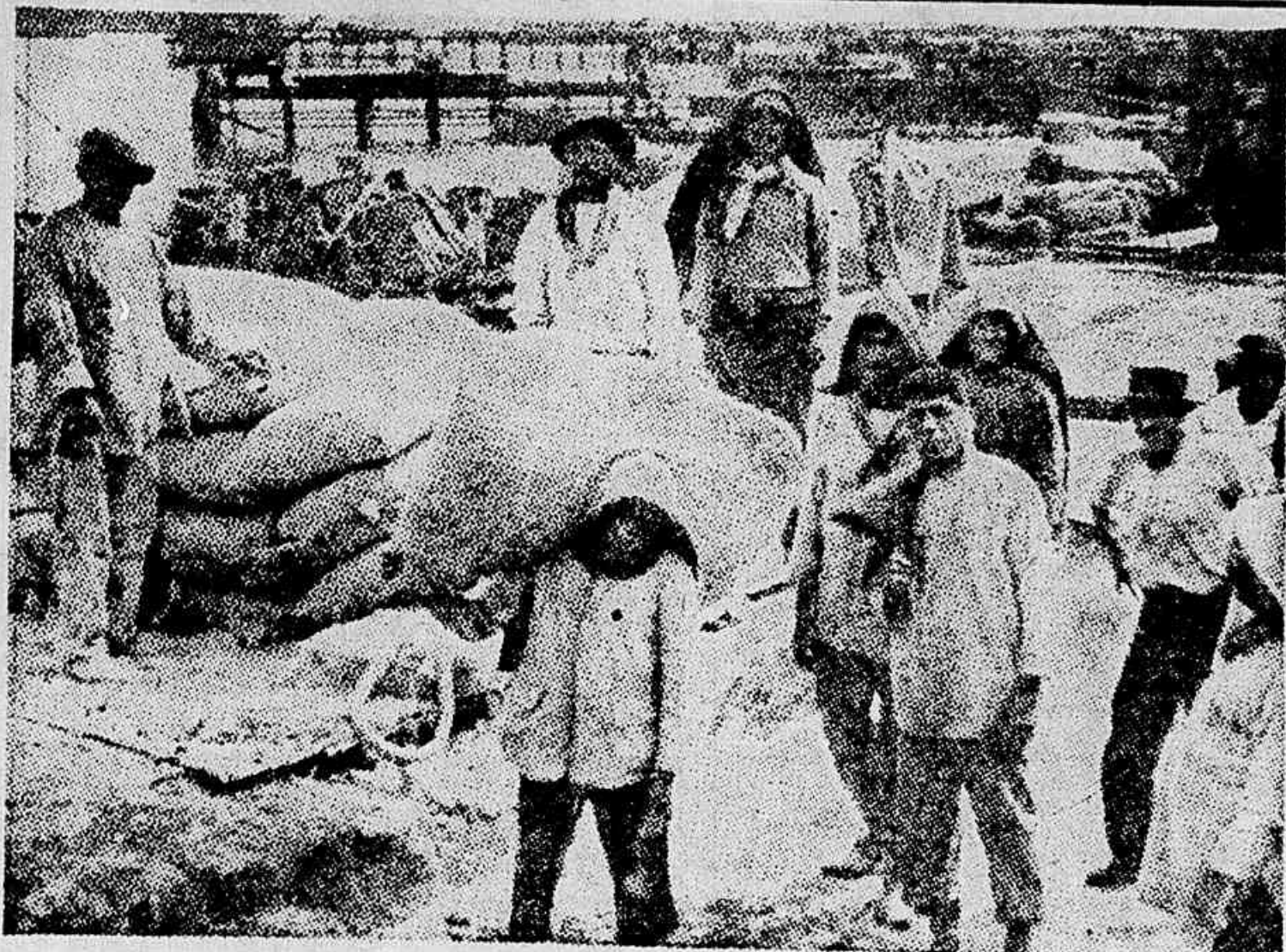
"Quando falamos da crise da cultura, diz Maria de Maeztu, vemos logo, com efeito, que o excesso de produção literária é de algum modo responsável por essa crise. A cultura, quando difundida, perde sua solidez. E

uma cultura enciclopédica produziu uma ignorância enciclopédica. Tanto mais o povo lê, menos sabe. Aprende mais ciência e tem menos sabedoria. A era moderna desejou popularizar a cultura, difundila, para colocá-la ao alcance do povo. Isso é impossível. A cultura não pode tornar-se popular... A cultura perde seu valor essencial quando colocada ao alcance dos fracos... A tentativa de desvitalizar e enfraquecer a cultura é um ataque deliberado, feito por esses inferiores, contra as forças que fizeram do homem um ser pensante..."

"Acredita-se, continua a autora, que a erradicação do alfabetismo significa o fim da ignorância. Nunca antes houve maior número de pessoas que possuem uma larga messe de conhecimentos. Entretanto, isto não produziu maior sanidade no mundo... O excesso de ciência produziu uma humanidade ignorante, que aspira à igualdade espiritual... A ciência não elevou o nível geral da cultura — não produziu um homem melhor". E Maeztu conclue falangisticamente: O único remédio para as forças destruidoras da democracia é o igualitarismo

(Continua na pag. 19)

AGENTES DO HITLERISMO TRABALHAM NA AMERICA



Trabalhadores chilenos de uma mina de nitrato. Eles não querem que o fruto de seu labor sirva para fazer explosivos na Alemanha de Hitler

Ms os governos e as organizações democráticas do continente colombiano reagem contra as manobras dos inimigos da liberdade e da independência dos povos.

(J. Read dos Passos — Especial para DIRETRIZES)

Os acontecimentos militares e políticos da Europa acarretarão, sem dúvida, profundas consequências e influirão de modo decisivo no mundo de após-guerra.

Mas o que se passa no teatro número um da luta contra o fascismo e pela conservação do regime democrático, não deve servir de motivo para que nós, americanos, nos desinteressemos pelo que se passa em nosso continente.

Mesmo porque, apesar da posição de evidência em que o Velho Mundo foi colocado pelas gigantescas operações bélicas de que é teatro, nem por isso os inimigos da liberdade esqueceram o hemisfério ocidental. Muito ao contrário, despacharam para estas paragens seus agentes ostensivos ou disfarçados e começaram a construir, aqui, um reduto onde julgam possível a sobrevivência do totalitarismo, sob uma rotulagem nova, depois da derrota de Hitler.

Por tudo isso é interessante sabermos o que se passa na América e analisarmos os acontecimentos americanos.

O NAZISMO E O NITRATO CHILENO

Vejam, por exemplo, o que se passa no Chile. Ali, os agentes, de Franco acabam de organizar um complicado esquema de relações comerciais, adaptado à exportação do nitrato para a Espanha.

Em vista dos frequentes embarços criados ao embarque de nitrato em navios espanhóis, esse produto vem sendo embarcado para Montevideu, em navios de outras nacionalidades. De Montevideu, o nitrato chileno, por sinal explorado por grandes firmas americanas e inglesas, faz uma pequena viagem para Buenos Aires, da Argentina do general Farrell, segue para a Espanha de Franco — porta de fundos da Alemanha de Hitler.

Nada mais do que uma simples ação entre amigos.

Segundo informes recentemente publicados no Uruguai, o navio hispano-falangista "Maria Vitória" deixou as águas barrentas do Rio da Prata e se fez ao mar, rumo à pátria do caudilho, levand

do em seus porões sete mil toneladas de bom nitrato chileno — parte de um projetado carregamento de 150 toneladas.

Como era natural, entidades interessadas na luta contra o nazismo protestaram na imprensa de Santiago contra esses passes de mágica dos for-

necedoros de nitrato a Hitler. Mas as companhias proprietárias das minas e exportadoras da cobiçada matéria prima de guerra alegaram, denotando a mais comovedora ingenuidade, que todas aquelas toneladas de nitrato destinavam-se a fertilizar o revólvido sólo onde mourejam, há

séculos, de arado em punho, os camponeses do velho Portugal e da velhíssima Espanha. Essa intensa fertilização de terras hispano-lusitanas coincidindo com a extrema necessidade dos fabricantes alemães de explosivos não deve ser encarada maliciosamente.

LUTA CONTRA FARRELL

Mas não é somente do Chile que nos chegam notícias de interesses antagônicos que se chocam.

Na Argentina temos há tempos um governo moralizador, estritamente neutro embora inimigo de morte da "demo-liberalismo". Três vezes o gabinete desse novo regime, desde o seu recente advento, sofreu modificações importantes, não se sabendo, ao certo, se para melhor ou para pior.

Tratando-se de um desses chamados "governos fortes", era natural que tudo lá pelo sul corresse às mil maravilhas e que salvo as periódicas mudanças de chefes de gabinete e de ministros, tudo se processasse debaixo da rígida marcação de uma batuta, colocada como estão as rédeas do governo em mãos de hábeis equitadores.

Mas não é bem isso o que está acontecendo. Recentemente formou-se em Buenos Aires uma "Junta Pátria Livre", grupo democrático, ao qual estão filiados diversos elementos, desde os conservadores até aos comunistas. Mesmo dissidentes do regime Farrell-Peron já aderiram à Junta Pátria Livre. Os membros do grande Partido Radical argentino, exceto o grupo do filo-fascista Sabatini, estão negociando com a Junta.

A Junta Pátria Livre conta com influência no operariado,

tendo já dirigido algumas graves contra o governo.

OUTROS FATOS

Enquanto isso, na Venezuela, depois de fechar os sindicatos de trabalhadores, o presidente da República promete a Lombardo Toledano restabelecer a liberdade sindical e permitir a organização de uma confederação nacional de trabalhadores, que enviará representantes à confederação internacional de trabalhadores de Filadélfia e ao Congresso das Uniãoes Trabalhistas que em junho próximo se reunirão em Londres.

Nos Estados Unidos a conferência da União dos Trabalhadores da Indústria de Automóveis resolve organizar para depois da guerra, comissões de operários e veteranos desmobilizados que se incumbirão de elaborar planos destinados a evitar o desemprego.

Desferindo um rude golpe contra o preconceito racial, a Suprema Corte dos Estados Unidos, por oito votos contra um, concedeu aos negros filiados a partidos políticos o direito de votar nas eleições federais e estaduais.

Também na América o mundo marcha. Também deste lado do Atlântico entram em choque interesses antagônicos.

Os agentes do inimigo de certo procurarão tirar partido de todas as circunstâncias. Por isso devemos analisar cuidadosamente o que se passa entre nós.

Assim não seremos pegados desprevenidos e poderemos denunciar ou desarticular em tempo o jogo dos que pretendem retardar a derrota do nazismo ou em último caso torpedear a organização de de um mundo melhor, alicerçado em bases verdadeiramente democráticas.

★ NOS QUATRO CANTOS DO MUNDO ★

No domingo, 2 de abril, realizaram-se no Chile as eleições de vereadores municipais para o preenchimento dos lugares que integram o Poder Comunal que, conforme a Constituição política da nação irmã, administra os interesses de cada cidade.

Segundo os dados oficiais fornecidos pelo Ministério do Interior do Chile os resultados das eleições foram os seguintes:

Radicais, 457 vereadores; Socialistas, 137 vereadores; Comunistas, 106 vereadores; Democráticos, 96 vereadores; Socialistas de Trabalhadores, 10 vereadores.

Os partidos, democráticos, portanto, que integram a Aliança Democrática do Chile obtiveram 806 cadeiras de vereadores, em todo o Chile.

Os Partidos da Direita obtiveram os seguintes: Conservadores, 335 vereadores; Liberais, 260 vereadores; Agrários, 30 vereadores.

Em consequência, a Democracia teve uma vitória sobre a Direita, com quase duzentas cadeiras em todo o país.

Os grupos políticos independentes alcançaram o seguinte: Aliança Popular Libertadora (Ibanistas), 3 vereadores; Independentes, 53 vereadores; Regionalistas, 4 vereadores; Nacionalistas, 1 vereador, e Falange Nacional, 25 vereadores.

Para a exata compreensão de como estão as forças que aqui aparecem como Independentes deve-se ter em consideração o seguinte: os 53 vereadores que aparecem como Independentes são em sua totalidade membros do Partido Radical que, por circunstâncias especiais, não participaram em suas comunas, do pacto eleitoral da Aliança Democrática do Chile. A Falange Nacional do Chile tanto em política interna como exterior tem atuado solidariamente com a Esquerda. O Partido Regionalista somente existe na longínqua cidade austral de Punta Arenas onde obteve os seus quatro vereadores.

A Aliança Popular Libertadora é o grupo político do General Ibañez, de tendência filo-fascista e, como se vê, sem nenhuma significação política no país. Cabe apreciar também que nas eleições municipais no Chile sufragaram as mulheres, cuja imensa maioria é dirigida pela Igreja Católica, frades e monjas. Todos esses sufrágios pertencem à Direita.

Destá maneira o triunfo democrático chileno que foi obtido nas eleições municipais é muito significativo. Quer dizer que nas eleições parlamentares a maioria será esmagadora sobre a Direita.

CUIDADO COM A QUINTA

O contra-almirante norte-americano Louis E. Denfeld fez pelo rádio um apelo a seus patriotas no sentido de evitarem especulações sobre o tempo de duração da guerra. Tais especulações, embora registrando apenas opiniões e pontos de vista não-oficiais, podem servir de base às pesquisas do inimigo em torno da correlação de forças econômicas e militares postas em cheque no conflito. Lembra o almirante Louis E. Denfeld que a discreção é a melhor arma contra a espionagem.

NOVAS EMPRESAS SUECAS

Segundo as estatísticas registraram-se na Suécia, em 1943 1.205 empresas, com um capital total de 59 milhões de coroas (47.750.000 dólares), contra 1.173 empresas com um capital total de 60 milhões de coroas, em 1942. Além disso 381 sociedades manifestaram sua decisão de aumentar seus capitais com o acréscimo total de 150 milhões de coroas.

OS SOLDADOS QUEREM VOTAR

O sargento David Golding, correspondente de guerra do jornal "Star and Stripes" no front do Mediterrâneo, mandou para a América as seguintes impressões sobre a questão do direito de voto aos combatentes: "Os soldados reconhecem seu direito de votar. E se esse direito, por qualquer motivo, lhes for negado, eles não ficarão satisfeitos. Posso ainda assegurar que ninguém será capaz de adivinhar as preferências políticas dos soldados e que a propaganda influi muito menos do que os fatos concretos que os homens das forças armadas estão testemunhando nesta guerra. Estes fatos têm algo de impressionante e calam fundo na alma dos soldados".

ESPAÑHÓIS CONTRA FRANCO

O movimento subterrâneo da Espanha realizou uma frente anti-franquista, abrangendo desde os comunistas aos monarquistas. Essa frente única prega a derrubada do Caudilho e a instituição de um regime de "liberdade e independência para a Espanha". Assinado pelo Conselho Supremo da União Nacional, contando com o apoio de monarquistas, católicos, catalães, bascos, republicanos, socialistas e comunistas, o manifesto desse movimento diz que "Franco e a falange devem ser derrubados logo depois da queda de Hitler, para que o martírio da Espanha não seja prolongado".

O JAPÃO ATACARÁ A RÚSSIA?

Os comentaristas aliados, de um modo geral, não acreditam que o Japão ataque a Rússia, atendendo a apelos de Hitler. O acordo em torno da Sakhalina vem demonstrar que esses comentaristas não falam simplesmente por falar. Além disso há outros fatores que eles alegam e que não se pode deixar de levar em consideração. É verdade, por exemplo, que os japoneses possuem um exército de 500.000 homens de elite na fronteira com a Rússia. Mas esses soldados, embora muito bem adestrados em campos de treinamento, não possuem experiência da guerra moderna e as forças russas postas em frente a eles não é inferior em número nem em qualidade, sendo ainda provável que entre as divisões soviéticas do Extremo Oriente haja muitos elementos experimentados nas lutas contra os alemães. Mas não é só isso. Num caso de ataque japonês aos russos Hitler nada tem a perder e tem muito a ganhar. Tojo, porém, na hipótese de atacar os russos, nada tem a ganhar e tem alguma coisa a perder.

O QUE SE DISSE... PELOS JORNAES E REVISTAS

O VOLFRAMIO — Editorial — CORREIO DA MANHÃ — 16-4-944.

Comenta a noticia de Lisboa, segundo a qual "acaba de chegar ali uma grande missão comercial alemã com o fim de efetuar vultosas compras de estanho, sardinhas em conserva e outros produtos, alem de estar incumbida de tratar com o governo do sr. Salazar da questão complicada dos fornecimentos de volfrâmio". É possível que entre os "outros produtos" esteja o algodão brasileiro que Portugal ultimamente tem importado, mas isto é outra história...

A história que aqui interessa é a do volfrâmio português, que — diz o "Correio" — tanto tem viajado para as usinas bélicas do Reich. O volfrâmio é utilizado em ligas de metais de grande resistência. Hoje é coisa preciosa, reclamada para a indústria de guerra. O "Correio" acha que a história oferece dois aspectos. Um deles é o económico: a missão visa uma solução para o complexo problema de cambiais. Outro é político: a atitude dos governos aliados em face desses "neutros" que fornecem materiais estratégicos ao Reich.

Comenta o "Correio": "Os que não compreendem que o governo luso cedesse os Açores assim que em nome da aliança tradicional lhe foram pedidos e agora pareça hesitar quanto às exportações de volfrâmio, vital para o Reich (que desejaria usá-lo para destruir tudo, inclusive os Açores), esquecem que o ponto de vista da contabilidade financeira é o dominante na atual situação. Quer dizer: esse problema será visto em Lisboa como um caso de tesouraria".

Conclue o "Correio" observando que "o povo de Portugal é 100% democrata". Não se entende com ele o caso do volfrâmio. Provavelmente nem terá do fato conhecimento cabal. É claro: a culpa é daqueles para quem tudo se resume numa questão de tesouraria. Ou por outra: a culpa é do fascismo como fenómeno internacional...

Sinarquismo e fascismo — D. Carlos Duarte Costa — Mensageiro de N. S. Menina.

Dom Carlos Duarte Costa escreveu um artigo que define sua posição contra o sinarquismo. Um artigo que merece a maior divulgação, dada a autoridade de quem o escreveu nesta hora em que se pretende substituir o fascismo por vários movimentos como hispanidade, sinarquismo, neo-escolasticismo, etc. Diz o articulista:

"O Sinarquismo no México está intimamente ligado ao Partido "Ação Nacional", camarilha de intelectuais, exponents teóricos do movimento antidemocrático, propagandista do totalitarismo entrenchados nos postos de comando da propaganda sinarquista. Querem estes ridiculos senhores que o México volte a ser "Colônia Espanhola". Resolvem estes pseudo intelectuais a questão social no México, fazendo, em pleno século vigésimo, o povo voltar aos campos, e os indios, escravizados, a trabalhar para os Príncipes do Privilégio. Plano verdadeiramente grandioso!... E o cúmulo de tanta insensatez é: este partido sinarquista está unido a organizações fascistas dos Estados Unidos, e em primeiro lugar à chamada "Frente Cristã", dirigida pelo Padre Charles E. Coughlin.

O Partido Sinarquista é formado por nazistas, falangistas e latifundistas. São tão insensatos que insultam o grande Juárez de "indio vendido ao ouro americano", e Hidalgo de "cura borracho".

Chefe deste partido é o demagogo Salvador Abascal". O movimento neo-fascista na América está se organizando e apresenta-se com toda a agressividade de propósitos idénticos ao do nazismo, fascismo e falangismo. O Eixo Roma-Berlim quer mudar-se para Madrid-Buenos Aires. O atentado a Avila Camacho, as rebeliões armadas que se levantam na América Latina e outros surtos de fascismo mascarado, dão uma idéia nítida da ameaça que pesa sobre a democracia e sobre a paz futura.

Willkie não está sozinho — Raimundo Magalhães Junior — A Noite — 11-4-944.

No seu artigo sobre Willkie, Raimundo Magalhães Junior conclue: "Em vez de um homem com idéias e que apresente essas idéias a descoberto, os elementos do Partido Republicano preferem o ex-promotor público Thomas Dewey, que condenou à morte alguns "gangsters", mas talvez nunca haja pensado em julgar os grandes criminosos internacionais. Engana-se quem pensar que os republicanos adotam, unanimemente o internacionalismo de Roosevelt, de Cordell Hull, de Wallace ou de Willkie. Quando Roosevelt, escolheu os dois republicanos para as pastas militares, a da Guerra e a da Marinha — os srs. Henry L. Stimson e Frank Knox — esses homens foram virtualmente expulsos das fileiras partidárias. O desejo republicano é destruir o que Roosevelt fez, dentro e fora do país: dentro, a revolu-

ção social do "New Deal", já aleijada por transigências e concessões; fora, a obra de construção de um mundo novo e diferente. Para o democrata Roosevelt está sendo preparado um torpedo, como o que fez sossobrar o barco do democrata Wilson. Se a parte reacionária do Partido Republicano preponderar, a política de boa vizinhança será substituída pela "big stick", pela "dollar diplomacy". Willkie não está com Hoover, com Dewey, com McCormick, com os Patterson, com os Hearts. Mas não está sozinho. Está conosco, está com os ingleses, com os chineses, com os franceses, com os russos, esses leões bravios que nada pode deter. Como é que esse grande homem pode estar sozinho?"

A LIÇÃO DE RUI — Tristão de Ataíde — O Jornal — 16-4-944.

Até há pouco as idéias políticas do sr. Tristão de Ataíde seguiam o curso de um falangismo moderado disposto a aceitar que o Exército alemão invadisse a União Soviética e destruísse o que ele vê, ali, de imperialismo, etc. No desenvolvimento da cultura e da técnica o sr. Tristão viu mitos ameaçadores para o mundo. Todo o seu conteúdo ideológico fazia paralelo com as idéas do falangismo católico tremendamente em voga na Hespanha franquista. Agora reconhece que o "realismo vermelho" está vencendo o realismo pardo. Insiste em dizer que a luta se limita entre o Partido Nazista e o Exército Vermelho. Um simplismo que não pode ser coisa muito inconciente no sr. Tristão de Ataíde que sabe bem o que diz. Agora o sr. Tristão coloca-se no centro, sente-se nas suas atitudes atuais o liberalismo que antes condenara e eis que exalta Rui como simbolo de idealismo. Fala da liberdade está aqui para festejar o que ele diz da liberdade. Queremos apenas que o sr. Tristão de Ataíde tenha um pouco menos de preconceitos a respeito da máquina, da cultura, do progresso e menos pendor para o catolicismo anti-Maritain e anti democrático.

Aqui temos um pequeno trecho do político católico: "O valor que ameaça ser esquecido, na hora dos despojos, é justamente essa Liberdade — dos homens e das nações, dos fracos sobretudo contra os poderosos — pela qual Rui Barbosa, por assim dizer, deu a sua vida. Liberdade dentro das nações, como liberdade entre as nações. Liberdade como antidoto contra o fanatismo que hoje é exaltado como virtude e liberdade contra o realismo que hoje ameaça de novo transformar o mundo em zonas de influência dos imperialismos universais. A lição de liberdade que Rui deu ao Brasil e ao mundo — pois em Haia e Buenos Aires ele falou ao universo e não apenas aos seus concidadãos — tem de ser aproveitada em nossos dias, com mais oportunidade ainda do que ao tempo em que foi dada".

Eis a patética lição de liberdade que nos dá. É preciso, porém, que esta lição seja mais clara, mais precisa. Escrevendo sobre o panorama da política internacional nestes últimos dias, o sr. Rogerio Sampaio aborda o assunto russo-polonês e faz o seguinte comentário:

"A Polonia pôs em prática, até setembro de 1938 uma política de falsa Segurança, isto é, procurou contentar a gregos e troianos, esquecida de que quando entrassem em choque os interesses das grandes nações não poderia haver lugar para condescendência com os menores. Seus dirigentes, com fortes resquícios das aristocracias privilegiadas que haviam sido varridas do poder pela guerra de 1914-18, julgavam-se capazes de contornar dificuldades em momentos de crise, estribados apenas em suas ligações com elementos provindos dessas mesmas classes e que ainda desfrutavam de certo prestígio nas chamadas grandes potencias. A guerra veio, como um tufão, reduzindo a nada essas esperanças. A Russia mostra-se, agora, disposta a deixar no olvido esses fatos, para só atentar para os interesses da coletividade polonesa, vítima da pouca compreensão de seus líderes antes da guerra".



VOLTA DE BORGES DE MEDEIROS — Sergio de Gouveia — "O Jornal" — 16-4-944.

Os "Diários Associados" enviaram um de seus repórteres ao sul, afim de entrevistas o sr. Borges de Medeiros. A tarefa não foi fácil.

O sr. Borges de Medeiros, com oitenta anos de idade, acha-se há muito em Estância Nova de Irapuasinhe, patriarcalmente. Recusou-se de início a dar entrevista. Só cuida agora dos pastores, rebanha as suas ovelhas, junto com os seus peões. Afóra isso, lê e escreve. Uma vida tranquila, mas não ociosa. O repórter, porém, insistiu. Fez-lhe duas visitas e, por fim, obteve declarações interessantes. Por exemplo:

"Quando vier a paz as grandes nações — Inglaterra, Estados Unidos e Rússia — com a colaboração do Brasil e demais potências aliadas, procurarão certamente estabelecer as normas de vida, que melhor corresponda às necessidades e aspirações do mundão.

No seu entender, haverá uma conciliação geral dos interesses em choque, quer no campo político, quer no económico. E mais:

"Não se poderá negar que a Rússia influirá na escolha do regime a ser dotado pelos países europeus nem tão pouco se pôde negar que o avançado socialismo que ali se processa tem muita coisa útil a ser aproveitada pelos demais povos do mundão.

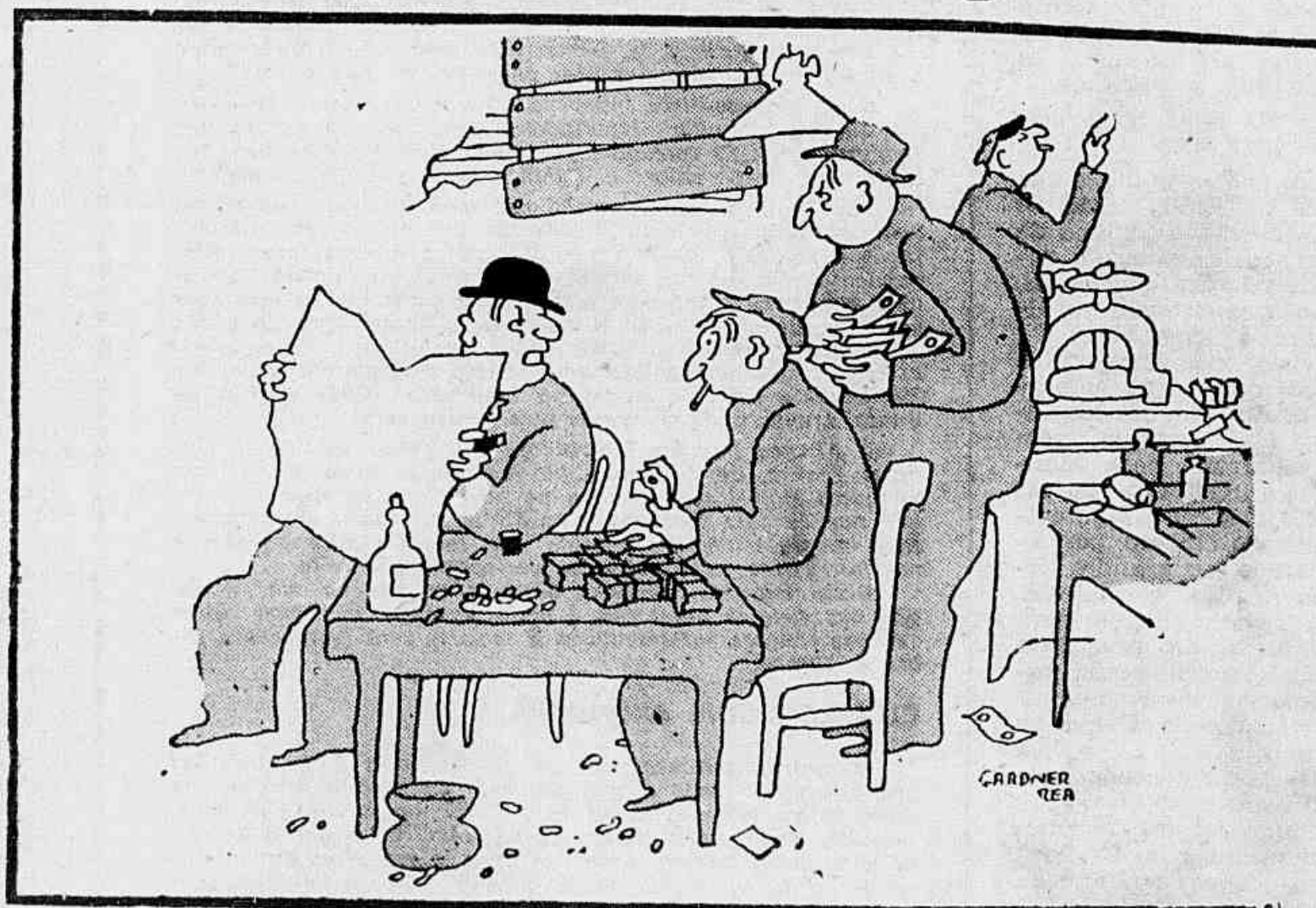
Parece-lhe que o regime parlamentar irá predominar na Europa de após-guerra. As monarquias ruiirão. Na América, continuará o presidencialismo, seguindo-se o exemplo dos Estados Unidos. Nessa altura, observou:

"O segredo dos regimens políticos está em estabelecer perfeito equilíbrio entre o exercicio da autoridade, pelos governos, e o exercicio da liberdade, pelo povo. Governo que se impõe pela força, com a supressão das liberdades individuais e, principalmente, da liberdade e opinião, fôge a fórmula ideal e nunca será correspondência das aspirações nacionais... E depois:

"Com mais de um século de vida constitucional, o Brasil trouxe do Segundo Império uma grande experiência democrática. Sob o cetro de Pedro II, com os seus governos de gabinete, promanados da escolha eleitoral, os partidos políticos gosaram sempre de plena liberdade e subiam ao poder mercê da força de que dispunham para o pronunciamto das urnas. Com essa tradição, vivemos mais e cinquenta anos de República, durante os quais o presidencialismo submeteu-se a uma experiência cujos resultados comprovaram cabalmente a capacidade política do povo brasileiro.

Queremos acentuar isto: o povo brasileiro tem capacidade política. Quem afirma é o sr. Borges de Medeiros com a sua longa experiência de vida republicana. Os fascistas dizem o contrário. Mas os fascistas estão desmoralizados no Brasil e no mundo inteiro.

Caricatura estrangeira



— Pelo jeito essa inflação vai acabar nos afetando !

A Economia Brasileira Completa-se no Centro da Europa

A Tchecoslováquia brevemente voltará a nos comprar e a nos vender

Não são os continentes que se completam. São todos os países do mundo que, produzindo o que devem e podem produzir, realizam suas trocas econômicas. O comércio mundial livre, aspiração a ser concretizada no pós-guerra, compreende a liberdade para cada povo desenvolver a sua própria economia, e aproveitar seus recursos naturais. Quanto mais forem aproveitados esses recursos, mais poderão as nações comprar e vender umas às outras, uma vez que a ninguém ocorra a insensatez de procurar bastar-se a si mesmo. Já há muito tempo que o desenvolvimento industrial na Europa caminha de Oeste para Leste. Os países do Centro e do Leste Europeu vem saindo de seu velho agrarismo feudal para a industrialização que possibilita uma agricultura nacional e democrática. A Tchecoslováquia é um país industrial. Sua democracia baseia-se numa economia adiantada e próspera que o fascismo alemão solapou durante a guerra. Seu comércio com o Brasil era intenso e só foi interrompido pelo bloqueio europeu. Mas em breve será restabelecido e nisto temos grande interesse, nós e o grande povo da Tchecoslováquia, brevemente redimido.

O sr. Antonin Polak ouvido por DIRETRIZES dá esclarecimentos concretos sobre o futuro comércio entre os dois países.

A Tchecoslováquia, antes do assalto do nazismo, não era somente um baluarte da democracia na Europa Central. Era também um dos mais adiantados centros da indústria europeia. Ao mesmo tempo que procurava abafar as vozes da democracia tcheca, Hitler o que queria, ao saqueá-la, era apressar-se de seus parques industriais. Agora a Tchecoslováquia, será um dos primeiros países a ser libertado pelo avanço dos

temente eleito presidente da Câmara Comercial Tchecoslovaca que se está organizando no Rio de Janeiro e cujo objetivo será o de incrementar, quando for tempo as relações comerciais entre os dois países. O sr. Polak, que é um dos mais autorizados técnicos tchecos em assuntos de economia brasileira, preferiu falar metodicamente começando por explicar as relações comerciais entre os dois países nos anos que precederam a guerra. Estava,



Dr. Eduardo Otrata, ministro do Comércio e Indústria do governo da Tchecoslováquia atualmente com sede em Londres



manufaturados, mas igualmente matérias primas e artigos semimanufaturados para certos ramos industriais altamente desenvolvidos no Brasil, desde há muitos anos, como por exemplo as fábricas de papel, de tecidos, de cerveja, etc. As relações diretas, estas sim eram menos satisfatórias pois apesar de todos os esforços por parte de ambos os governos, uma grande parte do intercâmbio era feito por intermediários, radicados em outros países, especialmente na Alemanha. Por essa razão também as estatísticas oficiais tanto brasileiras como tchecoslovacas não refletem e nem pode-



Jovens camponesas de uma aldeia da Rutênia, onde já chegaram os exércitos russos, como libertadores

exércitos soviéticos de Malinowski, lado a lado com as brigadas tchecas

A invasão desse país seguido pelo bloqueio da Europa causou ao nosso comércio exterior um sério desfalque, pois eram intensas as nossas trocas com a Tchecoslováquia. Mas a sua libertação, já iniciada, anuncia o restabelecimento dessas trocas. E este foi o motivo porque procuramos ouvir um informante dos mais autorizados sobre o futuro comércio brasileiro com aquele país. Escolhemos o sr. Antonin Polak, que foi recen-

assim, enunciada, naturalmente, a primeira pergunta.

BRASIL-TCHECOSLOVÁQUIA

As relações econômicas entre o Brasil e Tchecoslováquia, começa o sr. Polak, apesar de intensivas foram, sempre menores do que podiam ser. A Tchecoslováquia sempre desempenhou um papel muito importante no comércio com os outros países da Europa Central, pois é um país altamente industrial com capacidade para produzir diversos artigos primários e semimanufaturados. Porém, não fornecia ao Brasil só artigos

riam refletir o valor efetivo das importações e exportações. O destino das mercadorias exportadas é apurado, nas estatísticas brasileiras, geralmente, segundo os portos de destino. Por essa razão a Tchecoslováquia, não dispondo de portos marítimos, quase não figura nas estatísticas de exportação brasileiras. Por outro lado, as estatísticas de importação são elaboradas na base do país de procedência, de maneira que se referem às mercadorias compradas diretamente na Tchecoslováquia, porém adquiridas de al-

(Continua na pág. 10)

A Agricultura e a Industrialização

por J. CAMPELO

Já tivemos ocasião de salientar que a agricultura nacional costuma adotar uma atitude liberal e necessariamente crítica em face do problema da industrialização do país. Os seus portos-vozes são, na realidade, livre-combatentes e não raro externam o seu ponto de vista francamente, às vezes mesmo de uma maneira radical.

O ponto de vista da lavoura é respeitável e traduz claramente a repulsa a uma situação que, de fato, não pode perdurar. Os teóricos da agricultura insurgem-se contra a verdadeira exploração de que têm sido vítimas os proprietários agrícolas e as massas camponesas em geral por parte da indústria de bens de consumo que se criou e tem prosperado entre nós em bases protecionistas.

Na verdade, a maior parte dos artigos produzidos pela indústria nacional encontra o seu principal mercado nessa enorme massa — cerca de nove milhões de trabalhadores agrícolas que, com suas famílias, somam aproximadamente 30 milhões de indivíduos, ou seja, 70 % da população do Brasil. O seu consumo "per-capita" é muito baixo, mas o volume total das mercadorias consumidas é bastante apreciável, justificando amplamente os cuidados que a indústria nacional dispensa para conservá-los como clientela obrigatória.

Tivemos ocasião de protestar anteriormente que a manutenção desse monopólio do mercado interno não conduz logicamente à melhoria do produto nacional e, por outro lado, favorece o seu encarecimento. É precisamente contra essa situação que se levantam os elementos mais esclarecidos da lavoura, alegando que a economia agrícola se encontra na dependência de "indústrias artificiais", que em muitos anos de funcionamento não conseguiram dispensar a proteção que lhes foi concedida para a sua criação e o seu período de infância. E reclamam a livre concorrência das manufaturas nacionais com as manufaturas estrangeiras que, afirmam eles, poderiam ser aqui adquiridas em condições mais favoráveis de preço e de qualidade se fossem derrubadas as barreiras alfandegárias.

É compreensível que essa campanha encontre eco e que possa até mesmo ser estimulada por grandes organizações estrangeiras exportadoras de manufaturas, ora impossibilitadas de competir no mercado interno com as manufaturas nacionais. E que possa, igualmente, ser apoiada por uma parte do comércio importador aqui estabelecido, que em muitos casos também não é nacional.

Vemos, então, que neste particular coincidem os interesses da agricultura nacional com os interesses das grandes organizações estrangeiras que pretendem monopolizar o comércio internacional. E, como seria de esperar, aqui e acolá percebem-se intuições de fortalecer uma identidade de pontos de vista no terreno político, que é cultivada com particular empenho e muita habilidade pelas tradicionais organizações que exercem o "poder econômico irresponsável" sobre a face da Terra, na expressão de Stafford Cripps.

Mas, é preciso distinguir. Essa coincidência de interesses é apenas aparente. Enquanto os interesses defendidos com tenacidade pelas organizações que dominam os mercados internacionais são vitais e permanentes, os interesses invocados pela agricultura nacional são apenas imediatos e provisórios.

Essa afirmação exige um pequeno esclarecimento. Quando dizemos que os interesses que levam a agricultura a se bater pela livre concorrência das manufaturas no mercado interno são apenas imediatos e provisórios, não queremos significar que eles sejam destituídos de importância. Ao contrário, julgamo-los importantíssimos e dignos da maior consideração.

É verdade que a posição da agricultura nesta questão decorre necessariamente da situação de impasse criada pela constituição e consolidação do monopólio do mercado interno para uso de grupos industriais brasileiros. Isto colocou-os numa espécie de ponto morto onde puderam desfrutar comodamente os privilégios que lhe foram assegurados pela legislação protecionista e pelo câmbio baixo.

Mas essa situação de impasse pode ser superada — e o será com toda a certeza — em benefício da própria indústria. Há indícios de que os elementos mais concientes da indústria já sentem necessidade de fortalecer a sua posição econômica, criando condições para o livre desenvolvimento da sua atividade sem as interferências, as restrições e as limitações dos grupos imperialistas de que atualmente dependem para a aquisição de máquinas, matérias primas, combustíveis e outros produtos essenciais.

Diante das perspectivas incertas do mundo de pós-guerra, a mentalidade industrial que se formou entre nós começa a evoluir e a adquirir uma consciência nítida do papel histórico da indústria nos países semi-coloniais. Nota-se, por exemplo, que os industriais mais esclarecidos já tendem a situar os seus problemas num plano nacional, onde se projetam os interesses superiores da coletividade, proporcionando a visão de conjunto sem a qual não se poderiam encontrar as diretrizes da emancipação econômica nacional.

Identificam-se eles, deste modo com as correntes mais progressistas da administração pública que procuram neutralizar a ação imperialista, com o objetivo de impedir que "o poder econômico irresponsável" continue a interceptar a solução dos grandes problemas nacionais, ameaçando comprometer os esforços para um amplo e leal entendimento entre governos e criando motivos para a formação de correntes de opinião ultra-nacionalistas, presa fácil da exploração política da quinta-coluna.

Numa política econômica assim concebida não se trataria mais de conferir privilégios à indústria manufatureira sem a contrapartida do fortalecimento de toda a economia nacional. Estaríamos em face de um problema de conjuntura econômica, cujas soluções teriam que sofrer a ponderação devida à importância relativa das forças econômicas do país. Em consequência, os planos de industrialização decorrentes dessa política só poderiam ser traçados em função das exigências fundamentais da atividade econômica preponderante — a agricultura.

Por outro lado, a indústria manufatureira nacional apoiada numa base econômica sólida, fornecida pelas indústrias essenciais (matérias primas fundamentais, máquinas, combustíveis, ferramentas, etc.), não mais temeria a concorrência estrangeira.

A realização desse programa tiraria o sentido à posição atual da agricultura contra os privilégios da indústria manufatureira. Essa fase seria superada. Em lugar disso, os interesses permanentes da agricultura haveriam de situar-se ao lado das indústrias essenciais, pela realização de um programa de industrialização que conduzisse à emancipação econômica do país.

É para um programa dessa natureza que vêm sendo conclamadas as forças mais progressistas da agricultura nacional.

A Economia Brasileira Completa-se no Centro da Europa

(Continuação da pág. 9)

gum intermediário residente fora da Tchecoslováquia. Além disso a estatística tchecoslovena de importação de nonstrava o total das mercadorias brasileiras compradas e importadas diretamente do Brasil, embora por portos estrangeiros, por exemplo via Hamburgo ou Trieste. E' esta estatística que revela a importação de todas as mercadorias de origem brasileira, compradas diretamente do Brasil ou em outros países de origem.

Entre as duas estatísticas, a brasileira e a tchecoslovena, existe às vezes, grande diferença. Em 1937, a importação direta do Brasil, como país de compra ou procedência demonstrou o valor de 48 milhões de coroas tchecoslovenas, enquanto que a importação total de mercadorias de origem brasileira atingiu a importância de Kc. 233 milhões, verificando-se desta maneira que 79,4% das mercadorias brasileiras foram importadas indiretamente, isto é, por intermédio de outros países, na maioria da Alemanha. A exportação brasileira, de acordo com as estatísticas tchecoslovenas, foi quarenta vezes maior do que conforme as estatísticas. A estatística brasileira demonstra, também, no mesmo ano, um excesso de importação da Tchecoslováquia no valor de 32.045 libras ouro, e a estatística tchecoslovena, pelo contrário, um saldo a favor do Brasil de 31 milhões de coroas tchecoslovenas.

Os principais artigos brasileiros, importados pela Tchecoslováquia, eram café, cacau, fumo, peles e couros, algodão, lã borracha, sebo, cera de carnaúba, diversos produtos animais, erinas, ossos, garras, unhas, etc., frutos oleaginosos, sementes, arroz, madeiras, carnes e conservas, minérios e outros produtos. Só em 1937, a Tchecoslováquia comprou no Brasil 2.836 toneladas de minérios de ferro e 7.354 toneladas de manganês. Quanto à exportação da Tchecoslováquia para o Brasil, a estatística tcheca revela que quase um terço da mesma foi constituída por matérias primas e produtos semimanufaturados, como cevada torrefada, lupulo e celulose, e o resto por artigos manufaturados, destacando-se sobretudo artigos de vidro, bijuterias, artigos de ferro e metais, máquinas, máquinas elétricas, tecidos de linho, algodão e lã, louças e porcelanas, roupas confeccionadas, artigos de seda, luvas, produtos químicos, brinquedos, instrumentos e aparelhos diversos, também instrumentos de música, etc. O vulto das exportações para o Brasil dos artigos mais importantes vê-se na tabela seguinte:

Artigos	Em toneladas
Cevada torrefada ...	44.640
lupulo	824
celulose	25.406
tecidos de linho	412

tecidos de algodão ..	348
tecidos de lã	171
vidros e cristais ...	13.130
louças	1.184
artigos de ferro	15.958
artigos de metal ...	318
máquinas	1.066

Para o ano de 1938, não foi

publicada estatística anual na Tchecoslováquia. Segundo as estatísticas mensais, a Tchecoslováquia importou, nos primeiros nove meses de 1938, mercadorias brasileiras no valor de 76.400.000 Kc. e exportou para o Brasil mercadorias no valor de 85.500.000 Kc. Depois do desastroso acordo de Munich (fins de setembro de 1938), a Tchecoslováquia mutilada pode enviar ao Brasil, ainda, mais de 12 milhões de Kc. em mercadorias e dele receber no valor de 20 milhões de Kc.

NO APÓS-GUERRA

Tinhamos, assim, um quadro do nosso regime de trocas com o maior núcleo industrial centro-europeu, antes da guerra. O processo usado para a elaboração das estatísticas desfigurava a verdadeira situação, o que se espera corrigir no após-guerra. E é preciso fazer a guerra estudando as preparações de paz. Por isso indagamos do sr. Antonin Polak sobre as possibilidades que a paz vai trazer às nossas relações comerciais com seu país. Ele nos responde com uma exposição clara.

— Prometem ser bastante animadoras e estamos bem certos que estas relações vão intensificar-se de uma maneira impressionante. Não só os dois povos, mas especialmente os meios comerciais e industriais, têm um sentimento de franca simpatia, reciproca. A marca "Made in Czechoslovakia" sempre foi bem vista no Brasil, e os artigos brasileiros sempre muito apreciados na Tchecoslováquia. E' verdade, que a estrutura do comércio entre nossos países vai sofrer alterações importantes, especialmente quanto à exportação tchecoslovena para o Brasil. Devido ao fantástico desenvolvimento da indústria, como de todas as atividades econômicas, no Brasil, no último decênio, a Tchecoslováquia futuramente não poderá mais fornecer diversos artigos manufaturados. Por exemplo, os tecidos de algodão estampado, antigamente importados em larga escala da Tchecoslováquia, hoje, porém, objeto de grande exportação brasileira.

Por outro lado a Tchecoslováquia sempre poderá fornecer máquinas para instalação de novas indústrias brasileiras, indústrias de produtos manufaturados que o Brasil poderá, depois, exportar para todo o mundo inclusive a Tchecoslováquia. O Brasil é um país destinado a ser uma das maiores potências industriais — interrompe o sr. Polak. E' um país onde abundam as matérias primas ainda não exploradas, matérias primas de exploração economicamente possível.

E continuando:

— Fora disso, é de esperar que os esforços conjugados dos meios oficiais de ambos os países poderão pôr um fim às atuações prejudiciais dos intermediários de outros países, resultando ações exclusivamente diretas. E neste sentido se está trabalhando ativamente, desde já, para preparar o terreno para o momento em que for possível o restamento das relações comerciais da Tchecoslováquia com o Brasil. Por iniciativa do governo tcheco ora em Londres, está sendo, atualmente, organizado um conselho econômico da Tchecoslováquia para o Brasil, cuja finalidade é a organização futura das relações econômicas da Tchecoslováquia com o Brasil e a organização de uma Câmara de Comércio Brasileira-Tchecoslovena.

O meu país poderá absorver também uma grande parte das

novas exportações brasileiras e o fará com prazer. Isto se dará, por exemplo, com muitos artigos farmacêuticos e medicamentos, fibras e tecidos, coroa, etc. Basta lembrar que certos artigos químicos e farmacêuticos, de que a Alemanha se orgulhava, eram vendidos no mundo inteiro como produtos afamados alemães, mas, na realidade, eram fabricados no Brasil e, na Alemanha, recebiam, apenas, o acondicionamento definitivo.

Outro aspecto da questão, também, muito importante. O Brasil, na sua exemplar generosidade, acolheu muitos refugiados tchecos, na maioria especialistas econômicos. Estes tiveram ocasião de conhecer muita coisa boa e surpreendente para eles no Brasil e empenharão todas as suas forças para abrir novos ramos de importação ou exportação, assim, aumentando o futuro intercâmbio — e o farão não somente por sentimentos de gratidão, mas também, em virtude de razões práticas, comerciais. Parece, até, que a grande maioria deles vai fixar residência no Brasil, para dedicar-se à intensificação das relações econômicas entre os dois países.

Finalmente, queríamos mencionar um aspecto geral da evolução do Brasil. A enorme industrialização do país vai trazer, como consequência muito natural, um nível mais alto de vida, em geral, o que levará a uma necessidade crescente de importação de artigos especializados, justamente no gênero, para o qual a Tchecoslováquia está otimamente aparelhada.

Em resumo, há várias razões, finda esta guerra, para um sensível aumento das relações econômicas entre nossos países, como que predestinados para completarem-se mutuamente

RESSURGIRA' A INDÚSTRIA CENTRO EUROPEIA

Mas a futura melhoria de nossas trocas com a Tchecoslováquia ainda é fundamentada em outro motivo. E' que a economia desse país amigo vai ressurgir da guerra, mais fortalecida. Quando falamos desse ressurgimento o sr. Antonin Polak não se surpreendeu e mostrando seu domínio da matéria foi nos dizendo:

— Não pode haver dúvida sobre isto. O desaparecimento da concorrência desleal, praticada pela Alemanha nos últimos anos, permitirá a Tchecoslováquia entrar mais vitoriosamente em diversos mercados mundiais. Também a realização do planejado bloco econômico-político com a participação de diversos países da Europa Central, garantirá a Tchecoslováquia, pela ausência de barreiras alfandegarias, entre seus vizinhos um mercado interno muito maior.

Tudo isso levará a um aumento da produção total de Tchecoslováquia, permitindo maior especialização, maior perfeição e ao mesmo tempo um barateamento considerável facilitando concorrência nos mercados mundiais. O que dissemos da atuação dos refugiados tchecos no Brasil, pode-se dizer dos mesmos em outros países, até certo ponto. Todos tratarão de intensificar as relações de sua pátria com o país que lhe tem dado acolhimento nas horas mais difíceis. Haverá, portanto, milha-

res de pessoas sinceramente empenhadas no aumento das relações econômicas e também culturais com diversos países, com conhecimentos pessoais dos mesmos. Isto redundará num aumento enorme da produção tchecoslovaca também do intercâmbio.

VIVERES PARA O POVO TCHECO DEPOIS DA GUERRA

Todo mundo sabe que a estrutura do começo mundial no após-guerra vai ser sensivelmente diferente do anterior ao conflito. Várias nações se empobreceram pela devastação, perderam muitas de suas fábricas ou as viram parcialmente destruídas. Por outro lado a economia de alguns países poderá ser reforçada pelo surpreendente desenvolvimento que a própria guerra trouxe à TECNOLOGIA. Vão surgir no mercado produtos a preços insuspeitados. A concorrência tomará novos rumos. Quem aperfeiçoou suas máquinas vai gozar vantagens e causar dificuldades aos que continuarem a trabalhar com maquinária obsoleta e com produção cara. O quadro futuro das nações industriais devastadas deve ser o de grande procura de gêneros alimentícios e de alto esforço para reabilitar ou recompor seus equipamentos prejudicados pelo bombardeiro.

Apresentamos a questão ao sr. Polak perguntando-lhe quais os principais produtos que seu país procurará adquirir depois da guerra e eis o que ele nos informa:

— A estrutura do intercâmbio comercial entre o Brasil e Tchecoslováquia, nos primeiros anos depois da cessão das hostilidades, será marcada por importações extraordinárias de grandes quantidades de viveres e matérias primas, das quais a esfomeada e saqueada Tchecoslováquia terá necessidade imperiosa, embora não seja provável que os artigos importados vão diferir muito dos tempos normais. Haverá, provavelmente, um aumento enorme das quantidades importadas, e não do número dos artigos, pois, meu país praticamente, sempre vai ser um freguês para todos os artigos exoptáveis do Brasil com exceção por exemplo, do milho, da carne e poucos outros artigos brasileiros.

Uma vez normalizada a situação na Europa e vencidas as dificuldades mais prementes da reconstrução continuaremos importando os mesmos artigos, em quantidades normais, com poucas exceções, sendo quasi certo, que iniciará a importação de diversos produtos químicos, farmacêuticos e outros produtos de especialidade brasileira muito conhecidos na Europa, mas não como sendo de origem brasileira. Isto é uma consequência da obtenção de produtos por meio de intermediários de outros países.

MAQUINAS E NAO GARRAFAS

Mas é claro depois da guerra as alterações no comércio internacional de um país industrial do centro europeu não são apenas as decorrentes de suas necessidades de viveres e matérias primas para transformação. Esse país tem que recomear as suas vendas, poderá vender a um país determinado tudo o que vendia sobretudo no caso do Brasil que, também premido pela guerra, teve que desenvolver suas indústrias. O sr. Polak está em dia com o novo estado coisas e esclarecer:

— Como já ficou dito as futuras exportações da Tchecoslováquia vão, sem dúvida sofrer alterações importantes, devido ao grande desenvolvimento econômico do Brasil, país que esta no melhor caminho para tornar-se

tências econômicas do mundo. Uma antiga experiência, porém nos ensina, que países com indústrias desenvolvidas constituem melhores compradores que as nações onde prevalece a agricultura, são justamente os primeiros que possuem um padrão de vida mais elevado e mais ricos de modo que podem importar mais do que as nações agrícolas.

A Tchecoslováquia não mais poderá vender ao Brasil. Por exemplo, tecidos de algodão estampados, nem certos artigos de vidro, como garrafas, mas continuará provavelmente a fornecer seus tecidos de linho, seus veludos especiais, lenços e outros, assim como dos seus afamados artigos de cristal, vidro, com os seus magníficos cristais, lapidados, vidros químicos, para indústria, laboratório e uso doméstico.

Em primeiro lugar porém, continuará a mandar ao Brasil, seus artigos tradicionais, como as bijuterias, apesar do alto grau que também neste ramo já atingiu a indústria nacional e as pedras sintéticas, tantas vezes imitadas e nunca alcançadas. Também as afamadas porcelanas da Boêmia, para fins domésticos e industriais não poderão ser dispensadas das importações brasileiras, o mesmo acontecendo com o lúpulo e a cevada torrefada, malte, produtos, reconhecidamente, os melhores do mundo.

O Brasil também terá necessidade de outros artigos especilizados, como certos tipos de papeis, instrumentos de musicas, brinquedos, etc... e dos quais a Tchecoslováquia é produtora sem par.

O grande futuro para as vendas de após-guerra vemos, porém, para artigos de dois ramos de maior importância, e dos quais poderemos fazer ao Brasil ofertas interessantíssimas. São os produtos químicos e os metalúrgicos, entre estes artigos de ferro e metal de alta perfeição e especialização, como máquinas e motores, máquinas elétricas, instrumentos de precisão, máquinas especiais para lavourea, ferramentas instalações completas para usinas de álcool e assucar, material ferroviário de toda espécie, automoveis de carga e passeio, muitos outros. O futuro das relações econômicas entre os dois países amigos e aliados aparece como se vê, muito animador. Existem todos os elementos para relações estreitas e desenvolvidas. Por isso, estamos certos de que não faltarão a boa vontade do fator homem para tirar o máximo proveito possível das possibilidades existentes, em favor das duas nações reciprocamente.



ZIMOLACTOL
Granado

FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESTINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES



IDEAL
PARA DEPOIS
DO
BANHO
DO
BÊBÊ

TALCO Malva

FORMULA DO
PROF. ANTONIO ALEJO
DA UNIVERSIDADE DE
M. M. A. C. S. P.

PERFUMARIA MARCOLLA
SELO H. H. H. H. H.



Uma Joia Moderna

O MAIS BELO ADORNO
PARA A SENHORA ELEGANTE

Uma Joia Moderna

SELO H. H. H. H. H.

FALTAM

PAGs. 11 A 18

A AMÉRICA AMEAÇADA PELA "HISPANIDAD"

(Continuação da pág. 6)

numa sociedade hierárquica. "Deus criou o povo para trabalhar... o clero para administrar a fé... a nobreza para assegurar a virtude e dirigir a justiça".

Para construir a "Nova Espanha", os princípios democráticos devem ser extirpados e o caminho para isso consiste em desacreditar os homens que representam esses ideais na história espanhola. Liberais do século dezoito, como Aranda, Campomanes, Jovellanos e todo o grupo dos "afrancesados", são submetidos a severos ataques. A Falange abomina tudo que a Constituição de 1812 representa, enquanto Fernando VII, que é chamado por Carleton J. H. Hayes, "Rancoroso, cruel, ingrato, inescrupuloso", e que de acordo com o mesmo autor, restaurou o antigo regime na Espanha em 1814, "com todas as suas desigualdades e injustiças", é o herói. O general Riego, que liderou a revolução liberal de 1820, é anatematizado, como todos os liberais do século dezanove. Joaquim Costa recebe o mais feroz ataque, provavelmente porque os seus estudos económicos fazem uma análise muito livre sobre a economia feudal-católica, tão exaltada pelos falangistas atuais.

O anti-semitismo e a livre maçonaria constituem temas importantes da ideologia falangista. "A total catolização da Espanha (diz Pamartin), não pode ser conseguida sem uma decidida e oportuna luta contra todas as seitas anti-católicas; livre maçonaria e judaísmo. A livre maçonaria e judaísmo são dois grandes inimigos do fascismo, da regeneração da Europa, e, ainda especificadamente, da regeneração da Espanha no sentido da catolização total que desejamos. Hitler tem toda razão em sua luta de morte ao semi-tismo. Mussolini fez talvez mais pela grandeza da Itália com a dissolução da livre maçonaria do que com qualquer outra das medidas que pôs em prática.

Ser espanhol é ser anti-semita, de acordo com Ramiro de Maeztu. Sob o título de "Discussão contra os Mouros e contra os Judeus", observa: "Um judeu continua a ser judeu, mesmo quando abjura sua fé. Foi precisamente por este motivo que fomos obrigados a instituir a Inquisição. Os característicos fundamentais do espanhol são, aliás, aqueles que ganhou na sua luta contra os Mouros e os Judeus".

SAUDOSISMO FALANGISTA

Os filósofos da Falange desejam que os povos hispânicos aceitem a tese de que o mundo actual é ruim e aceitam a exploração, fornecida por eles, sobre porque é ruim este mundo. Oferecem então os remédios necessários.

O que está acontecendo, dizem os falangistas, tem sua razão de ser, tem suas causas no curso da história, e acentua que foi isto o resultado do declínio da Idade Média quando o Renascimento, a Reforma, a Revolução de Cromwell e a revolução política dos Estados Unidos, a França e a Revolução Industrial transformaram o mundo e logo as teorias de Comte, Spencer, Darwin e Marx iniciaram a obra de dissolução... O mundo só fez perder. Nada lucrou. Economia livre? É a origem dos problemas sociais... Democracia? É a incapacidade para o governo. Liberalismo espiritual? É a vitória da difamação. O diploma do bacharel enciclopédico? Como quase o conteúdo da instrução popular, serve apenas para incutir no espírito humano o horror ao trabalho — (Maeztu, Hispanidad).

Mas se o século dezoito inspira

horror aos advogados da Hispanidad o século dezanove é, para eles, como um pesadelo. Porque esse é o século de Augusto Comte, de Darwin, Marx e Spencer.

A primeira tarefa da Falange consiste em destruir esses "falsos" filósofos, em varrer todo o modernismo, a democracia, o racionalismo, as matemáticas newton-cartesianas, a Reforma, a Renascença, abrindo assim espaço para a volta do espiritualismo medieval. Somente quando isso estiver feito é que a Espanha poderá recuperar sua antiga grandeza. Esta é a parte crítica dos teóricos da Falange. Há um programa positivo, em ação. A Espanha, diz Ramiro de Maeztu, precisa apenas aceitar, como seu objetivo, "a volta à nossa Fé — a Igreja Católica Romana".

O general Franco proclama que o seu movimento foi inspirado "pelos sentimentos da Igreja Católica". Seu biógrafo, Joaquim Arraras afirma esse princípio: "A Espanha é a legítima herdeira da Europa Católica. As demais nações têm sido apenas planetas e satélites que recebem luz indireta, pálida e refletida, da Igreja, depositária da Verdade. A Espanha nos assuntos materiais, desempenha o papel da Igreja nos assuntos espirituais... E tem sido sempre a defensora da Europa contra a paganização e o bolchevismo que são nada mais do que a consequência última da Reforma e do Cartesianismo Racional, das quais derivou por meio da Enciclopédia, do Liberalismo e da Democracia, tal como o Relativismo de Einstein, o saqueador bolchevista e destruidor da ciência física. O bolchevismo nasceu de Elisabeth com Lutero". Assim fala Pamartin.

Ser espanhol é ser católico, diz a filosofia falangista. "Desde a instrução primária até à instrução universitária" todo o ensino deve ser católico, e todas as escolas rigorosamente fiscalizadas para que nada se ensine que seja contrário ao catolicismo. A intolerância é também fundamental. Não devemos ter tolerância nem respeito por essas opiniões errôneas que não podem ser respeitadas nem toleradas, mas temos compaixão e caridade para com os que as seguem, os quais nós sabemos que são pobres de entendimento, fracos de espírito". (Pamartin, Lo Nuevo).

A Inquisição deve ser revalorizada à luz da tradição católica, ao invés de ser atacada como o foi pelos escritores racionalistas. A Falange indica-a como a verdadeira tradição espanhola. Maeztu insiste em dizer que ela foi popular no seu tempo, amada e respeitada e busca testemunho de alguns autores estrangeiros.

Felipe II é apontado como o grande defensor da Fé. Sua intolerância encontra completa aprovação falangista. Em conclusão, o catolicismo é o primeiro requisito positivo do Novo Estado Espanhol.

O fascismo é o segundo requisito. Os filósofos da Falange concordam com Hitler nas suas cinco frentes de batalha: anti-democrática, anti-capitalista, anti-semita, anti-maçônica, anti-comunista. Esse programa que Gimenez Caballero chama de mandamentos do Fascismo é "um novo universalismo, última ecumenidade". Este ponto é exaltado em seu "La Nueva Catolicidad", publicado em 1935. "A diferença entre os dois fascismos é que a Alemanha possui um fascismo pagão, enquanto que o da Itália é cristão". A Espanha está identificada com o fascismo cristão.

Os teóricos de "Nueva España" forjaram, assim, uma filosofia fascista completa, que encaram como sendo a essência

da Espanha. Pamartin diz que o fascismo espanhol deve ser baseado numa verdade transcendental. "Já dissemos antes que, na Espanha, temos o direito de ser mais papista do que o Papa; e, do mesmo modo, podemos ser mais fascistas do que o próprio fascismo, pois o nosso fascismo deve ser perfeito, absoluto". "O fascismo é um conceito religioso, disse Mussolini. O fascismo espanhol será, portanto, a religião da Religião".

Se maiores evidências forem pedidas, Gimenez Caballero fornece-as, escrevendo: "o fascismo para a Espanha não é fascismo, mas ca-to-li-cis-mo. Repetamos: Catolicismo". ("O Gémino da Espanha", pags. 30-31).

HISPANIDAD: O IMPÉRIO ESPANHOL

A Espanha Fascista-Católica tem uma missão: a regeneração do mundo pelo catolicismo, e a criação do Império Espanhol. Sejam católicos e imperiais, concita Gimenez Caballero. E isto tornou-se a política exterior oficial da Espanha, formada pelos partidos políticos que trouxeram a existência da "Nueva España". Depois com o único partido, A Falange, a "imperial extensão da Espanha" foi o distico do fascismo espanhol.

A Alemanha forneceu o modelo para o período da formação da Falange. Cada vitória alemã sobre as democracias causava jubilo. "A redenção dos grandes povos oprimidos se aproxima, anunciou Onesimo Redondo. A libertação da Espanha chegará também pela revolução nacional. Uma Alemanha unida será o bastião de uma Hispanidad renovada. Assim como a Alemanha recobrou-se... a Espanha Nacional Sindicalista restaurará a unidade imperial de todas as nações de língua espanhola... A Espanha renovará seus esforços históricos para converter os povos bárbaros, e a aliança germano-espanhola colocar-nos-á de novo à testa do mundo". (Onesimo Redondo, pág. 140).

A união germano-espanhola constitui parte importante da Hispanidad. Os propagadores dessa união acharam uma lógica histórica para ela. Carlos V e Felipe II, dizem eles, colocaram a nação espanhola à testa de um ideal internacional, uma super-nação. "Vejo Carlos V como o nosso hitlerista, o nosso racista alemão, exclama Gimenez Caballero. O fascismo "é o novo, vigoroso expurgo da Civilização e do Futuro", sendo a Espanha a sua força mais importante. "Em nós, espanhóis, neste momento histórico, repouza a gloriosa tarefa de contribuir mais talvez do que outras nações fascistas... para a renovação histórica da Civilização Ocidental".

A militarização da Espanha será o primeiro passo para a recuperação imperial. Isso trará Disciplina... abrangendo os conceitos básicos componentes: Unidade, Ordem, Hierarquia, Continuidade... Assim, poderemos voltar ao verdadeiro ser da Espanha, que tem sido uma nação militarista durante toda a história".

A missão da Hispanidad deve ser realizada pelo Império Germano-Espanhol com a expansão do Império.

"Uma nova Idade Média — com transcendente espírito divino — deve começar de novo... A Alemanha deve adquirir um novo ímpeto de formidável expansão. De um lado, atirará as hordas moscovitas mongólicas para os limites da Ásia... Por outro lado, conquistará novamente a Europa, invadirá outra vez o Império Romano... Nas ruínas da Europa apostata... reconstruiremos uma nova e poderosa Latinidad".

Será uma Latinidad Católica que a Alemanha tentará dominar. Mas fracassará, porque a Latinidad é a força espiritual mais poderosa. A Espanha será a mais forte e a principal Coluna da Latinidad Católica, Mediterrânea, vencedora da sátnica revolução e do Bolchevismo e Chefe Imperial da Amflicio-

nia dos Estados Espanhóis do Atlântico".

Hispanidad é o instrumento indicado para fazer com que o sonho imperial se transforme em realidade. A missão da Hispanidad, dizem os seus teóricos, é a de "estender, expandir nossa grande cultura Hispânica, Latino-Cristã, e o nosso Matriarcado político (maestrazgo político) especialmente sobre os países americanos de alma e língua Hispano-Iberianas". O grito de batalha durante a revolta contra a República, era: Pelo catolicismo e o império! O decreto de 4 de agosto de 1937, estabelecendo o partido único, a Falange Espanhola, aceitou o Império como um dos pontos principais do programa. Números discursos, artigos e livros propagam a idéia do Império. Gonzalez Oliveiros colaborador íntimo de Serrano Sumner, em seu livro "Falangistas y reuques, um todo orgânico", afirma que a "idéia imperial" é a estrela guiadora da Espanha, o que implica na "adoção de uma política de expansão". Fala nos mesmos termos o professor Banelos, da Universidad de Valladolid, no seu *Revoluciones políticas y seleccion humana*.

O IMPÉRIO DE FRANCO

O próprio general Franco é o maior instrumento das imperiais ambições da Espanha fascista. Falando ante um grupo de aviadores italianos, prometeu que a força aérea espanhola iria "constituir os músculos de aço para a construção do Império". E ainda, poucas semanas depois, falando no porto fortificado do Atlântico, disse: El Ferrol não pode voltar as costas ao oceano; no seu arsenal construiremos as máquinas de guerra que devolverão à Espanha o seu Império". De que constituirá esse Império? De acordo com as publicações falangistas e os discursos de Franco, incluirá Gibraltar e partes da África. Mas, o que é para nós mais importante, a publicação oficial falangista, Fé, clama pelo "mundo espanhol para a Espanha". O general Franco também aponta diretamente o caminho para a restauração do Império Espanhol na América. Em Cadiz, a 19 de abril de 1939, proclamou: "Recordemos os Conquistadores que espalharam pelo mundo a Fé e a vontade da Nação. Devemos ter o desejo do Império..." A 24 de março de 1940 visitando o Arquivo das Índias, em Sevilha, escreveu no livro de visitas: Ante as relíquias do nosso Império com a promessa de um novo Franco".

O Império incluirá "todos os povos que devem sua civilização ou sua existência aos povos hispânicos da Península. Hispanidad é um conceito que abrangem a todos eles... Hispanidad não se limita a uma terra mas a várias e diferentes terras".

O que, então, mantém unidas as nações hispânicas? É a religião, a única força que pode salvá-las. Atacadas pelo bolchevismo por um lado, e pelo liberalismo por outro "devem voltar aos princípios da Hispanidad se quiserem emergir vitoriosas". Para isso, devem tornar-se mais católicas. (Maeztu).

Os teóricos do falangismo querem que a Europa se limpe dos "males" que surgiram com o Renascimento, acham também que a América hispânica deve fazer o mesmo.

Primeiro virá uma reinterpretação da história americano-espanhola. Começa no período colonial. Foi com evidência bem legítima que os modernos eruditos começaram a clamar por uma revalidação da obra da Espanha no Novo Mundo. Os advogados liberais do Hispanismo e os advogados fascistas da Hispanidad têm uma aspiração que é idêntica até certo ponto; ambos desejam assegurar um grande apreço às contribuições espanholas do Novo Mundo. Mas, quando o Hispanismo declara que o regime colonial da Espanha era bom em virtude de suas realizações liberais, a Hispanidad atribui a grandeza colonial à civilização católica e...

a uma autoridade também comum a todos, e respeitada por todos, o Rei da Espanha. A corrupção começa com o liberalismo...

A linha divisória entre as duas escolas de pensamento é facilmente discernível: de um lado estão aqueles que acreditam no progresso, como o concebe a ideologia liberal e democrática; de outro, aqueles que advogam o totalitarismo no governo e na sociedade. Em ambos os movimentos existe o forte desejo de combater o Indianismo que atribue aos indianos contribuições culturais idênticas ou maiores do que as dos espanhóis.

O Pan-Hispanismo liberal procura mostrar que as colônias partilharam do Esclarecimento. A Hispanidad afirma que a América Hispânica colonial era esclarecida e que a América hispânica atual é ignorante. Encarando o período colonial como superior ao moderno, Hispanidad considera a Independência como uma tragédia, não como um triunfo. Quanto ao México, Guzman Valdivia diz: "A Espanha deu-nos vida; mas essa vida malograda desde o princípio. A tragédia da Espanha foi a nossa tragédia..."

E aponta o caminho de salvação do México: o destino da Hispanidad...

A restauração da Hispanidad depende da restauração dos chamados valores tradicionais. A América Hispânica deve olhar a tradição espanhola. Os grandes males vieram com os que introduziram o liberalismo: Hidalgo, Morelos, Gomez Faris, Guerreiro, e... o pior de todos — Benito Juarez no México. Os heróis são Iturbide, Alaman, Santa Ana, Maximiliano, Miramon e Porfirio Diaz. O Chile é convocado para condenar Manuel Salas, O'Higgins, Manuel Bilbao, e os partidos liberais e democráticos. A Revolução de Mayo da Argentina é anatematizada e Mariano Moreno e Bernardino Rivadavia são classificados como vilões. Alberdi condenado e Sarmiento retratado como inimigo da Argentina por bater-se pela imigração e pela instrução pública. Rosas, o ditador, é exaltado. No Uruguai, o opróbio é lançado sobre José Battle e Ordonez, pai de um dos mais modernos códigos de legislação social de todo o mundo.

O passado é citado como o guia do futuro. O futuro esta na ressurreição dos séculos de Carlos V e de Felipe II. (Maeztu).

Hispanidad tomará a forma do Governo Estado-Igreja. O antigo império espanhol forneceu o modelo, pois os seus sucessos foram devidos ao seu caráter teocrático.

O QUE SIGNIFICA PARA A AMÉRICA A HISPANIDAD

Um velho liberal do hispanismo, F. Carmona Nencles assim observa a respeito de Hispanidad:

"A Hispanidad faz parte do conceito nazista do mundo. Foi orientada para América, com o auxílio do regime teocrático-fascista imposto à Espanha pela guerra civil... Hispanidad é a reconquista da América-Ibérica para a Espanha Não para "qualquer Espanha", mas para a Espanha Teocrática-Falangista... É, em princípio, uma reconquista espiritual, e depois a reconquista material, quando as condições do mundo o permitirem. A Espanha declara-se como Império e exige seu ex-império. A Hispanidad representa o retrocesso para o "status quo" antes 1800, pelo menos. O fascismo ibérico aspira a eliminar o tempo. Mas a Hispanidad é mais do que fascismo: é o fascismo espanhol para fascistas ibero-americanos. Sim, Hispanidad, Fascismo Creoulo: tal é a coisa, gostemos ou não.

Três classes principais na América Hispânica apoiam a Hispanidad. As classes conservadoras, proprietárias; numerosos intelectuais e fortes elementos da Igreja Católica. A classe

(Continua na pág. 21)

VANGUARDEIROS DAS ASPIRAÇÕES DEMOCRÁTICAS DO BRASIL

(Conclusão da 3.ª pág.)

Mais uma vez levantaram-se veementes apelos para uma ação mais decidida em apoio a causa das nações democráticas. Seis dias depois, a 20 de abril, dia do aniversário do Fuehrer, os estudantes, vencendo as medidas coercitivas que se tomavam contra os seus movimentos, realizaram o "enterro de Hitler", congregando, novamente o povo, em torno das consignas de "guerra ao Eixo" e "luta contra a quinta-coluna e o integralismo". Mas não se contentavam eles com palavras; agiam eficientemente. Não combatiam a quinta-coluna em tese, mas reuniam, pacientemente, provas decisivas da ação nefasta dos elementos "verdes" da Bahia. Em 9 de maio de 42 os estudantes bahianos deram uma das provas mais edificantes de sua coragem e de sua força combativa. Numa sessão cívica realizada no Colégio da Bahia, com a presença de enorme massa estudantil, de várias autoridades estaduais e da congregação daquele estabelecimento, os estudantes denunciavam, publicamente, o professor de fascismo Herbert Parentes Fortes como um legítimo quinta-coluna. A denúncia foi feita pelos próprios alunos do professor aludido, dentro do estabelecimento em que era catedrático, com um número esmagador de comprovantes. Diante da documentação reunida e divulgada pelos estudantes, o então secretário de Educação do Estado, antigo correligionário de Ação Integralista do professor Herbert Fortes, teve de afastá-lo temporariamente do seu cargo e de mandar abrir inquérito sobre a autenticidade das acusações que lhe eram imputadas. Essa campanha consolidou o prestígio dos estudantes perante o povo, que soube compreender o destemor dos moços que acusavam um inimigo do Brasil e da Democracia com provas irrefutáveis.

Em 6 de junho de 42, novamente saem à rua os estudantes, numa imponente manifestação às forças armadas da nação, diante de cujo representante, o então comandante da 6.ª Região Militar, expressaram, ainda uma vez, o desejo de todos os brasileiros de verem o país participar da luta contra as nações nazifascistas e de combaterem ombro a ombro, com os soldados das Nações Unidas.

Nenhuma data histórica nacional ou universal de significação democrática, nenhum acontecimento de importância na vida da nação se passou sem que os estudantes, forçando a estreiteza do ambiente, não se movimentassem com o povo para legalizar as manifestações populares e democráticas e para pedir maior vigilância sobre os elementos fascistas que trabalhavam contra nós e para que o governo ficasse conhecendo a determinação do Brasil de participar, também, por todos os meios, na tarefa de esmagamento do fascismo. Foi assim no 2 e no 14 de julho do mesmo ano, as manifestações de 14 de julho todo o povo da Bahia deu um maravilhoso exemplo de sua esplêndida consciência democrática. Debaixo do forte temporal que, na ocasião, desabou sobre a cidade, 5 mil estudantes desfilarão diante de mais compacta massa popular que, até o momento, se reunira nas praças públicas de Salvador e que permaneceu nas ruas por várias horas aplaudindo os oradores que reafirmavam a vitalidade dos ideais de liberdade.

Por outro lado, davam os bahianos uma esplêndida amostra de sua solidariedade

ao povo francês, representado pelo Comitê Nacional da França Livre, sob a direção do general De Gaulle.

No dia 17 de agosto de 1942 a população da Bahia foi despertada com a notícia do torpedeamento de vários navios brasileiros em nossas águas costeiras e do metralhamento dos naufragos indefesos, entre eles, velhos, mulheres e crianças, pelos piratas alemães. Então o povo encheu as ruas, numa onda de indignação viril, clamando pela imediata declaração de guerra, exigindo a prisão e prendendo por iniciativa própria e entregando às autoridades conhecidos "quinta-colunas". Desde esse dia até o dia 22 os estudantes não dormiram. O povo também não dormia. Não ficou um possível reduto de espionagem que não fosse revistado pelos estudantes, auxiliados por grupos populares; não ficou um elemento "existista" que não fosse denunciado, pu-



Em passeata cívica, os combativos estudantes bahianos prestam homenagem às forças armadas

blicamente, às autoridades. Dia e noite, os estudantes e o povo, senhores das ruas da cidade, exigiam a declaração de guerra aos países do Eixo.

Afinal, no dia 22, diante do ato do governo federal, reconhecendo o estado de belligerância entre o Brasil, a Alemanha e a Itália, a classe estudantil reclamou a união nacional, uma férrea união de todas as forças anti-fascistas do país para ganhar a guerra. Imediatamente toda a classe universitária da Bahia, através de suas organizações, pôs-se a trabalhar integrado em nosso esforço bélico, promovendo todas as campanhas que estavam ao seu alcance e de maneira tão absorvente que as reivindicações menos imediatas foram relegadas, durante muito tempo, a um plano secundário. Muitos desses jovens que participaram dessas jornadas foram convocados ou se apresentaram voluntariamente aos quartéis e ainda se encontram incorporados às nossas forças armadas, esperando a ordem de partir para as frentes de luta da Europa. Os que continuaram na vida civil estão lutando, trabalhando pela intensificação do esforço de guerra do país, pelo envio imediato de um Corpo Expedicionário popular pelo esclarecimento e mobilização do povo, pela unificação dos democratas e anti-fascistas brasileiros dentro de um programa concreto de guerra pelo aperfeiçoamento das instituições democráticas nacionais, pela estabilização do custo da vida, que cresce assustadoramente. E esse programa está sendo executado

com medidas práticas e não com discursos demagógicos.

Agora mesmo estão os estudantes empenhados no combate ao aumento dos preços dos transportes, pretendido pela Companhia Linha Circular da Bahia. Diversos memoriais já foram dirigidos às competentes autoridades estaduais e federais. Neste momento cogitam os universitários da formação de uma Comissão para controle dos preços, integrada por estudantes e representantes de várias classes populares, inclusive donas de casa, para combater a especulação e o câmbio negro.

Esta rápida história de uma luta honesta, corajosa e patriótica, sustentada pela classe estudantil da Bahia — luta que prossegue ainda —, mostra bem quem são os jovens, cujas opiniões sobre problemas da guerra e da paz o reporter procurou ouvir.

UMA VANGUARDA CONCIEN- TE

Quando cheguei à sede da União dos Estudantes da Bahia para tratar desta entrevista, não esperava realizá-la

para o governo, no sentido da participação ativa do Brasil ao lado das Nações Unidas. Isso quer dizer que a posição assumida pelos estudantes não foi uma coisa improvisada e espontânea, mas uma atitude de coerência histórica.

— Além do mais, acrescenta Manuel Tanajura, do Diretório da Escola Politécnica, sendo o estudante parte integrante do povo, a vanguarda conciente do próprio povo, de nenhum modo poderia ele ficar indiferente ao que se passava e tinha, forçosamente, que tomar uma posição enérgica e definida na luta contra o fascismo, o escravizador dos povos.

Milton Tavares, do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito,

entra na conversa:

— A posição do estudante, no Brasil e, principalmente, na Bahia, como disse o colega Santana, é uma posição consequente. Os estudantes do Brasil colonial estavam ainda desligados do povo, se bem que, uma vez ou outra, surgisse alguém como o inconfidente Maia. Depois de nossa Independência política,

guarda de todos os progressistas. Por isso mesmo os agentes da reação nacional nos criticam de abandonar os livros para nos dedicarmos, com intensidade, aos problemas políticos e sociais do momento. Pois é isso mesmo o que eles temem — a ação social e patriótica dos moços. Penso, até, que o ponto de vista do sr. Tristão de Ataíde, condenando o ensino da Sociologia em nossos ginásios e colégios, reside no medo que tem o grupo representado por este senhor de que a juventude volte as suas vistas aos assuntos políticos do momento. Inelizmente, este ponto de vista atrasado foi vitorioso na Reforma Capanema...

— Outro motivo concreto, diz Milton Tavares, para que os estudantes tenham assumido, no Brasil, a posição de vanguarda na luta contra o fascismo, es.á no fato de que eles constituem a classe social mais liberada das peias políticas. Ainda possuímos um mínimo de liberdade de pensamento e de livre organização, que não possuem, no Brasil de hoje, outras classes sociais.

— Além dêsse motivo, acrescenta Hamilton Prisco Paraiso, presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito, além do motivo de insuspeição, alegado por Milton Tavares, há outro preponderante. É que o estudante não forma uma classe homogênea, do ponto de vista econômico. Daí os seus movimentos, como classe, serem sempre a manifestação de um ideal de justiça e liberdade. A responsabilidade dos estudantes, num país de grande percentagem de analfabetos, é a de impôr atitudes de vanguarda nos movimentos sociais e políticos.

Entraram, nesse momento, Orlando Moscoso, vice-presidente da U. E. B. e do Diretório da Faculdade de Medicina, e Mario Alves, presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia. O reporter informa-lhes sobre a entrevista, sobre a pergunta feita e as respostas dadas.

— Estou de pleno acordo com o que se disse — declara Orlando Moscoso.

A DEMOCRACIA PARA TO- DOS OS POVOS

O reporter faz, então, a segunda pergunta:

— Declarada a guerra pelo governo brasileiro à Alemanha e à Itália, que fizeram e que devem ainda fazer, neste momento, os estudantes, em auxílio ao nosso esforço bélico, e às Nações Unidas?

Fernando Santana, também desta vez, é o primeiro a responder:

— A guerra foi declarada, mas a nossa participação no conflito não foi ainda efetiva. A primeira luta que sustentamos, depois de sua declaração, foi contra as correntes reacionárias que procuravam diminuir o entusiasmo popular, e o conseguiram, até certo ponto. Diziam que não tinhamos forças suficientes, nem recursos materiais e humanos para participar diretamente na luta, ao lado das forças armadas das Nações Unidas. Levantavam espectros de há muito mortos e enterrados. Manobravam e manobram ainda com o câmbio negro. Tentaram impedir, e ainda tentam, a execução das medidas de guerra do governo. Contra essas correntes nossa luta foi árdua e o será mais ainda, para o futuro, porque elas detêm, ainda, considerável poder em suas mãos. Se os resultados de nossa participação na guerra não foram mais positivos, não nos cabe, a nós estudantes, a culpa. Como os reacionários não pudessem mais impedir a derrota do nazismo, tentaram sabotar a nossa aliança com as nações democráticas e a rápida democratização do país. Mas, a ida para breve do Cor-

(Continúa na página 21)

imediatamente. Estavam presentes apenas, 6 representantes de Diretórios, mas Fernando Santana, presidente da U. E. B., candidato à presidência da U. N. E., no último Congresso Nacional de Estudantes e um dos mais simpáticos caudilhos estudantis do Brasil, foi me dizendo:

— É melhor você realizar sua entrevista agora, pois vai ter quase todos os presidentes dos Diretórios Acadêmicos aqui reunidos para uma sessão onde vamos tratar da Reforma do Ensino Superior. Podemos até começar agora mesmo, para não se perder tempo. Os outros chegarão em breve.

Reunidos em torno à mesa seis estudantes, inicialmente o reporter começou a entrevista perguntando:

— Na Bahia foi a classe estudantil a primeira a movimentar-se, coesamente, para pedir ao governo o rompimento de relações com os países do Eixo, após Pearl Harbour, e para a declaração de guerra aos países nazi-fascistas, desde que começaram os torpedeamentos dos nossos navios pelos corsários exististas. Quais os motivos que levaram a classe estudantil bahiana a assumir esta atitude?

.. O presidente da União dos Estudantes da Bahia é o primeiro a responder:

— A posição dos estudantes da Bahia frente aos acontecimentos nacionais e internacionais destes últimos tempos foi uma posição histórica, desde que a orientação política dos estudantes sempre foi anti-fascista. Tendo evoluído a luta contra o fascismo até a guerra, tínhamos de apelar

quando os estudos superiores passaram a ser feitos em escolas brasileiras, começou a aparecer a classe estudantil à frente de todos os movimentos nacionais e libertadores. Castro Alves é o exemplo que não podemos esquecer. Já na atulidade, o estudante brasileiro é uma parcela do povo, saído de quase todas as camadas e classes populares. Por isso mesmo, como afirmou Tanajura, é a vanguarda do povo, na defesa dos seus interesses.

— Logo, volta a falar Fernando Santana, ninguém pôde representar melhor o povo, as suas verdadeiras aspirações, do que o estudante. A atitude que assumimos diante da guerra representa o sentimento de todo o povo do Brasil — por isso que é fundamentalmente anti-nazista.

— E isso não deve causar nenhuma surpresa, intervém Joel Muniz, secretário de Defesa Nacional da U. E. B. e membro do Diretório da Faculdade de Ciências Econômicas. O estudante sempre tomou parte influente nos acontecimentos políticos nacionais. Se agora, que as solicitações para a participação de todo o povo na vida política são mais imediatas e mais prementes, estariamos traindo, não somente o povo do Brasil, mas a própria vocação dos estudantes brasileiros.

— Creio mesmo, intervém, outra vez, Fernando Santana, que já está a merecer dos nossos sociólogos e historiadores um estudo muito mais sério sobre o papel desempenhado pelos estudantes na vida política da nação. Isso é um fato comum nos países latino-americanos, onde os estudantes atacam, sempre, como van-

★ **CORRESPONDENCIA DE SÃO PAULO** ★

Universidades Segregadas
por Elias Chaves Netto

○ Conselho Universitário autorizou o professor Jorge Americano, reitor da Universidade de São Paulo, a começar os estudos para a construção da Cidade Universitária, ficando igualmente incumbido de entabular as negociações de um empréstimo, que ele avalia em 300 milhões de cruzeiros, para levar avante a referida construção. Tudo faz crer que o projeto saiu das especulações teóricas para o domínio das realizações práticas, já tendo sido delimitada a área da fazenda Butantan, perto da Capital, onde deverá se erguer a futura Cidade Universitária. É mais uma iniciativa grandiosa da

qual em breve se orgulharão os paulistas. Resta saber se não se está cometendo um grave erro, não somente sob o ponto de vista financeiro, pelo emprego de uma quantia tão avulsa numa obra que não deixa de parecer um tanto sumuária como, principalmente, sob o ponto de vista cultural.

Semelhante interrogação pode parecer a mais estranha possível para todos aqueles que não nutrem dúvidas de que uma universidade se confunde com os edifícios nos quais se realiza o seu ensino. Assim são os mais famosas universidades do mundo que o nosso povo tem tido, tantas vezes, a oportunidade de admirar no cinema e que certamente causaram impressões tão profundas em todos quanto tem seguido para os Estados Unidos nas múltiplas missões de intercâmbio cultural instituídas entre aquele e o nosso país. Destas, o humilde cidadão brasileiro, convidado a passear pelas terras do Tio Sam, e pouco afeiçoado sua grandiosidade, costuma voltar barbaqueado, visto como não tem uma força de resistência capaz de lhe oferecer, e isto porque nutre a mesma veneração ao progresso que se avalia em termos de dinheiro para gastar...

Assim são as universidades de Oxford e Cambridge. Assim são Harvard e Yale. Assim deve ser a Universidade de Paris, pois pouco antes da guerra a "Ilustração Francesa" se ocupava da construção de uma magnífica cidade universitária, construída no espaço das antigas fortificações. Se assim são os mais famosos centros culturais do mundo não há como pôr em dúvida que nós, que temos que resolver o nosso problema de cultura, precisamos edificar o local onde cultura, considerada como uma entidade, possa se desenvolver. Semelhante modo de encarar o problema se afigura tanto mais verdadeiro quanto parece nutrido de um sadio materialismo.

Não contendo que as nossas escolas superiores necessitem de instalações adequadas ao ensino que nelas tem que ser ministrado. Ninguém contesta a necessidade de laboratórios para o estudo das ciências experimentais. Essa necessidade é tão real que o atual Instituto de Pesquisas Tecnológicas, que tem e está prestando um serviço tão grande à nossa indústria, nada mais é do que primitivo laboratório de resistência de matérias criado por um professor da nossa Escola Politécnica. Ninguém contesta que a nossa Escola Politécnica tenha que ser ampliada para poder receber um número um pouco maior do que 75 alunos por ano, quando o Brasil necessita de milhares de engenheiros, e para que não se repita o fato ocorrido, há dois anos atrás, quando a escola viu-se obrigada a recusar matrícula a cerca de trinta alunos aprovados nos exames de admissão, por falta de vagas. O que só não aconteceu devido ao protesto da Federação das Indústrias, tendo o governo do Estado permitido que fossem matriculados os 105 alunos aprovados.

Nenhum fato melhor do que este demonstra o total insuficiência do nosso ensino superior, num momento em que não são somente os bens consumíveis que são necessários em grande escala, mas os técnicos capazes para produzi-los. Na existência de uns e de outros é que reside o adiantamento de um país. Ninguém contesta que os nossos estabelecimentos de ensino de natureza teórica, os cursos de filosofia, literatura, ciências econômicas e sociais, necessitam de espaço nos quais os assistentes, formados na escola, que continuam os ensinamentos dos professores catedráticos possam exercer a sua função de repetidores perante turmas subdivididas de alunos, assim se formando um núcleo de saber que se difunde. Isso quando estas seções da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras se acham localizadas no terceiro andar da Escola Normal, onde, além do mais, funciona a reitoria da Universidade, etc., etc.

Ninguém contesta nada disto: Que é preciso construir alguns edifícios apropriados para os cursos universitários e, mesmo, que é necessário dar uma solução ao problema da residência dos estudantes, especialmente os que, vindos do interior, moram espalhados por péssimas pensões da cidade sem as condições propícias para o exercício de um trabalho intelectual eficaz. O que se afirma é que, contrariamente ao que pensa o sr. interventor, é este um problema cuja solução não deve ser dada "globalmente", como explicou o professor Jorge Americano em entrevista à imprensa. Principalmente se por "globalmente" deve se entender a edificação de uma cidade universitária, retirada da cidade, espécie de convento no qual estudantes e professores, segregados das preocupações da vida material que consistem na obrigação quotidiana de ganhá-la, possam se dedicar exclusivamente aos problemas de cultura.

Em primeiro lugar, uma cultura que se isola da vida concreta falta de saída à sua finalidade. Cultura é ação ou, melhor, consiste na aquisição de conhecimentos destinados a influenciar a ação do homem. Uma cultura, portanto, só tem sentido se intimamente ligada aos problemas que agitam a vida. Isolar os centros de estudo destes problemas é consequentemente um erro anti-cultural. Ou então será puramente gran-finismo.

E' o que se pode chamar uma cultura de classe que tende a manter e a perpetuar as diferenças de classes entre os homens. Sem dúvida alguma, é a espécie de cultura que o nosso povo tem a ocasião de ver nos filmes, nos quais desfila ante os seus olhos a delícia da vida universitária inglesa ou norte-americana, com suas partidas de foot-ball, suas competições de remo e o entusiasmo sentimental das "coeds". Mas neste caso o mínimo que se possa dizer ao projeto do reitor Jorge Americano é que o Estado de S. Paulo não está em condições de gastar trezentos milhões de cruzeiros para divertir a sua mocidade. O que se impõe é mantê-la, ela e seus educadores, em contato com as realidades da vida, conscientes de que os estudos que vão procurar nas escolas superiores são aqueles que precisam para fazer face às suas dificuldades concretas.

Se, constantemente, precisamos olhar para o estrangeiro para solucionarmos as nossas questões, é necessário considerar que a grandeza dos dois países que citamos, talvez, não esteja nas suas super-valoriadas universidades, mas na multiplicidade de suas escolas técnicas e especializadas, de todo o gênero, e mesmo no esforço individual dos maiores dos seus homens, alguns dos quais não passaram por escola alguma. A história americana é um desfilar deste tipo de homens. Eles se criaram em contato com os problemas do momento e sentindo as suas necessidades. Este é o ambiente no qual um plano universitário inteligente deve procurar manter o estudante; no qual ele se sintá fazendo parte do corpo social e compreenda que o ensino que está fazendo visa ajudar este corpo social a progredir. Quaisquer planos que visam fazer do estudo uma espécie de finalidade em si e gran-finismo ou se prendem a falsas noções de cultura.

A AMÉRICA AMEAÇADA PELA "HISPANIDAD"

(Continuação da pág. 19)

proprietária vê na Hispanidad uma filosofia que protegerá seus interesses. O apoio intelectual à Hispanidad é mais difícil de conseguir como lógico, mais indicado, porém, para difundir a ideologia. Ideologia anti-liberal medievalista, organizada contra o humanismo, o secularismo, a democracia, escarnecendo da ciência e do progresso. O apoio da Igreja à Hispanidad é quase sempre extra-oficial, mas, na verdade, é o mais importante e poderoso fator dentro todos.

A Hispanidad desenvolveu vários veículos de expressão em toda a América Latina. Alguns foram mencionados, outros merecem registro. No México, o semanário *La Nación* publica diariamente artigos de ataque à democracia e aos Estados Unidos. *Lectura*, revista bi-mensal, é mais sutil, mas chega às mesmas conclusões. *El Sinarquista* e *Ordem*, órgãos oficiais do movimento Sinarquista, exprimem também entre os que apoiam a ideologia da Hispanidad. Dos não menos importantes periódicos do México que trabalham pela Hispanidad citam-se *Omega* e *El Hombre libre*, proeminentes jornais católicos.

A Colombia, também, possui forte contingente de advogados da Hispanidad: *America Española*, publicado por G. Torres Troconis, em Barranquilla; *El siglo*, diário, órgão oficial do Partido Conservador, La Tradición, Falange e a mais importante, a *Revista Javariana*, órgão da Universidade Pontificia Católica Javariana de Bogotá.

Na maioria, senão em todos os países, há ou houve publicações pró-Falange, pró-Hispanidad. Outros que os advogados da Hispanidad publicam ou publicaram: *Arriba Espana*, Havana; *Amanecer*, S. Domingo; *Arriba España*, La Paz; *Arriba España*, Panamá; *Avance*, San Juan, Porto Rico; *Arriba España*, Equador; *Unidad*, Lima; *Jerarquía*, Bogotá; *Cara al sol*, Ponce, Puerto Rico; *Arriba*, Sullana, Perú; *Cara al sol*, Nova York; *Unidad*, México. Algumas dessas publicações tem sido dissolvidas na América, sua ideologia, que é o assunto em discussão, é ainda forte.

A Argentina possui talvez, o maior número de publicações falangistas: *Arriba*, *El Pampero*, *Crisol*, *Clarínada*, *Los Principios*, e o jornal *Católico*, *Crítico*. Estes são os principais.

VANGUARDEIROS DAS ASPIRAÇÕES DEMOCRATICAS DO BRASIL

(Continuação da pág. 20)

po *Expedicionário Brasileiro aos campos de batalha da Europa é uma demonstração de que, não obstante tôdas as manobras desses indivíduos, o povo brasileiro vai se fazendo ouvir. Podemos resumir no que expôs tudo o que fizemos e iremos fazer para o futuro. — Podemos dizer, intervém Mario Alves, que a nossa tarefa fundamental deve ser agora, como vinha sendo, a de fortalecer a união nacional da juventude, como nossa contribuição à União Nacional do povo brasileiro para a Vitória.*

— *Creio, interrompe Joel Muniz, que a unidade do povo brasileiro, que é, realmente, uma tarefa fundamental, vem sendo sabotada por aquelas correntes reacionárias a que se referiu Santana e que, deste modo, nós só lutaremos eficientemente pela unidade do povo do Brasil, unindo os verdadeiros democratas e os verdadeiros anti-fascistas, de tôdas as tendências ou ideologias políticas, para neutralizar a influência dos inimigos da causa por que lutamos.*

— *Hoje em dia, continua Orlando Moscoso, quando a derrota do nazi-fascismo já se aproxima do fim, nós, estudantes, temos por obrigação ajudar as forças progressistas de todos os povos a ganharem a paz, lutando decididamente contra a infiltração dos elementos reacionários no seio da comunidade democrática.*

E isso só o conseguiremos com a mais perfeita união de tôdas as correntes anti-fascistas do país, para um objetivo comum: — a paz democrática das nações.

— *Santana e Orlando expuseram bem os fatos e do exposto vemos que a nossa luta assume, agora, uma nova feição, consideravelmente mais ampla, intervém Milton Tavares. Não se trata, apenas, de lutar pelo envio do Corpo Expedicionário e pela garantia de uma eficiente participação militar do Brasil nas frentes de combate. É necessário que fixemos os métodos e os processos de combate à reação, que, não só dificulta o nosso esforço para ganhar a guerra, como, sobretudo, impede qualquer conquista política para os povos. Temos uma grande tarefa: — o esclarecimento e a coesão da frente interna. Temos de demonstrar que esta e uma guerra contra o jascismo e não contra a Alemanha imperialista apenas. E temos de conseguir uma sólida frente nacional, dentro do Brasil, reintegrando na vida da nação todos os anti-fascistas que se acham dela afastados ou segregados.*

— *Essa é também a minha opinião, fala o presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito. Não se pode pensar em vencer a guerra sem que conquistemos a democracia para todos os povos do mundo.*

— *Concluindo, intervém Manoel Tanajura, podemos dizer que, para nós, a guerra possui dois objetivos fundamentais: de um lado, o total extermínio do jascismo; do outro, a conquista de um mundo novo, de justiça social e igualdade de possibilidades para todos. De um mundo de efetiva democracia.*

— *Essa é que é a suprema aspiração de todos, diz Zinaldo Sena, presidente do Diretório Acadêmico da Escola de Agronomia: — a derrota do jascismo, que militarmente já está derrotado e a conquista da democracia para os povos.*

— *Neste caso, que conceito se deve ter de democracia, no terreno nacional e no das relações internacionais?*

— *Eu entendo que a democracia implica a observância estrita das quatro liberdades fundamentais de Roosevelt, responde Orlando Moscoso.*

BRYLCREEM
Ondula o cabelo

Outros jornais e revistas, em toda a América Latina, imprimem matérias pró-Falange, sem votar-se, no entanto, exclusivamente à propaganda falangista. A América Espanhola é um dos campos de batalha em que está se desenrolando a luta entre o fascismo e a democracia, e no qual, a Hispanidad representa definitivamente o Fascismo. A democracia tem numerosos e fortes defensores. Mas o certo é que o conceito da democracia foi desafiado e seus inimigos provaram que são extremamente vigorosos.

Os teóricos da Falange e do Fascismo Creoulo não ocultam as ilimitadas ambições da Hispanidad.

NÃO SENDO DE BARRIL NÃO É



VANGUARDEIROS DAS ASPIRAÇÕES DEMOCRÁTICAS DO BRASIL

(Continuação da pág. 21)

São ridiculos os que falam em variedades de democracia sem o integral exercicio dessas quatro liberdades: — liberdade de pensamento e de opinião, quatro liberdades: — liberdade de não ter fome. Apenas garantindo-se a perfeita execução dessas liberdades, no terreno nacional, e dos princípios da Carta do Atlântico, no das relações internacionais, teremos conquistado a democracia para nós e para todos os povos.

— Acho, intervém Prisco Paraiso, que, quando se fala em democracia e democratização se exprime uma idéia universal, que não representa uma corrente de opinião ou ponto de vistas de grupos políticos, e sim um sentido geral de evolução histórica. Por isso é que não vejo como se possa separar o problema da democracia dentro das órbitas nacionais de cada povo, do problema da democratização aplicada às relações internacionais.

— Situando a pergunta dentro da situação concreta dos países latino-americanos, fala Fernando Santana, podemos dizer que a democratização efetiva destes países está a depender das conquistas que as massas populares de duas das Nações Unidas, a Inglaterra e os Estados Unidos, fizeram no processo desta guerra. Se elas conseguiram uma influência maior na direção dos seus respectivos governos, evitando a preponderância das classes reacionárias, todos os povos da América e mesmo de outros continentes, poderão melhorar o seu padrão de vida e os seus sistemas políticos. Entretanto, nós não podemos esperar pelos acontecimentos internos nessas duas nações, de braços cruzados. Devemos preparar, nós mesmos, a nossa libertação econômica e fundamentar a democratização de nosso sistema político, mesmo porque, deste modo, estaremos auxiliando aos povos britânicos e norte-americanos.

— Não resta dúvida, intervém Zinaldo Sena, que devemos preparar o nosso povo de modo que ele possa acompanhar o ritmo da democratização dos outros povos, no após-guerra.

— O objetivo fundamental dos povos amantes da paz nesta guerra — argumenta Mário Alves, — é a realização dos princípios da Carta do Atlântico, do Pacto das Nações Unidas, do Pacto Anglo-Soviético e da Conferência de Moscou, ratificados solenemente no Cairo e em Teerã. Nesses tratados e acordos entre as Nações Unidas estão garantidos os direitos e os deveres para os homens e para os povos. O governo e o povo do Brasil já se manifestaram oficial e unanimemente favoráveis aos objetivos comuns da guerra e, dia a dia avançamos mais para alcançá-los. Tais pontos de vista são assentados no processo de evolução da guerra. São direitos e garantias que os povos conquistaram com as pontas das baionetas e não em bate-papos. São princípios realísticos e não fórmulas vagas. A Carta do Atlântico e os demais princípios consagrados pelas Nações Unidas lerão que ser conquistados com esta guerra e depois dela. Eis o denominador comum das aspirações de todos os povos e de todos os homens.

— Embora a resposta do colega Mário Alves — intervém o secretário de Defesa Nacional da U. B. E. — não se adapte, claramente à pergunta que foi feita, eu gostaria de lembrar que não basta declarar uma adesão formal a convênios e princípios, para que esses princípios sejam, efetivamente, cumpridos. Não

podemos ser ingênuos e devemos ser profundamente realistas. A Carta do Atlântico e os convênios democráticos da Nações Unidas só serão observados se todos os povos, que fazem enormes sacrifícios para conquistar a sua efetivação, se unirem e lutarem, desde já, pela execução de todos esses princípios. De outro modo, esquecendo este fato, deixaríamos que a reação manobrasse contra nós, declarando um apóio todo formal aos pactos dos povos amantes da paz, afim de consolidar suas, para novas ofensivas anti-democráticas.

— E não seria de espantar, acrescenta Milton Tavares, se Franco, Salazar, Farrell e outros governos, clara ou disfarçadamente fascistas, empregassem este expediente para consolidarem os seus regimes de opressão e de escravidão. Aliás, é um velho método das forças reacionárias assumirem compromissos que procuram desrespeitar na primeira ocasião.

— Só se quiséssemos agir de olhos fechados, diz Fernando Santana, poderíamos ignorar e esquecer estes últimos fatos apontados.

Manuel Tanajura, Zinaldo Sena e Prisco Paraiso concordam, numa só voz.

O PERIGO MUNICISTA
— Que forças se opõem, internacionalmente, a esse processo de democratização a que vocês se referem? — indaga o reporter.

— São as mesmas que armaram a Alemanha e alimentaram o desenvolvimento do fascismo por toda parte, explica Orlando Moscoso. A essas forças interessa o estabelecimento de regimes fortes, colocando nos mesmos elementos a elas diretamente subordinados, que servirão a todos os seus intentos de exploração popular e manterão vivo o mesmo espirito de reação que nos levou a esta guerra.

— Eu diria neste caso — toma a palavra Fernando Santana — que as forças que, no mundo, impedem e conspiram contra a paz democrática dos povos, são aquelas mesmas forças que sacrificaram a Espanha e a Abissínia e que deixaram Del Vayo chorando no recinto da Liga das Nações. São essas mesmas forças criadoras do nazismo e de seus sub-ramos no mundo inteiro e que, com Hitler, tiveram a sua maior decepção, porque o regime reacionário que eles fomentaram na Alemanha para manter os seus interesses dentro da Europa, transformou-se num perigo para esses mesmos grupos. Daí essas forças terem combatido o nazismo, mas, agora, elas não mais desejam a derrota total do nazi-fascismo e desejam a permanência da antiga ordem internacional, que garante e serve aos seus interesses economicos.

Pretendem ganhar a paz a custo, sacrificando os ideais de liberdade econômica e política pelos quais todos os povos lutam conscientemente. Entretanto, nós, estudantes do Brasil, acreditamos que os reacionários de todos os países serão derrotados pelas forças progressistas desses mesmos países, consubstanciadas na frente unida dos três grandes líderes das nações democráticas: Roosevelt, Stalin e Churchill. Acreditamos que, depois desta guerra, não haverá lugar para as injustiças sociais, no âmbito nacional e para os crimes internacionais que vêm caracterizando a história da civilização em todos os tempos.

Alvaro Rubim de Pinho, ex-presidente da U. B. E., membro do Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina e várias vezes presidente da Juventude Universitária Católica

— Estamos de pleno acordo com o bonito "discurso" de Santana. Acho que devemos acrescentar que, no momento, é para os países da América Latina que essas forças reacionárias e opressoras voltam as suas vistas, com mais insistência. Temos o caso da Argentina e da Bolívia, que não podemos esquecer, pois constitui uma advertência muito séria para todos nós. Ademais, podemos chamar, também, esses grupos pelo nome que melhor os define — muniquistas —, pois foi em Munich que eles deixaram claramente entrever a sua constituição.

— No Brasil, tem atuação essas correntes?

— E como não? — responde Milton Tavares. Todos os países do mundo, de modo geral, se compõem de classes e grupos com interesses econômicos e políticos no progresso e na libertação nacional de todos os povos; do outro, os que desejam conservar o "statu-quo" social e, até, piorá-lo. Mesmo quando essas forças reacionárias não estabelecem, internacionalmente, uma vinculação orgânica, elas se auxiliam mutuamente, pois são mais fortes os seus interesses idênticos, do que as suas divergências ocasionais.

— No Brasil, interrompe Orlando Moscoso, essas correntes já se denunciaram quando financiavam o integralismo e ninguém ignora quais os elementos implicados na manutenção do partido verde, do qual os Plínios, os Reales e os Gustavos Barrosos eram mais instrumentos do que chefes.

— Continuando, prossegue Milton Tavares, podemos então dizer que os muniquistas, no Brasil, estão representados pelos homens que, fora do integralismo, eram os seus verdadeiros chefes e orientadores. Pelos que sabotam a nossa industrialização e pelos que não estão interessados em nossa real emancipação econômica. Eles são os responsáveis pelo esmorecimento do entusiasmo popular por esta guerra, fundamentalmente nossa, pela alta do custo de vida muito além do que normalmente era de se esperar, pela falta de uma verdadeira e concreta unidade nacional contra o fascismo.

— Não devemos ignorar, também, — acrescenta Manuel Tanajura — certos grupos católicos que alimentaram no país o integralismo...

... e que continuam a alimentar — aparteia Orlando Moscoso, um dos mais acatados dirigentes da juventude católica universitária.

— Inclusive — diz outro líder, Alvaro Rubim — pelos jornais do clero, como a "Semana Católica" daqui.

Zinaldo Sena e Hamilton Prisco Paraiso comentam:

— Não se pôde duvidar de declarações tão insuspeitas quanto a de vocês dois.

— Como lutaremos de modo eficiente contra essas correntes?

— Denunciando-as e desmascarando-as perante a nação, diz Orlando Moscoso. É preciso combatê-las esclarecendo o povo. Para isso torna-se necessária a unificação de todas as correntes anti-fascistas do país, formando um bloco sólido contra o qual se esborçarão todas as tentativas reacionárias.

— Acho — diz Joel Muniz, — que, antes do mais, precisamos do livre exercicio da liberdade de pensamento, de opinião e de organização, para fazermos frente às forças da reação. O próprio governo deve interessar-se em conceder ao povo mais liberdade neste sentido, porque assim fortalecerá a união de todos os patriotas democratas e anti-fascistas, contra a ameaça muniquista que paira sobre todos os governos e povos da América Latina. Como disse Lombardo Toledano, não há um só governo, em nossos paí-

ca, que há pouco havia chegado, intervém:

— Esses, que não se encontram ameaçados pelas forças da reação mundial, pela "nova ordem cristã" que se estabeleceu na Argentina e na Bolívia. **RELAÇÕES ECONÔMICAS COM TODOS OS POVOS**

— Deste modo — indaga o reporter — acham vocês que, além do propósito fundamental de derrotar o nazi-fascismo, devemos, desde já, batermos por outras reivindicações, também imediatas?

— Perfeitamente, responde Fernando Santana. Não podemos deixar para depois o nosso propósito, também fundamental, de conseguir a independência econômica de nossa pátria, lutando pela industrialização efetiva. Todos os que trabalham contra essa antiga aspiração do povo brasileiro e de todos os povos latino-americanos são também nossos inimigos, aos quais não podemos dar quartel. E quando eu falo em independência e libertação econômica do Brasil refiro-me, implicitamente, a um real progresso no sistema político nacional.

— Que devemos fazer, portanto, para garantir a nossa industrialização e a nossa independência econômica?

— Primeiramente, responde Manuel Tanajura, devemos garantir a aplicação, para todos os povos, dos princípios contidos na Carta do Atlântico. Para isso será necessário que se criem, no Brasil, bem como nos demais países do Continente, comitês populares que se batam pela sua observância. Também é necessário, quanto antes, que o governo não se descuide da formação de técnicos nacionais, não só enviando jovens honestos e patriotas aos países que estão à vanguarda da civilização democrática, mas também criando escolas técnicas e com aulas e aparelhamento eficientes.

— Um fato, diz Milton Tavares, que certamente auxiliará a nossa libertação econômica será um perfeito entendimento entre todos os governos livres da terra.

— Eu costumo dizer — volta a falar o presidente da U. B. E. — que a industrialização do Brasil depende de três fatores: 1) — vitória sobre a nossa preguiça; 2) — luta eficiente contra o roubo, exigindo-se um máximo de honestidade administrativa; 3) — luta contra os "trusts" monopolistas.

— Necessário se torna, ainda, — intervém Zinaldo Sena, — que nos eduquemos no sentido de eliminar todo o superfluo e de encarar e resolver todos os nossos problemas de frente. Vemos, por exemplo, aqui na Bahia, onde a carestia da vida assume aspecto assustador, a falta absoluta de espírito de poupança e uma verdadeira covardia em se encarar de frente os nossos problemas econômicos mais imediatos.

A BAHIA NÃO TEM INDÚSTRIAS. E O CACAU?

— Acham vocês assim tão desoladora a situação econômica do Estado?

— Realmente, — diz, com veemência Fernando Santana, — a situação econômica do Estado parece-me desoladora. Basta dizer que, há anos, não se levanta, entre nós, uma chaminé de fábrica. Estado como o de Sergipe, com menos recursos, está mais industrializado do que o nosso!

— Creio que três fatores são contrários ao desenvolvimento da economia bahiana, — volta a falar Zinaldo Sena. São eles: 1) — a falta de desenvolvimento de nossa lavoura, a sua necessária mecanização; 2) — a falta de transportes; 3) — a existência frequente de intermediários e de especuladores. A mecanização é necessária à lavoura, porquanto melhora, economicamente, o

lavrador ou agricultor, destruindo o latifundiário, as sobrevivências feudais. Quanto aos meios de transportes, que deviam atender às necessidades de nossa zona de produção, são máus, além de muito caros. E muito raramente conduzem diretamente a matéria prima aos pontos onde deve ser manufaturada, ou os produtos aos pontos de consumo. O intermediário é quem, entre nós, prejudica seriamente, não só ao produtor, como ao consumidor. Quando não retém a matéria adquirida para vendê-la a preço exorbitante, em ocasião oportuna, aproveita-se da situação angustiosa dos lavradores para, algumas vezes, comparar toda sua safra por preços ínfimos. Creio que o problema do intermediário poderia ser resolvido com a criação de sistemas cooperativos, mediante os quais ele seria eliminado, beneficiando, assim, o produtor e o consumidor.

— Julgo — acrescenta Milton Tavares, — que o problema do intermediário é o problema crucial da economia bahiana, no momento atual. Neste sentido, é interessante lembrar a necessidade, já tantas vezes proclamada por nós, estudantes, de que o povo se organize, no sentido de auxiliar às autoridades competentes, desmascarando os aproveitadores de guerra. Afóra os prejuízos naturais, que decorrem da ação desses especulistas, há ainda um gravíssimo, de caráter político, pois o aumento injustificado do custo de vida vem matar o entusiasmo do povo, numa guerra que exige de todos sacrifício e determinação. Mas, há um outro problema muito importante a ventilá-lo: o do cacau. O cacau pesa na receita do Estado mais do que qualquer outro produto. O monopólio oficial estabelecido pelo Instituto do Cacau, visando melhorar a situação do cacauicultor, verificou-se, justamente, o contrário. O Instituto pagou uma quota diminuta aos lavradores, retendo a quantia restante, que, ninguém sabe quando pagará, prolongando, assim, indefinidamente, a situação angustiada de toda a zona do cacau, onde a monocultura não permite uma saída para o caso. Sem dúvida a gunga estão se retardando medidas práticas e eficientes do nosso governo para a solução deste problema.

— Posso adiantar, ao que Milton expôs, — fala Manuel Tanajura, — que o Instituto do Cacau foi tornado pelo governo, em órgão monopolista do cacau, afim de liquidar com os intermediários. Pois bem, com a falta do pagamento de boa parte da safra entregue ao Instituto, os cacauicultores estão entregando os seus "vales" por uma ninharia aos agiotes e especuladores, caindo, deste modo, nas mãos de toda espécie de aproveitadores e "chantagistas" de dinheiro.

Como a hora já vai avançada e os entrevistados têm, ainda, muitas tarefas a executar, além de terem sido convocados para uma troca de pontos de vista sobre a reforma do ensino superior, faço a última pergunta:

— Que acham vocês do projeto de Reforma?

— Não conhecemos da Reforma senão as informações ainda vagas que têm sido divulgadas na imprensa do país e as que constam de uma circular da U. N. E. enviada às uniões estaduais. Meu ponto de vista particular é o seguinte: — Toda reforma de ensino, que seja realmente moralizada, deve dar o máximo de garantias e possibilidades econômicas aos estudantes, ao mesmo tempo que deve exigir deles o maior aproveitamento possível. Num plano ideal, seriamos pela frequência obrigatória, pela exigência de notas muito altas

(Continua na pág. 24)

PARA 45 MILHÕES DE BRASILEIROS

A NOVA REVISTA DO BRASIL

REINICIO — Frederico Chateaubriand
 UM CASO SINGULARÍSSIMO — Genolino Amado
 O FASCISMO, O RICO, O REMEDIADO E O PE-RAPADO — Emil Fahra!
 MEMÓRIAS DO OLÍMPIC — Marques R. Belo
 ELE FOI DO TEMPO DE PORTINARI — David Nasser
 UMA MULHER COMO AS OUTRAS — Galeão Coutinho
 CRÔNICA DE MAU HUMOR — Dinah Silveira de Queiroz
 MARINA, A INTANGÍVEL — Murilo Rubião
 VOCAÇÃO — Ezio Pinto Monteiro
 TRÊS POEMAS — Henriqueta Lisboa
 BLACK-OUT NO OUTEIRO DA GLÓRIA — Joel Silveira
 TRÊS MULHERES PERDERAM A FRANÇA — Alberto Homsl
 O CARNAVAL DE RECIFE — Roger Bastide
 FÓRA DA MÚSICA NÃO HA' SALVAÇÃO — Villa Lobos
 ALGUMAS NOTAS SOBRE GOGOL — Herberto Salles.
 TEATRO E DANSA — Antonio Rangel Bandeira
 MORTE, ONDE ESTA' TUA VITÓRIA? — Jorge de Lima
 CRÔNICA DA CADEIA VELHA — Breno Accioly
 FATOS DIVERSOS — Valdemar Cavalcanti
 MAIACOVSKI, POETA DAS MULTIDÕES — Frits Teixeira de Salles
 MARIA WOODSTONECRAFT, A PRECURSORA DO FEMINISMO —
 Accioly Netto
 COMÉDIA DOS ERROS? — Guilherme de Figueiredo
 PORQUE GOSTO DAS MULHERES — Carlos Lacerda
 PORQUE GOSTO DOS HOMENS — Maria Eugenia Celso
 WALDO FRANK E A HUMILHAÇÃO DO HOMEM CONTEMPORÂNEO —
 Franklin de Oliveira
 UM INQUÉRITO SOBRE AS SUPERSTIÇÕES — Raul Lima
 ALGUMAS NOTAS SOBRE TEATRO E "OS COMEDIANTES" —
 Santa Rosa
 POLÍTICA INTERNACIONAL — Austregesilo de Athayde.
 MAIS DO QUE UMA CURIOSIDADE — Otto Maria Carpeaux
 SO' PARA OS RAROS — Herman Hesse
 IDÉIAS PARA UMA HISTÓRIA — André Maurois
 CIRANO DE BERGERAC — Munro Leaf
 MINHAS MAIS IMPORTANTES DECISÕES — Sinclair Lewis
 SOB QUE BANDEIRA SOCIAL? — Ezequiel Padilla
 O RAPAZINHO DO TRAPEZIO VOLANTE — William Saroyan
 A DESVALORIZAÇÃO DOS VALORES — Jean e Garay
 PASSAROS DE VÁRIA PLUMAGEM — Justin Murray
 O MUNDO TODO ESTA' LA' FORA — Manuel Konroff.
 CINEMA, TEATRO, LIVROS, TÓPICOS
 ILUSTRAÇÕES de Percy Deanne, Alceu Penna, Santa Rosa, Milton D'Ávila,
 Erico Bianco, Cortez, Arcindo Madeira.
 CARICATURAS de Nássara, Vão Gogo e Pericles.

EM TODAS AS BANCAS - CR.\$ 2,00

União democrática para o esforço de guerra

(Continuação da pág. 4)

prindo decisão aprovada nessa reunião e concorde com o espírito de decisões firmadas, desde 1935, por outras Conferências Panamericanas.

E não fizemos isolamentos: mas de acordo com as demais nações irmãs do Continente, embora algumas delas só mais tarde efetivassem tal deliberação.

A esse ato, de solidariedade continental, a Alemanha e a Itália responderam com o torpedeamento implacável de nossos navios, em águas extraterritoriais e, logo depois, nas próprias costas brasileiras, entre portos nacionais.

A agressão que sofremos foi deliberada e, ademais dos prejuízos materiais causados, custou-nos a vida de muitos civis e soldados do Exército, que viajavam do centro para o Norte do país.

A declaração de guerra do Brasil, conseqüente desse ato, foi apenas o reconhecimento expresso de um estado de beligerância, que já havia sido imposto, implicitamente, pelos países agressores.

Eis aí os fatos primeiros, em si mesmos.

E' discutível que eles pudessem ter evitado, como discutível é que tivéssemos podido proceder de outra forma, sem quebra de compromissos livremente assumidos, e, quiçá, da própria honra e dignidade nacionais.

Uma coisa, entretanto, não é, pelo menos, não deve ser discutível: é que já estamos diante de uma situação de fato, irremediavelmente consumada, e que ela nos impõe — a todos que somos brasileiros, sem distinções de classes, de idéias ou de crenças — deveres, cujo fiel cumprimento nesta hora seria deshonroso regatear.

Repito: é preciso convencermos todos de que estamos em guerra, e que a sorte desta guerra está ligada a nossa própria sorte, como nação organizada e responsável.

E', assim, um sagrado dever da Liga da Defesa Nacional não poupar esforços para proclamar ao povo brasileiro essas graves verdades, sobre cujas últimas conseqüências ninguém tem o direito de ludir-se.

SOBRE O CORPO EXPEDICIONÁRIO

Decorência natural do estado de guerra, foi a organização de forças de terra, de mar e do ar, para defender a parte do nosso território que, confrontando com o saliente NW da África, fica mais próximo do velho continente, senão, por isso, mais propícia, não só a uma ação do inimigo, como a uma reação posterior dos nossos aliados.

Todos sabem o papel que, nessa defesa, tem desempenhado as nossas forças de mar e do ar, em combinação com forças congêneres americanas, na luta contra a ameaça submarina. E' também sabido o papel que representaram as bases instaladas nesse recanto do Brasil, para a preparação e ultimateção da campanha aliada no Norte da África, que nos livrou da ameaça imediata de desembarques ou bombardeios aéreos inimigos.

Poderíamos ter-nos contentado com a colimação dessa segurança imediata do nosso território mais ameaçado, e feito sentir, em tempo, aos nossos aliados americanos, a intenção de não enviar forças brasileiras, para operar em teatros extracontinentais.

Seria uma decisão justificável — embora encerrasse certa dose de egoísmo, porque a segurança obtida não foi apenas o fruto do nosso esforço.

As autoridades superiores da República decidiram entretanto, que se enquadrava melhor nos nossos deveres de beligerantes, enviar tropas expedicionárias à Europa.

Reconhecemos, todos, que é um dever duro e, quiçá, ingrato o que se impõe, nessa emergência, aos nossos camaradas do Exército.

Pior teria sido, porém, para o Brasil, se o destino nos estivesse obrigando a defender-nos sobre o nosso próprio território, entre a ruína e desolação dos nossos próprios lares!

Como membro da Liga de Defesa Nacional e como militar não nos cabe discutir, agora, essa decisão superior, que já constitui, também, um compromisso de honra da nação brasileira.

Cabe-nos, sim, fazer, quanto em nós esteja, para que nos desobriguemos dele honesta e eficientemente, criando, por todos os meios que nos são facultados, um ambiente de compreensão do povo brasileiro, para essa decisão do governo, afim de que ele estimule, com o seu apoio unânime e multiforme, em quaisquer circunstâncias, na boa como na má hora, e tanto mais, quanto maiores forem os sacrifícios que o cumprimento de sua missão lhes impuser — os soldados a quem o Brasil vai confiar a sua defesa, no exterior.

UMA RENHIDA CAMPANHA DA LIGA

Eis, em resumo, o que pensa e como se propõe agir o Departamento Militar da Liga da Defesa Nacional, no tocante ao atual esforço de guerra do Brasil.

Sei que alguns brasileiros se preocupam com o fato de andar a nossa sorte ligada à sorte de determinados imperialismos internacionais.

Não discuto se na luta atual há, no fundo, uma competição de imperialismos estrangeiros ou hostis aos nossos próprios interesses.

Afirmo, entretanto, que o panamericanismo é a mais eficaz das armas de que podem servir-se os povos latino-americanos — potencialmente ricos, mas ainda efetivamente fracos — para opor-se à usurpação dos imperialismos que, porventura, disputem, agora e no futuro, o domínio político e econômico do mundo.

E afirmo, também, que foi em salvaguarda desse panamericanismo — honrando compromissos livremente contraídos — que nos aliamos com um dos atuais grupos de beligerantes, contra o outro grupo, por quem fomos agredidos.

Não sou — quero confessá-lo — dos que acreditam que venhamos a adquirir, com sacrifício de sangue dos nossos soldados, nos campos de batalha da Europa, uma oportunidade de pesar efetivamente, na balança das decisões em que as grandes potências vencedoras alicerçarão a paz do futuro.

Guio-me, nesse particular, mais pelos fatos consumados do passado, do que pelas promessas e conjeturas dos fatos, ainda pendentes, de agora.

Mas creio que, de qualquer forma, ganharemos autoridade moral perante o mundo civilizado, pagando, no limite de nossas possibilidades e responsabilidades atuais, o tributo de sangue, sem o qual nenhum povo já mais ressalvou seus direitos, depois de confiá-los aos azares da guerra.

E' que, ao lado dessa autoridade moral, vamos ganhar, também, uma proveitosa experiência para as forças de terra, que, em menor escala, embora, já adquiriram nossos camaradas da Marinha e da Aeronáutica.

E, com essa autoridade moral e tal experiência, espero que obtenhamos — isso sim — uma oportunidade para forjar, em futuro próximo, com as nossas próprias mãos, e dentro de nossas próprias fronteiras, os instrumentos de que necessitamos para ser senhores dos nossos próprios destinos e da verdadeira paz que sempre e cada vez mais amamos.

Essa tarefa é também árdua e complexa. Mas não excede a nenhuma de nossas possibilidades.

Suas equações gerais são bem conhecidas; mas não me pouco o dever de repetilas aqui, para que sobre elas meditem todos os homens de boa vontade que estão tendo aqui a paciência de ouvir-me:

1.ª) — delineamento, de um plano de conjunto para a implantação e desenvolvimento das indústrias de base e subsidiárias, interessando à defesa nacional.

2.ª) — estabelecimento de uma ordem de urgência efetiva não apenas formal e aleatória, como até hoje temos feito, para a realização metódica e continuada desses empreendimentos, dentro das possibilidades financeiras do país;

3.ª) — aproveitamento integral e escrupuloso de todos os recur-

PROBLEMAS DA LAVOURA

(Continuação da pág 11)

para evitar um prejuízo maior. A coisa, porém, chega a tal ponto que ele não resiste. E, então, não lhe resta senão um caminho: abandonar a sua lavoura, passar a produzir unicamente para o seu próprio consumo, como já está acontecendo em São Paulo. A continuar assim, dentro em breve grandes áreas de produção terão retrogradado para o sistema de simples economia consuntiva. Voltaremos, pois, ao tempo em que o caboclo se limitava a plantar o milho para engordar o porquinho com que alimentava a família. Estilos de vida que estavam recuando para as regiões mais remotas e atrasadas da hinterlândia voltarão a imperar em zonas que já haviam sido conquistadas, para o progresso. E não se diga que estamos exagerando. Quando se vê o Brasil importar man-

teiga, frutas, etc. da Argentina, não se pode ter a menor ilusão ou dúvida a respeito.

Um dos fatores dessa desagregação rápida de nossa economia agrária é a falta de transporte. E falta transporte porque falta combustível. Estamos destruindo cruelmente as nossas matas, para supri-la. Mas, não basta. O carvão não nos chega dos Estados Unidos, as estradas de ferro se vêem forçadas, por esse motivo, a reduzir o seu tráfego, não há gasolina para os caminhões e, desse modo, vamos vivendo como Deus quer. No entanto, como se sabe, há carvão de ótima qualidade, em imensas jazidas à flor da terra, na bacia do rio do Peixe, no Paraná. Com a construção de 13 quilômetros de ferrovia, o problema estaria resolvido (e já devia estar há muito tempo). Os técnicos, porém, ainda estão estudando o assunto... E costava il mondo.

MAYAKOWSKY

(Continuação da pág. 16)

tas à realidade e limitando-se a ser meros espectadores da luta que se desenrolava ao seu redor, dedicados a problemas individualistas, sem escutar as aspirações e o sentimento populares.

Mayakowski interpretou o espírito e falou a linguagem dos homens de sua época. O folk-lore atualizou-se graças a ele que fez disso uma grande tarefa. Algo mais, no entanto, era necessário levar a cabo para identificar-se com o povo no momento crucial de sua história. Era necessária também uma dura luta diária contra o mundo decadente e agonizante. Mayakowski, em virtude de seu talento e de sua imensa energia, percebeu o alto sentido do novo mundo que surgia.

Pavlov disse do poeta que seu mais profundo significado espiritual foi, sem dúvida, o profundo senso do novo, senso que o grande psicólogo sintetizava neste conceito: Que é isto? E Mayakowski possuía, em alto grau, este sentido, amava o novo com paixão. Talvez por isso ninguém como ele expressou melhor esse momento da humanidade que o fez dizer uma vez: "Necessito conhecê-lo inteiramente".

Realmente conheceu-o todo. Viajou muito não somente pelo seu país como também pelo mundo.

A América interessou-o especialmente. Para a geração russa de sua época, América era o símbolo do novo. Da América atraía-o a história democrática, a indústria, as tendências artísticas. Por isso percorreu-a, observando-a com o seu agudo olhar inquisidor.

A princípio, havia sido profundamente influenciado por Walt Whitman, um novo tipo de homem e de escritor. Seus primeiros versos recordam, com efeito, o grande yankee. Também Jack London, o vivo criador de aventureiros, influenciou a imaginação de Mayakowski. Daí a gente se espantar que, ao fazer a versão cinematográfica de "Martin Eden", exigisse para si o papel principal.

Interessaram-no grandemente os trabalhos de Carl Sandburg, cuja descrição de Chicago comparava-a a sua própria descrição intuitiva de seu poema, 150.000.000. De Sandburg, falou com maior carinho e admiração, nas páginas de sua viagem à América em 1926. Desta viagem, Mayakowski deu suas impressões numa coleção de poemas dos quais se tornaram famosos "Cristovam Colombo", "Oceano Atlântico" e "Ponte de Brooklyn". No último destes poemas disse que se o mundo fosse destruído por um cataclisma, desaparecendo tudo o que o esforço humano tem criado sobre a terra e restasse em pé somente a ponte de Brooklyn, ao vê-la, a nova humanidade que surgisse depois do cataclisma seria capaz de reconstruir toda a grandeza da cultura desaparecida.

Energico, alegre, observador agudo e genial, Mayakowski cativa a todos os que se entusiasmavam com o momento transcendental que anunciava uma mudança completa na arte e na vida.

Mayakowski presentia e amava a Rússia pelo seu futuro, amava sua juventude possuído por um reto espírito de luta e de uma fé irremovível no seu porvir. E amava e admirava também sinceramente esses mesmos rasgos quando os encontrava em outros países. Essa admiração e esse quente amor pela Rússia foram admiravelmente fixados em seu poema "Passaporte Soviético", no qual traçou uma magistral e ao mesmo tempo nítida figura de Lenine, seu genial contemporâneo.

Mayakowski regosijava-se vendo a Rússia levantar-se imensa e poderosa não, porém, para oprimir outros povos, sim para colaborar com eles na paz e na amizade em benefício da humanidade.

Esta consciência foi a característica de sua arte e ele deu ao poeta um lugar na história dos tempos modernos, na história de um mundo que cedo compreendeu a necessidade dessa colaboração universal para resistir às obscuras forças empenhadas em eclipsar seu brilhante porvir.

MODAS
TUPI
ARTIGOS FINOS PARA SENHORAS E CRIANÇAS
Gosto, Qualidade, Preço
RUA DAS PALMEIRAS, 14
TEL. 5-3621 — SAO PAULO

Médicos e advogados
ATTILIO VIVACQUA
ALBERTO DE AZEVEDO
Advogados
Salas 805/806 — Tel. 23-2558
Rua 1º de Março, 7 — 8º andar
RIO DE JANEIRO

FAVOGENIO
Extingue a caspa mais rebelde em 48 horas.
Loção de fino perfume impede a queda do cabelo e debela as eczemas, tinea, seborréia, etc.
Vidro ... Cr\$ 18,00
Pelo correio Cr\$ 20,00
PERFUMARIA
A GARRAFA GRANDE
Rua Uruguiana, 66
RIO

A DOCTRINA DO RENASCIMENTO
São os hindús que chegaram ao mais elevado grau na filosofia. Este precioso livro contém, em síntese, a herança luminosa de seus remotos antepassados, no terreno da sabedoria. Preço Rcebolsos, Cr\$ 7,00.
PUBLICAÇÕES INTERNACIONAIS
Caixa Postal 915 — Avenida Rio Branco, 117 — S. 503 — Rio.

Vanguardeiros das aspirações democráticas do Brasil

(Continuação da pág. 22)
para aprovação e de trabalhos práticos todos os meses, desde que o Estado remunerasse condignamente os estudantes, apenas para estudar. Como isso, certamente, não acontecerá, deve a profetada reforma levar em conta que o estudante brasileiro é, fundamentalmente, um trabalhador que estuda. Por isso, de maneira alguma, deve exigir frequência obrigatória às aulas teóricas.

— Queremos, — acrescenta Mario Alves, — que sejam feitas, quanto ao aproveitamento, as exigências que parecerem necessárias, mas consideramos um golpe anti-democrático contra os estudantes pobres, que trabalham, não apenas para estudar, mas também para viverem, o fato de obrigá-los à frequência das aulas teóricas.

— Acho também, — diz Alvaro Rubim, — que a reforma deve garantir ampla liberdade de cátedra, afim que não percamos os bons professores por simples motivos políticos.

— A liberdade de cátedra, — considera Milton Tavares, — deve ser uma reivindicação nossa, nesta reforma, pois se enquadrar dentro do principio de liberdade de pensamento e de palavra, por que lutamos.

O professor deve ter a sua palavra, não apenas no exercício do magistério, como docente, mas, também, nas suas funções de cidadão e homem público. Nenhum professor deverá ser demitido por expressar, dentro ou fora da escola, as suas idéias, desde que não sejam elas as de um "professor de fascismo".
Alvaro Rubim retoma a palavra:

— Além disso, não se deve afastar da escola os bons professores sob a alegação de que não é permitido acumular. Nos casos de acumulação, as autoridades competentes deviam ouvir a opinião dos estudantes, sobre se desejam ou não a permanência do professor nas suas respectivas faculdades.

O reporter já havia ouvido o necessário para a sua reportagem e de tudo o que ouviu reforçou-lhe a admiração por esses jovens que estão conduzindo uma luta dignificante para a libertação do povo brasileiro.

BRYLCREEM
Fixa o cabelo

DEMOLIÇÕES
JOÃO CABANAS & CIA LTA
RICO ou POBRE
FAÇA SUA CASA
PELA METADE DO PREÇO
VENDEM MATERIAL PELA METADE DO PREÇO

Av. Graça Aranha, 206-7.º
Tels.: 22-4950 e 42-8386

O PASTOR TUCKER, HEROI DO BRASIL

(Continuação da pág. 2)

... verdadeira providencial, vinda de Deus! — morava na mesma rua uma irmã do dr. Reed. Minha esposa conversava muito com ela e mais de uma vez disse-lhe que desejava muito fazer umas perguntas ao dr. Reed sobre o combate à febre amarela. Voltamos ao Brasil sem ter oportunidade de conhecer pessoalmente ao dr. Reed. Um belo dia, porém, minha esposa recebe uma carta do dr. Reed, dizendo que esperava as perguntas sobre febre amarela, que teria muito prazer em respondê-las. Mais que depressa, formulamos um questionário, acompanhado de informações sobre o problema, no Brasil, e enviamos tudo ao dr. Reed. O grande cientista nos atendeu prontamente, mandando um relatório, com preciosas indicações sobre a profilaxia da febre amarela. Nesse meio tempo, cá doente o meu filho. Febre amarela. Vem o médico da Saúde Pública. Eu mostro ao doutor a carta do dr. Reed. Dias depois, recebi um chamado do dr. Oswaldo Cruz. Ele me disse: o sr. vai escrever ao dr. Reed, darei ao sr. informações mais completas afim de que ele nos possa enviar relatórios mais completos. Assim aconteceu durante dois anos.

... E o velho Tucker prossegue contando a mesma história: — Fomos, minha esposa e eu, quem aproximamos, de fato, o dr. Oswaldo Cruz do dr. Reed. Mas a verdade é que nenhum de nós teria resolvido o problema não fosse a cooperação do povo. O dr. Oswaldo Cruz sabia que sem despertar a consciência popular, não pela coação, mas por uma verdadeira campanha educativa, nada conseguiria de prático. Foi assim que mandou publicar no "Jornal do Comércio" uma série de sugestões à população, indicando para acabar de vez com o flagelo. Eu estava em casa lendo o jornal, na minha cadeira de balanço, quando dei com aquela notícia. Chamei minha esposa e disse: "O dr. Oswaldo Cruz acaba de tomar uma boa providência. Mas o "Jornal do Comércio" tem pouca circulação. O Departamento de Saúde devia mandar imprimir milhares de folhetos com essas instruções e distribuir esses folhetos por todos os cantos do Rio de Janeiro". Minha esposa então me alertou: "E você que faz aí, sentado na sua cadeira de balanço? Por que não escreve já uma carta ao dr. Oswaldo Cruz? Diga-lhe tudo isso que está me dizendo. Eu não posso mandar imprimir os folhetos, você sabe muito bem". Bati com a mão na cabeça. Minha esposa tinha razão. Escrevi a carta. E dois ou três dias depois, meninos distribuíam pelas ruas da cidade os folhetos com as instruções da Saúde Pública. E muito simples a opinião de Tucker sobre Oswaldo Cruz:

— Era um grande homem. Quando assumiu a direção da Saúde Pública, disse ao presidente Rodrigues Alves: não sou político profissional, aceito o cargo para agir em benefício do povo.

Outro diretor de Saúde que se fez amigo do velho Tucker foi Carlos Seidl, homem da mesma tempera do seu antecessor.

— Procurei o dr. Carlos Seidl para dizer-lhe que era preciso incentivar a campanha contra os mosquitos. A mosca representa um perigo enorme na transmissão de muitas moléstias terríveis, como por exemplo a tuberculose. Naturalmente, o dr. Seidl sabia disso mas achava difícil acabar ou pelo menos

diminuir a praga das moscas. Eu disse: dr. Seidl, tudo se consegue. O sr. me dá licença para apresentar uma sugestão? Ele deu. Pois é, dr. Seidl, fui falando, o senhor precisa esclarecer o povo, precisa convencer o povo de que é necessário fazer uma verdadeira guerra às moscas. O sr. devia mandar publicar um livro, com desenhos, mostrando todas as porcarias que fazem os mosquitos. Só assim o sr. conseguirá alguma coisa. Muito bem, disse-me então o dr. Carlos Seidl. Si o sr. escrever o livro, eu mando publicar. Eu fiquei muito contente com a promessa e procurei logo um médico, o dr. Belfort Duarte, expliquei-lhe tudo que queria e no fim de um mês o livro estava pronto. Levei-o ao dr. Carlos Seidl. O livrinho foi publicado e prestou um serviço imenso.

O velho Tucker diz, rematando a história:

— As moscas não acabaram decerto. Mas diminuíram muito. Naquele tempo era muito pior, o sr. não imagina!

Assim tem feito o pastor H. C. Tucker com uma porção de outras coisas neste país, ajudando uns e outros, sem distinção. Mas de toda a obra admirável, o Instituto Central do Povo, que fundou em 1906, no morro do Livramento, é a sua menina dos olhos.

— Comprei o terreno de uma família norte-americana. Fica ao lado da chácara onde nasceu o maior dos escritores brasileiros, Machado de Assis. Em 1906, achei que aquele era o lugar para edificar uma escola destinada à classe proletária. A Gamba era, então, como ainda hoje, infelizmente, um dos bairros esquecidos da cidade. Mas eu pensei que podia transformar muitos daqueles meninos briguetos, fadados à perdição, em homens de verdade. Tudo é uma questão de educação, pois Machado de Assis, que nascera no morro, não se havia tornado um grande homem?

E me conta, satisfeito:

— Onde hoje se levanta o Instituto Central do Povo, a mesma casa serviu, no tempo da guerra do Paraguai, de fábrica de material bélico. Lá se faziam torpedos, antilgamente. Hoje, educam-se crianças.

No ano de 1942, a frequência do Instituto atingiu, entre crianças e adultos, a mais de 200 mil pessoas. Ensinam-se desde o jardim da infância até o curso de admissão

e auxiliar de escritório. A escola diurna funciona das 8 às 12 horas. A escola noturna tem os cursos primário, admissão, datilografia e auxiliar de escritório. Além disso, funciona diariamente os cursos de corte e costura. O movimento de matrícula do Instituto Central do Povo foi, em 1943, o seguinte:

	Esc.	Esc. Cort.
	diur. nt.	ct.
Alunos	355 225	111
Professores	12 8	2

Há uma biblioteca com mais de dois mil volumes, possivelmente com maior frequência do que muitas outras bibliotecas da cidade. Praticamente o esporte: futebol, basquetebol, voleibol. Conseguiu o velho Tucker colocar junto ao seu Instituto uma seção do Instituto Nacional de Puericultura, que dá assistência às famílias pobres do bairro. Ai está uma grande obra, que não aparece no noticiário dos jornais. Falta de propaganda? Mas uma coisa seria como o Instituto Central do Povo não precisa de uma publicidade sistemática, como acontece com iniciativas sem a menor importância que a propaganda não se cansa de azucrinar os nossos ouvidos.

E por isso que o pastor Tucker não gosta de política:

— Não me preocupo com política. Meu tempo é pouco para cuidar do que devo. Hospitais, orfanatos, escolas.

Em todo o caso, Hugh Clarence Tucker fala-me de religião, da sua religião:

— O bem mais precioso do homem é a sua liberdade. Em matéria religiosa, como em tudo o mais, devemos respeitar essa liberdade. Cada indivíduo deve escolher a sua própria religião. É assim que mandava Jesus Cristo, assim devemos fazer. Cristo disse: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará". A liberdade está na revelação que Deus fez pelo seu Filho Jesus Cristo, quando veio a terra cumprir a Sua missão: liberdade de pensar, de examinar as escrituras sagradas, de adorar a Deus, conforme a vontade de cada um.

E acrescenta:

— Um pastor evangélico deve mostrar aos homens o caminho da liberdade, nada mais. E isso se consegue com amor, sem ferir a dignidade humana, respeitando a pessoa do homem. A Igreja Evangélica se interessa não somente pela transformação espiritual da humanidade. A nossa Igreja também cuida

MAGIA NEGRA



um bom café contra o calor

É a pura verdade! Um café fino, torrado e moído sem mistura, sempre feito à minuta, tem efeitos mágicos no combate ao calor. Uma experiência no "Palacio do Café" o convencerá.

PALACIO do CAFÉ

Avenida Rio Branco, 178

dos interesses da vida, em todos os seus aspectos: material, física, intelectual e moralmente. Queremos elevar o homem até Deus. Queremos também melhorar a sua condição na terra, dando-lhe boa alimentação, uma habitação decente e confortável, higiene, educação, saúde.

Oferece-me um livro, intitulado "Bases cristãs para a ordem mundial". São as preleções Merrick de 1943, proferidas na Universidade Wesleyana, de Ohio: discursos de homens como Henry A. Wallace, Francis J. McConnell, Willis J. King, Edgar S. Brightmann, Gonzalo Baez-Carmargo, Carter Goodrich e outros que acreditam num mundo melhor depois desta guerra.

— Acho que todos nós devemos pensar no pós-guerra, num mundo onde não haja distinção de raças. Num mundo livre, capaz de elevar o nível econômico e social da massa, que proporcione a todos bem estar físico e intelectual. Todos, protestantes, católicos, judeus, brancos e pretos, devemos esperar por esse mundo que virá, tenho a certeza, que não está muito distante de nós.

Um dos pontos essenciais do credo social do Concílio Federal das Igrejas de Cristo na América do Norte, última-

mente ampliado e reformado, como me indica o pastor H. C. Tucker, é o seguinte: "A economia social e o controle dos sistemas do crédito e da moeda devem se processar no sentido do bem comum".

— Os pontos fundamentais do Concílio são em número de 17. O último, precisamente, determina "o reconhecimento e a conservação dos direitos e das responsabilidades de liberdade para falar e congregar-se, e da liberdade de imprensa, estímulo da comunicação livre de pensamento com pensamento, como essencial ao descobrimento da verdade".

É interessante ouvir também o reverendo Tucker quando o velho pastor fala contra o preconceito racial:

— Antes de tudo, estabelecamos a distribuição entre raça e racismo. O estudo das raças humanas é um capítulo das ciências, que interessa aos antropólogos. Quanto ao racismo, trata-se de uma crença, que nada tem a ver com a pesquisa científica. Não acredito em raças superiores. Todos somos filhos de um único Deus. Todos somos iguais: pretos, brancos, amarelos, vermelhos. A Igreja Evangélica não admite preconceito racial. Infelizmente, nos Estados Unidos, por força da lei, as nossas igrejas estão separadas: há igre-

QUANDO A FELICIDADE DIZ O.K.... NA IGREJA!



Zé Palpite Feliz afirma:

Eeeêh... SALUS!

• PRECISAMENTE. Por trás de cada romance feliz, está esta verdade: Eêh SALUS! Salus é o sabonete dos vitoriosos: combate a Axlrose, protege a saúde, protege a beleza. Use Salus no banheiro se quiser viver feliz. E diga com Zé Palpite Feliz: Eêh SALUS!



- ★ DESODORANTE
- ★ ECONÔMICO
- ★ HIGIENIZANTE

O PASTOR TUCKER, HEROI DO BRASIL

jas para brancos e para pretos. Aceitamos essa situação, sem dúvida humilhante, porque não compete à Igreja intervir nos negócios do Estado. Mas temos feito o possível para resolver esse problema, um dos maiores problemas da nação norte-americana. O velho Tucker fala com

tristeza da odiosa questão racial, nos Estados Unidos, mas os seus olhos se iluminam de novo quando conta que um dos professores do Seminário Metodista, de São Paulo, que reúne trinta e tantos alunos, possui um professor negro:

— E olhe que é dos mais distintos. Formou-se no Granbery, foi o orador da sua turma e que belo discurso fez! É o professor de uma das cadeiras de Teologia. Chama-se João Ramos. Posso lhe garantir que se trata de um moço de grande valor.

Gosta de falar do Brasil como si falasse da terra em que nasceu, da sua choupana em Nashville, sala e quarto, onde dormia toda a família Tucker. É o velho Tucker um homem ligado à terra, um homem que acredita nas virtudes do povo:

— O Brasil progrediu muito, meu amigo, nesses cinquenta e sete anos. Em 1890, as estatísticas revelavam 85% de analfabetos. A percentagem diminuiu, mas é preciso estender ainda mais as facilidades de educação primária. Este povo precisa aprender a ler. Precisamos dar a este povo melhores condições de educação, de higiene, de saúde.

E o reverendo Tucker continua:

— Não sou economista nem tampouco sociólogo, mas acredito que a posição do Brasil, no após guerra terá uma singular importância: a de abastecer a Europa faminta. Eu lembraria a necessidade, portanto, de melhorar a vida rural do povo brasileiro. Eu conheço o Brasil, sei o que o povo precisa. 70% da população vive no campo e muito pouco se tem feito pelo trabalhador rural. Por certo que a industrialização é uma consequência lógica do progresso material. Mas tenho medo que a industrialização se processe sem se ter resolvido, no Brasil, o problema do campo, que é, a meu ver, um dos mais sérios e, ao mesmo tempo, mais descuidados de todos os grandes problemas deste país.

Os protestantes, segundo Tucker sempre me observa, têm o programa de cooperar com as autoridades públicas, nunca de hostilizá-las. Ai ficam algumas das sugestões do patriarca, que deveriam ser, pelo menos, meditadas.

— O Brasil — disse-me ainda o velho Tucker — é um país extraordinário. Eu me lembro da campanha da abolição, daquele formidável movimento de opinião, onde a liberdade de pensar, de escrever, de discutir garantiu o pleno êxito de uma das maiores vitórias do espírito popu-

LEIA E COLECIONE MENSALMENTE

IMPRESA MEDICA

A MAIS COMPLETA PUBLICAÇÃO NO GÊNERO DA AMÉRICA LATINA

Aparece mensalmente com 164 páginas de selecionada matéria científica

REVISTA DOS BONS CLINICOS

O MENSÁRIO DOS GRANDES LABORATÓRIOS

ENDERECO: CAIXA POSTAL, 2316 RIO DE JANEIRO, D. F.

ASSINATURA ANUAL Cr\$ 100,00
NÚMERO AVULSO Cr\$ 10,00
PEÇA UMA AMOSTRA!



sa independência foi obra da bodaria preta internacional, o começo da nossa "anarquia liberal-democrática", e com ela renunciávamos às nossas "melhores tradições" (naturalmente, as tradições do "bacalhau" reinol e das forças dos vice-reis), quebrando, assim, a nossa "continuidade histórica"... Da "revisão" barrosiana, escrita em estilo de rabula da roça, basta dizer que nem Caxias escapa! Caxias, que foi um espírito conservador por excelência, é apontado como um maçom-inimigo da "ordem", porque não prendeu Miguel de Frias, como devia ter feito, na opinião de Gustavo!

Tiradentes é o alvo predileto desses ataques "nacionalistas". Ridicularizam-no, tentam apoucar-lhe a figura, traçam dele o retrato de um louco, um "iluminado". Já é tempo de reagirmos contra essa onda de infâmia reacionária e restituir o herói à plenitude de sua glória. Tão grande ele foi que ainda é atual neste momento, em que no mundo inteiro se luta contra os mesmos princípios bárbaros e retrogradados contra os quais ele bravamente lutou,

Tiradentes morreu pela liberdade

sem olhar, nem medir sacrifícios, certo na sua serenidade de que não há opressão por mais forte, bestial e violenta que possa deter a marcha vitoriosa das ideias. A sua atualidade, decorrido século e meio de sua morte no patíbulo, é o testemunho vivo do seu valor. Tão grandiosa é a sua figura que a sua sombra se projeta até nós. Tão alto e elevado foi o seu pensamento que ainda hoje o seu programa — Liberdade e Progresso — é o nosso programa, a sua mensagem a nossa mensagem, o seu ideal de um Brasil economicamente emancipado e politicamente livre o nosso ideal. Que bandeira hoje desfaldamos senão a sua bandeira — a bandeira da Democracia? Que exemplo procuramos seguir senão o seu exemplo, o da luta até a morte pela Liberdade? Milhões de homens e mulheres se batem, agora em todo o mundo; pelo mesmo sonho generoso que o fez subir as escadas da for-

ca. Na Europa, na Ásia, em toda parte, em terra, no ar e nos mares, homens de todas as condições, de todas as raças, de todas as crenças religiosas arriscam a sua vida, sob o fogo dos bombardeiros e canhões, para que esse sonho se torne uma realidade. Não são "desabafos de preocupação" que os movem: são "princípios certos".

Na carta em que recomendava Tiradentes ao mestre de campo Ignacio de Andrade Souto Mayor Rendon, rogando-lhe que facilitasse o seu regresso a Minas Gerais, Manoel José dizia: "... ele é meu Patrício e conhecido a quem desejo que não tenha incomodo pois por falar a verdade o que neste tempo só as lisonjas mentirosas e valdosas delações é que agradam aos maiores e por este motivo os homens de bem se vêm neste tempo abandonados". Outra não era a impressão que de Silva Xavier tinha o capitão do regimento de voluntários de São Paulo

Paulo Manoel Joaquim de Sá Pinto do Rego Fortes. Em carta também dirigida a Rendon, sobre o mesmo assunto, escreveu: (... por não gostar de algumas coisas que tem visto nesta cidade e falar com alguma paixão, e razão vê-se vendido... ele é homem de bem, e por isso eu me condoo de seu incomodo". Era esse o juízo que os contemporâneos faziam do herói: um homem de bem, que falava a verdade com paixão e razão e não se prestava a lisonjas mentirosas. Um incorruptível. Por isso o perseguiram, prenderam e mataram. Mas, o que não puderam foi arrancá-lo do coração de seu povo, que ele tanto amou. Pernambucanos de 17, farroupilhas gaúchos, liberais mineiros e paulistas de 42, abolicionistas e republicanos, "tenentes" de 22, 24 e 30 — todos aqueles que se bateram no passado e se batem no presente por um Brasil próspero e feliz se resumem nesse grandioso homem-simbolo que é Tiradentes. Como eles, sabemos honrar a sua memória, continuando com o seu destemor, a sua luta.

MINHA BARBA FORTE E DURA FOI UM MAL QUE TEVE CURA!

NÃO FAZIA A BARBA EM CASA E TINHA O MEU ROSTO EM BRASA!

MAS UM DIA O BARBELINO ACONSELHOU-ME LADINO: COM ESSA BARBA DE ARRELI, SÓ GILLETTE TODO DIA!

DE FATO, É COISA PERFEITA E EU VI, AO PRIMEIRO EXAME QUE GILLETTE NÃO RESPEITA NEM MESMO BARBA DE ARAME!

Confôrto - Uma das vantagens da Gillette

Para os que têm a barba dura e a pele sensível, o barbear é um problema. A irritação da pele, provocada pelo passar da navalha, produz ardor e afogamento no rosto, tornando um suplício essa obrigação diária. Gillette é para essas pessoas o mais indicado remédio, pois nada há como Gillette para evitar a irritação da pele. Se deseja barbear-se com comodidade, economia e higiene, faça a barba em casa, com um aparelho Gillette Tech e as insuperáveis lâminas Gillette Azul, legítimas.

Gillette
C. Postal 1797 - Rio de Janeiro

O PROBLEMA DOS BÁLCANS

E AS LUTAS DE SEUS POVOS PELA LIBERDADE



Um camponês búlgaro

Hitler, por meio da força, de ameaças, de pressão diplomática e de entendimentos com certos dirigentes de países balcânicos transformou essa região da Europa em ponto de apoio para a sua expansão rumo ao oriente. Mas a força das armas aliadas — o heroísmo dos rusos e a tenacidade anglo-americana — transformaram seriamente a situação. Hoje as populações de países como a Rumânia, a Jugoslavia, a Húngria e a Bulgária já estão vendo que a hora da libertação se aproxima e recrudescem os movimentos de resistência.

O TRECHO dos debates hoje publicado começa por uma crítica às grandes potências. Revela aspectos interessantes das relações entre os governos que decidem a guerra e as nações balcânicas.

Vejamos, por exemplo, como Adamic responde a algumas considerações de Alvarez del Vayo, que é partidário de uma discussão franca e sincera, entre os homens de governo dos grandes e pequenos países que se batem pelo estabelecimento de uma política democrática em toda a Europa:

Adamic — Devemos registrar um forte criticismo quanto à política das grandes potências no decorrer das últimas décadas. O colapso da Tchecoslováquia não foi levado a efeito pela Tchecoslováquia. Foi causado pelo jogo perigoso feito pela Alemanha, França e Grã-Bretanha.

Hanc — Não gostaria de tirar completamente a culpa das nações balcânicas. Tornaria as coisas fáceis demais para nós.

Salvemini — A solução dos problemas balcânicos e, em geral, dos problemas europeus e mundiais, depende de dois fatores: a reorganização das políticas locais de cada país em acordo com os ideais democráticos; e da parte das grandes potências, a formação de políticas que não impeçam esta reorganização local. Se as forças democráticas locais não fossem bastante poderosas para triunfar sobre as forças dinásticas e oligárquicas dentro de cada país, as grandes potências não teriam podido criar as forças democráticas da noite para o dia. As grandes potências não teriam o dever de construí-las onde nunca têm existido. Estas potências não deveriam, porém, sabotá-las onde elas existem.

Dolivet — Estaria V. S. de acordo?

Hanc — Sim.

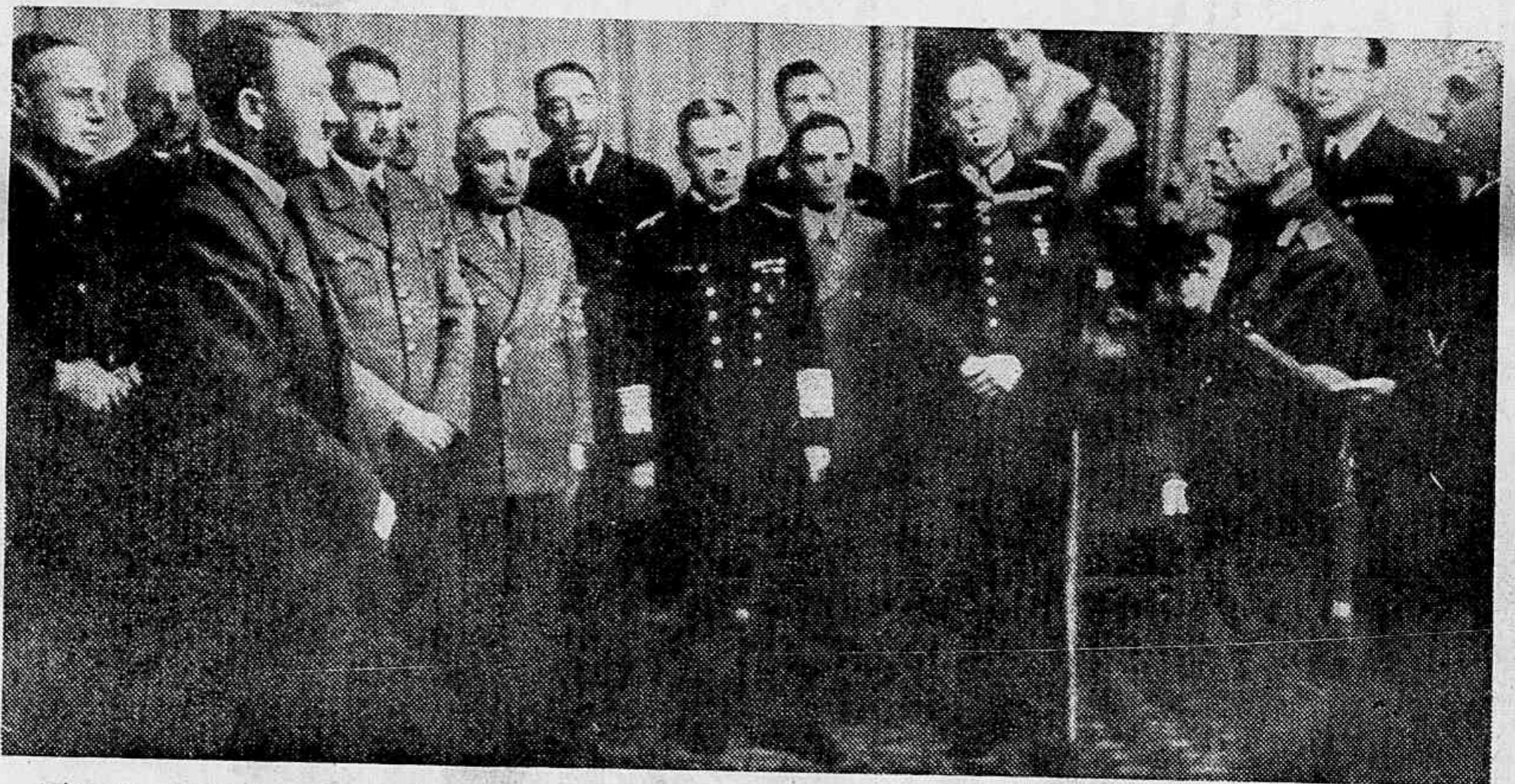
Dolivet — Tomemos como ponto de partida, a posição altamente otimista de que as duas condições estipuladas pelo sr. Salvemini es-



O rei Carol, alto e envergando espalhafatoso uniforme (digno de uma fantasia de Carnaval), conversa com Calinesco, mais tarde vítima de um atentado fascista

tão satisfeitas. Fazemos então esta pergunta: Quais são os problemas que vamos encarar? Do ponto de vista balcânico, haverá dentro dos Balcans, ou em alguns países vizinhos, problemas territoriais ou políticos que poderiam complicar a situação.

Adamic — Antes de tornarmos-nos otimistas, creio que deveríamos decidir primeiro uma outra coisa — sobre a união das grandes Nações Unidas para estabelecer uma fórmula de ação pela qual o otimismo tornar-se-ia uma possibilidade. Devemos começar imediatamente com os passos apropriados. Agora mesmo, do ponto de vista iugoslavo, um dos passos essenciais é reconhecer e tratar com o movimento de libertação na Iugoslávia. O movimento de libertação tem estabelecido lá uma fórmula de ação, pela qual os comunistas e não-comunistas estão trabalhando conjuntamente. Esta fórmula deveria ser estendida ao palco in-



Antonescu negociando a entrega de seu país aos nazistas como Hitler, vendo-se também no grupo Rodolfo Hess, base de operações contra a Rússia. Na fotografia ele fala a almirante Raeder e o general Keitel

ternacional. Quando assim for feito, será possível levar a cabo o que sugere o sr. Salvemini.

Dolivet — Os Chetniks estariam incluídos neste movimento de libertação?

Adamic — Não, a Frente de Libertação não inclui os Chetniks. Ele é antagonico aos Chetniks e vice-versa. Os Chetniks são, no meu parecer, uma espécie de...

Salvemini — Os Badoglios da Iugoslávia.

Viavianos — Uma unidade completa foi estabelecida na Grécia. Recentemente, recebi comunicação de seis dirigentes do Movimento Subterrâneo Grego, que foram ao Egito e conferenciaram nos quartéis-generais aliados, com os quais eles trabalham em mais estreita cooperação. Entre esta gente há dois Democratas Esquerdistas, um Comunista, um Conservador, — um homem que já fora membro do gabinete de Tsaldaris. Estes homens dizem que todos os partidos na Grécia estão colaborando maravilhosamente para conseguir não somente a libertação do jugo alemão, mas também a libertação das ditaduras, reis e todos os reacionários que possam tentar a formação dum governo que não seja democrático.

Infelizmente, os aliados não os receberam como deveriam tê-lo feito. Primeiramente, quando estiveram discutindo com estes homens sobre todos os assuntos referentes à cooperação militar, a atitude deles era generosa. Mas os britânicos começaram a criar toda espécie de dificuldades, assim que os dirigentes subterrâneos assinaram um manifesto em nome do desejo unânime do povo grego, para impedir o retorno para a Grécia do rei e do presente governo, antes que o povo grego decida do caráter, de após guerra, do seu próprio governo.

Uma censura rigorosa impede-nos de receber mais informações, não somente a respeito deles, mas mesmo a respeito do movimento subterrâneo que está fortemente oposto ao rei. Os ingleses vão até censurar os jornais subterrâneos. Todos nós neste país estamos profundamente interessados no movimento subterrâneo grego, o qual é forte e bem or-

ganizado como sabeis; mas temos sido impossibilitados de receber qualquer um dos seus numerosos jornais, pois todas estas folhas atacam o rei

Dolivet — Sr. Sharenkoff, estaria o movimento secreto na Bulgária demonstrando a mesma tendência esquerdista?

Sharenkoff — Sim. Existem outros elementos — os assim chamados burgueses — na Bulgária, mas a maioria são Esquerdistas, Agrários, Comunistas e Socialistas. Naturalmente o Partido Socialista está muito desacreditado na Bulgária, porque alguns dos seus dirigentes sustentavam o governo fascista.

Vambery — Perdoem se voltar, ainda, à história. Quando Napoleão derrotou Frederico-Guilherme III da Prússia, apareceram cartazes nas ruas de Berlim dizendo: "O rei perdeu uma batalha. O primeiro dever de um cidadão é de calar-se". Estava perfeitamente certo que estes que foram derrotados usassem este slogan. Mas agora, infelizmente, os vencedores aliados estão empregando-no para vencer o seu temor mortal da revolução. Carecendo de imaginação, acreditam eles aparentemente, que, sem diferenças de estrutura econômica e social, as revoluções fascista ou bolchevista são as únicas alternativas para todos os países.

Kosanovich — Farei uma citação dum discurso que pronunciei em janeiro passado: "Um mundo progressivo e democrático deve fazer tudo para sustentar as forças democráticas e progressistas na Europa, para que estas forças não fraquejem e o seu lugar não seja tomado pelas forças reacionárias, que teriam arruinado por completo as vítimas desta guerra e inevitavelmente criado condições que gerariam novas guerras. A humanidade está atravessando hoje uma revolução que pode ser canalizada e dirigida somente se formos corajosos e se olharmos em frente. Todo esforço para a reação criará somente um caos sangrento e a anarquia. Assim, desde o início devemos penetrar-nos de que não podemos criar um mundo novo com as forças que têm, direta ou indiretamente, conciente ou inconcientemente, auxiliado o desenvolvimento do fascismo.

Dolivet — Sr. Del Vayo, V. S. já teve alguma experiência com o temor da revolução. O que é que o sr. pensa disso?

Del Vayo — Em primeiro lugar, eu gostaria de comentar a sugestão do sr. Adamic de que reconhecemos a Frente de Libertação como representante das atuais forças democráticas — e as forças democráticas futuras — nos Balcans, e que devemos procurar tratar com estas forças, imediatamente. De modo semelhante, deveríamos tratar no tempo oportuno com as forças democráticas na Itália.

Salvemini — Em toda a parte.

Del Vayo — Isto não constitui um problema específico.

Salvemini — É um problema universal.

Del Vayo — Esta é a única política realista que poderíamos submeter à apreciação das grandes potências. Não precisamos esperar até que a guerra esteja terminada para tomar uma posição relativamente aos recentes acontecimentos na Itália.

De um modo geral, os oradores desse debate apreciam a questão do pós-guerra nos Balcans revelando bastante clarividência.

É certo que em alguns detalhes as cogitações ventiladas na mesa redonda da "Free World" não combinavam com a realidade dos fatos posteriormente verificados.

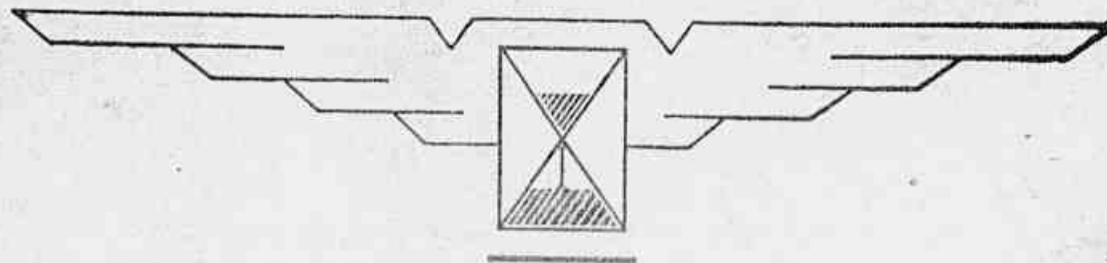
Mas isso não desmerece a importância dos debates nem depõe contra os homens empenhados nas discussões, pois em política nunca se pode fazer previsões. O prosseguimento dessa reportagem em números subsequentes de "DIRETRIZES", proporcionará a nossos leitores uma leitura de muito interesse e de grande atualidade, agora.

Sob o signo da Precisão



LONGINES conquistou o melhor resultado de regulagem no Observatório de Neuchâtel, na categoria de relógios-pulseira, postos à prova em 1942. Com um relógio de pulso LONGINES, V.S. aliará, à distinção de possuir um relógio tradicional, a certeza de uma pontualidade irrefutável.

LONGINES



10 GRANDS PRIX

Standard Propaganda